



Almeida Garrett



Obras



Completas





PQ 9261.A575 1904

Obras complet

cen



3 0081 001 545 056

Central Library
JOINT UNIVERSITY
LIBRARIES

NASHVILLE TENNESSEE

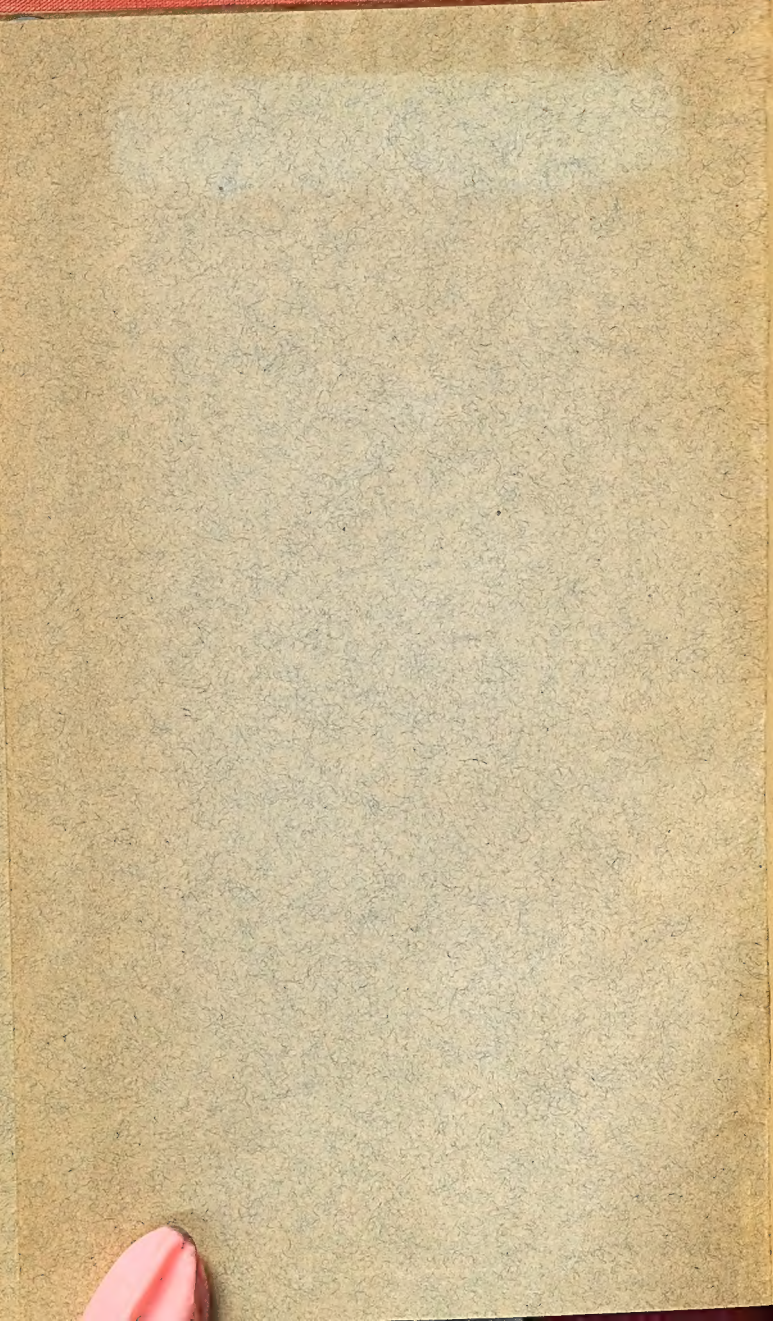


PQ
9261
.A575
1904
v.13

813697

DATE DUE

[illegible]



OBRAS COMPLETAS
DE
ALMEIDA GARRETT

XIII

54/2276

VOLUMES DE QUE SE COMPÕEM AS OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT

- I — **Retrato de Venus — Historia da Pintura — Fragmentos de poemas ineditos.**
- II — **Lyrica** — Vol. 1.^o «Lyrica de João Minimo».—«Fabulas e Contos».—«Sonetos».—«Odes anacreonticas».
- III — **Lyrica** — Vol. 2.^o «Flores sem fructos».—«Folhas cahidas».
- IV — **Camões**, poema em dez cantos.
- V — **D. Branca**, poema em dez cantos.
- VI — **Adozinda — Romances reconstruidos.**
- VII — **Romanceiro**—Vol. 1.^o «Romances da tradição oral».
- VIII — **Romanceiro**—Vol. 2.^o «Romances da tradição oral» —«Romances com forma litteraria».
- IX — **Theatro**—Vol. 1.^o «Catão».
- X — **Theatro** — Vol. 2.^o «Merope» — «Impromptu de Cintra».—«Corcunda por amor».
- XI — **Theatro** — Vol. 3.^o «Auto de Gil Vicente» — «Philippa de Vilhena».
- XII — **Theatro** — Vol. 4.^o «Alfageme de Santarem» — «Tio Simplicio».
- XIII — **Theatro** — Vol. 5.^o «Falar verdade a mentira» — «As Prophecias do Bandarra».—«Um noivado no Dáfundo» —«O Camões do Rocio».
- XIV — **Theatro** — Vol. 6.^o «Frei Luiz de Sousa» — «A So-brinha do Marquez».
- XV — **Arco de Sant'Anna** — Chronica portuense. — Manuscripto achado no convento dos Grillos, no Porto, por um soldado do corpo academico.—Vol. 1.^o
- XVI — **Arco de Sant'Anna** — Vol. 2.^o
- XVII — **Helena** (Fragmento de um romance).
- XVIII — **Viagens na minha terra** — Vol. 1.^o
- XIX — **Viagens na minha terra** — Vol. 2.^o
- XX — **Da educação** — «Cartas dirigidas a uma senhora illustre, encarregada da instituição de uma joven princeza».
- XXI — **Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua portugueza — Outros escriptos — Impressões e viagens.**
- XXII — **Memorias biographicas.**
- XXIII — **Portugal na balança da Europa** — «Do que tem sido e do que ora lhe convem ser na nova ordem de coisas do mundo civilisado».
- XXIV — **Politica** — «Reflexões e opusculos».—«Correspondencia diplomatica».—Vol. 1.^o
- XXV — **Politica** — «Reflexões e opusculos».—«Correspondencia diplomatica».—Vol. 2.^o
- XXVI — **Discursos parlamentares.**
- XXVII — **Cartas intimas.**
- XXVIII — **Garrett e a sua obra**, por Theophilo Braga.

OPRAS COMPLETAS

DE ALMEIDA GARRETT

Edição revista, coordenada e dirigida pelo Dr. Theophilo Braga

XIII

THEATRO

VOLUME V

Falar verdade a mentir

As Prophecias do Bandarra

Um noivado no Dáfundo

O Camões do Rocio

EDIÇÃO ILLUSTRADA



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

TYPOGRAPHIA

95 RUA AUGUSTA, 95 || 45, RUA IVENS, 47

1904



FALAR VERDADE A MENTIR

Completâmos este quarto volume do theatro do Sr. Garrett com a graciosa composição *Falar verdade a mentir*: é uma pequena comedia do bom, franco e jovial character antigo, mas nos costumes actuaes. A idéa geral tambem é do repertorio francez, como a antecedente; mas a idéa é o menos aqui, apesar de galante e engenhosa. O estylo, os modos, a phrase, o tom do dialogo, a verdade dos costumes são tudo. Este é um verdadeiro e *portuguezissimo* quadro de *genero*, como se diz, em que não ha caricatura, mas tam naturaes similhanças que ninguem deixa de conhecer os originaes e de rir com elles. Os originaes porém são typos genericos bem conhecidos, sem de nenhum modo ser individuaes; são as feições de uma parte da sociedade, mas não as de nenhuma pessoa d'ella.

Egualmente foi escripta esta peça para o Theatro de *Thalia*, e n'elle representada com muita acceitação e applauso.

FALAR VERDADE A MENTIR

COMEDIA

Representada, a primeira vez em Lisboa, no theatro de Thalia
pela sociedade particular do mesmo nome, em sete d'Abril de

MDCCCXLV

PESSOAS

BRAZ FERREIRA
AMALIA
DUARTE GUEDES
O GENERAL LEMOS
JOAQUINA
JOSÉ FELIX

UM LACAIO, UM CRIADO SEM LIBRÉ

Logar da scena—Lisboa

ACTO UNICO

*Sala de visitas elegante. Porta ao fundo e lateraes.
A' esquerda, mesa com escrevaninha*

SCENA I

JOAQUINA, JOSÉ FELIX

Joaquina—Entre, senhor José Felix, entre. Isto são umas madrugadas!... Para uma pessoa como o senhor José Felix, o criado particular de um fidalgo da côrte! Lá por fóra ainda mal são nove horas.

José Felix—Nove horas... e fidalgo da côrte! .. Recolha o seu espirito, senhora D. Joaquina. Meu amo é general, estamos de accordo; nove horas deram ha muito. Mas cá em Lisboa contam-se as horas e os fidalgos por outro modo. Lá na provincia, minha querida Joaquina...

Joaquina—Ai, como tu estás tolo! A provincia, a provincia... Ora isto! Saiba que eu que venho do Porto, senhor José Felix, que é a segunda capital do reino, e a cidade eterna, como dizem os periodicos. Provincia será a sua terra de você, que hade ser a Lourinhan, ou a aldeia de Pai-Pires, ou coisa que o valha. E então?...

José Felix—Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espirito, que já aqui não está quem falou. Soube inda agora que tinham chegado hontem á noite no vapor, que estavam aqui n'esta hospedaria, que é pegada quasi com a nossa casa; e vim logo, minha adorada Joaquina, reclamar o premio de onze mezes de eternas saudades.

Joaquina—E você, vamos a saber, você tem sido constante, fiel?...

José Felix—Horriavelmente fiel! Maldição, Joaquina, maldição!...

Joaquina—Que diz elle?

José Felix—Se tu vens da... da provincia não. Não, Joaquina, tu não vens da provincia, vens da cidade eterna.... Virás. Maldição eterna sobre quem o duvidar! Mas vens, vens d'onde ainda se não sabe a lingua das romanticas paixões, dos sentimentos copiados do nú da natureza como nós cá a temos na rua dos Condes, e nos folhetins das folhas publicas, que são o orgam da opinião incommensuravel dos seculos.

Joaquina—Se te eu entendo...

José Felix—Ah! tu não entendes? Bem, Joaquina, bem. Nem eu: nem ninguém. Por isso mesmo, Joaquina. A moda é esta. Deixa: em tu estando aqui oito dias, ficarás mais perfeita do que eu; porque a tua alma de mulher é feita para comprehender o meu coração de homem. E então, vês tu? Oh Joaquina, anjo, mulher, sôpro, sylpho, demonio! eu amo-te! amo-te, porque....

Joaquina—Cruzes!

José Felix—Não me interrompas, não me interrompas, deixa ir. Sylpho. anjo, sôpro, mulher! amo te, porque o meu coração está em braza, e tenho umas veias, e estas veias... têm umas arterias... e estas arterias têm.... não têm.... as arterias não têm nada; mas batem, batem como os sinos que dobram pelo finado na hora do passamento, que é morrer, morrer, morrer.... oh Joaquina, morrer! E que é a morte? E' a vida que cae nos abysmos estrepitosos da eternidade, que é, que é...

Joaquina—Isto é comedia, ou tu estás a mangar commigo?

José Felix—Isto é o drama das paixões, que o sentimento, a verdade...

Joaquina—Pois olha: tinha uma coisa muito séria que te dizer; mas como tu estás doido, adeus!

José Felix—A poesia da vida é esta, Joaquina. Mas... mas passemos á vil prosa dos interêsses materiaes do paiz, se é preciso. Vá. Far-te-hei mais esse sacrificio. Que exiges tu de mim?

Joaquina—Que deixes essas pateticas agora e oiças. Meu amo, o senhor Braz Ferreira, que é um ricos-

so como tu sabes, um d'aquelles negociantes do Porto que têm dinheiro como milho, vem de proposito a Lisboa para casar a menina. E' uma filha unica e morre por mim, coitada! E' um anjo! Prometteu-me que no dia que se assignassem as escripturas tinha eu o meu dote.

José Felix—Dote! Céos! um dote... Oh Joaquina, pois tu tens um dote?... Não quero saber de quanto. Quem eu! Maldição sobre mim!

Joaquina—Cem moedas.

José Felix—Oh! seja o que fôr, que me importal O amor, o amor verdadeiro não conta os pintos do objecto amado... Não... E é em dinheiro de contado, sonante, Joaquina?

Joaquina—Sim senhor.

José Felix—Melhor: porque bem vês, com a minha educação, um rapaz que emigrei, estive em Paris, e hoje sou criado particular de um general... habilitado para ser mórdomo de um club dos de primeira ordem — a Galocha já eu recusei — bem vês, não podia formar uma alliança que me não dêsse os meios de sustentar a posição social em que me acho collocado. Mas tu tens dote; acabou-se. Recolho o meu espirito e estendo a minha mão.

Joaquina—Ai, José Felix! mas o casamento de minha ama ainda não está feito.

José Felix—Fois que ha... que impedimentos?

Joaquina—Não sei... quando vinhamos no vapor pareceu-me, vi que havia transtorno. O pae e a filha tiveram suas coisas a esse respeito e a menina anda triste, desassocegada. Estou certa que ha impedimento grande, ha obstaculos...

José Felix—Obstaculos! Não ha, não os póde haver. A minha paixão, a nossa felicidade, cem moedas sonantes, mil pintos c'os diabos! absolutamente não póde deixar de ser, haue-se fazer este casamento, Joaquina... A honra, a delicadeza, tudo lhe ordena, senhora Joaquina, que vá já desenganar o papá. E se é preciso que eu tome parte na questão...

Joaquina—O caso era saber a gente o que é, e onde a coisa péga... Mas espera; olha, ahi vem a senhora D. Amalia: deixa-te tu estar e... Mas não vás tu fazer falta em casa a teu amo.

José Felix—Meu amo! Toma. Tu estás muito atrazada, Joaquina. Meu amo é um cavalheiro, um general, uma pessoa da primeira sociedade, portanto costumado a fazer esperar os outros, e a esperar elle pelos seus criados, que é a regra. Além d'isso eu tenho licença por todo o dia, que houve lá uma coisa em casa... A senhora chorou, o senhor ralhcou. Eu te contarei n'outra occasião, que hasde rir. O caso é que hoje tenho o dia por meu. Ella ahi vem, a tua ama. Vem triste, coitada! Firme, Joaquina! Olha que a coisa é séria para ti, um dote e um marido!

SCENA II

DITOS e AMALIA

Amalia—Joaquina! Joaquina! ando á tua procura. O senhor Duarte ainda não veio?

Joaquina—Não, minha senhora.

Amalia—Que homem é esse com quem tu estavas a falar?

José Felix—Anda, apresenta-me como gente.

Joaquina—Minha senhora, é aquelle rapaz de quem lhe eu dizia no Porto...

Amalia—Ah! já sei: o senhor José Felix. Tens bom gosto, Joaquina. O peor é que se vocês não têm de casar senão quando o meu casamento se fizer, tenho muito medo que ainda esperem bem tempo.

Joaquina—Então porquê, minha senhora?

Amalia—Ora, estou desesperada, transtornou-se tudo; meu pae quer quebrar com elle.

Joaquina—Com o senhor Duarte?

Amalia—Sim: pois com quem?

José Felix (*á parte*)—Meu Deus! e as nossas cem moedas!

Joaquina—Não é possível: a mesma familia, a mesma riqueza, um casamento tam igual, tam acertado... Seu pae não se hade atrever.

Amalia—Nada, não! Veiu a Lisboa—agora é que o eu sei bem—só para achar pretexto de o desmanchar.

Joaquina—Pois não o hade achar. O senhor Duarte é um rapaz como ha poucos. Juizo não lhe falta: suas doidices... não é, é pancada da mocidade.

Isso passa depressa. Bom coração... não o ha melhor. Quer a senhora saber? O mal que elle faz é por moda... todos assim são... e o bem que elle faz, que é muito, esse, minha senhora, não é moda que pegue.

Amalia—Pois sim; mas já que falamos nos seus defeitos, sempre te digo que elle que tem um, que se meu pae o vem a descobrir... Tenho-lh'o encoberto até agora, mas se elle o chega a conhecer, acabou-se, nunca mais lhe perdôa. Meu pae é um negociante dos antigos, que leva a honra e probidade, a lisura e a verdade no trato, a um ponto de severidade que é quasi rudeza... e Duarte é muito bom rapaz, não ha duvida; mas não sei se é distração se é doidice, tomou o costume de nunca dizer uma palavra que seja verdade.

José Felix—Percebo: tem viajado muito...

Joaquina—Não, mas é morgado, e de raça quasi castelhana...

José Felix—Entendo, entendo: échelas usted mas blandas.

Joaquina—E de mais a mais, ha seis mezes que está em Lisboa...

José Felix—Onde todos os talentos se aperfeiçoam.

Amalia—Emfim, meu pae declarou que a primeira mentira bem clara, bem provada em que o apanhasse, tudo estava acabado.

José Felix—Ora adeus! O senhor seu pae com effeito... elle ainda é parente, bem se vê, hade ter sua costella hespanhola... O seu projecto é outra hespanholada tambem... Querer impedir que um rapaz de tom, da moda pregue a sua peta!... Isso é mais do que formar castellos em Hespanha, é querer metter o Rocio pela Bitesga.

Amalia—Meu pae é que o não entende assim: e eu não sei como heide avisar a Duarte.

Joaquina—Vou eu pôr-me á espera d'elle. Não tarda a vir por ahi; e antes que entre e que fale com seu pae, heide avisál-o que tome conta em si, e que não dê noticias senão as que fôrem officiaes... a ser possivel.

Amalia—Calla-te: oiço falar no quarto de meu pae; é a voz de Duarte.

Joaquina—E' que entrou pela outra escada.

Amalia—Está tudo perdido! Se elle falou com meu

pae... apósto que já... Nunca vi: é que não póde, mente por habito e sem saber o que faz.

Joaquina—Então agora o que se podia... o que era de mestre, era fazer que o senhor Braz Ferreira o não conhecesse. Por fim de contas, a nós que nos importa que elle minta, comtanto que seu pae o não perceba?

José Felix—Ella tem razão, a Joaquina. E é mais facil isso. Se a senhora D. Amalia se confia em mim, e me auctoriza...

Amalia—Oh meu Deus! Se vocês encobrem aquelle defeito a meu pae, fico-lhes n'uma obrigação... Depois em nós casando, eu o emendarei. Que se não fosse isso...

José Felix—Está claro, minha senhora. Mas agora é preciso que o senhor Duarte me não veja. Eu é que se pudesse ouvil-o, e fazer assim idéa do seu modo.

Joaquina (*apontando para uma alcôva, á direita*)—Ora!... aquella alcôva... e tem uma porta que dá direita na escada... Elles ahi vêm: entra depressa, esconde-te.

SCENA III

JOAQUINA, AMALIA, BRAZ FERREIRA,
DUARTE

Braz Ferreira—Agora essa é demais!... Cem mil cruzados de renda!

Duarte—Pois é tal e qual como lh'o digo... uma senhora brasileira—marqueza, que é o menos que lá ha, a marqueza de Paraguassú. Engenhos de asucar a moêr, trezentos e seis; pretos... entre pretos, mulatos, cabras e cabritos, é uma conta que mette medo; sem falar em cajús, bananas, farinha de páo, papagaios e periquitos, que isso anda a rôdo pela casa—pois a mesma em pessoa é que me pediu, a mim.

Braz Ferreira—Uma marqueza devéras!

Duarte—Marqueza devéras. E eu recusei: escuso de dizer porquê... (*olhando para Amalia.*)

Braz Ferreira—E que caminho levou essa fidalga? Tomára vêl-a.

Duarte—Vêl-a, coitada! Apenas lhe dei o fatal desengano, saiu d'aquí no primeiro navio para Pernambuco, de Pernambuco á Bahia, da Bahia para Nitheroy, de Nitheroy—que desgraça!—passava para o Rio de Janeiro n'aquelle vapor que arre-bentou... morreu escaldada a pobre da marquezia.

Braz Ferreira—Que pena!

Joaquina (*áparte*)—Que fortuna!

Braz Ferreira—Se ella vivesse, queria saber...

Joaquina (*áparte*)—Por isso Deus a levou: inda bem!

Braz Ferreira—Sempre lhe acontecem coisas a este rapaz!

Duarte—Inda isto não é nada—Mas deixa-me falar com esta querida Amalia. Que gosto que eu tenho de a tornar a vêr! Mas chegou hontem, e não me manda dizer nada! Se eu tal soubesse, não tinha ido a S. Carlos, onde me succedeu, comtudo, uma aventura, á saída do theatro... Queriam roubar esta prima dona que chegou ha pouco... roubál-a... levál-a a ella n'uma sege .. Accudo eu, duas bengalladas no bolieiro, deito a mão ao cavallo das varas, o da bolêa espanta-se, quebra os tirantes, foge... os meliantes fogem tambem e... Mas que é isso, que tem? Que tristeza é essa? Então não sabe que seu pae consente emfim em nos unir hoje? hoje mesmo!...

Amalia—E' possível!

Duarte—Sim, deu-me a sua palavra que esta noite, depois do jantar, se assignavam as escripturas; mas com uma condição sómente que me não quiz dizer qual era. Disse-lh'a, não disse?

Amalia—Disse, Duarte, disse; e bem medo tenho que já não esteja no seu poder cumpril-a.

Braz Ferreira—Pelo menos hade-lhe custar, me parece. Mas quero ser justo, e não heide condemnar sem provas. Por desgraça estou bem persuadido que te não hasde ver afflicto por me dar quantas eu queira d'aquí até á noite.

Duarte—O que a mim me parece é que no Porto deram em falar por enygmas, porque eu não entendo nada. Mas seja o que fôr: o que eu entendo bem é o amor que lhe tenho, Amalia, a affeição tam verdadeira que me inspirou, e que me persuado merecer-lhe tambem. Estou tam contente de a vêr... Separados ha seis mezes!

Braz Ferreira—Queira Deus que tu tenhas aproveitado este tempo, que adquirisses amigos, boas relações, protectores. Nas tuas cartas nunca me falavas no general Lemos, o melhor amigo de teu pae. Dar-se-ha caso que o não fosses visitar, ou que deixasses de frequentar uma casa que?...

Duarte—Ao contrario, vou lá todos os dias. E' a casa mais agradável de Lisboa: uma senhora extremamente amavel... O outro dia compuz eu uma modinha para ella... uma lettra que não ficou feia... hoje tinha ficado de lhe ir levar a musica.

Joaquina (a Amalia)—Jesus! que medo que eu tenho! José Felix, que está em casa do general, tinha-m'o dito decerto, se fosse verdade.

Duarte—O meu general, coitado! o meu santo general Lemos tem-me obsequiado e tem-me feito serviços... interessou-se por mim de uma maneira... O caso é que hoje tenho eu á minha disposição, para escolher, tres logares de primeira ordem, recebedor geral em Evora, Santarem...

Braz Ferreira—Escolho eu: Santarem. E vamos já, já d'aqui sem demora a casa do general.

Duarte—Ora! inda agora chegou, se pôde dizer, e hade ir já tratar de negocios! Não senhor, cuidemos dos divertimentos primeiro. Quero eu fazer as honras da capital a esta senhora. Ha hoje beneficio em S. Carlos, toca o Listz: mandei-lhe tomar uma friza. Depois vamos ao baile do club: temos quantos bilhetes quizerem; eu sou director.

Braz Ferreira—Tu és director, tu!

Duarte—E' verdade: eleito por duzentos votos.

Braz Ferreira—Duzentos votos! pois quantos socios tem o club?

Duarte—Duzentos e um. Não perdi senão um voto; e mais foi cá por certa coisa que eu sei.—E' verdade, e como se arranjam n'este hotel? E' o melhor de Lisboa. Os quartos não são grandes, não... Mas eu móro nos outros de cima, e então... foi egoismo da minha parte...

Braz Ferreira—A falar a verdade, eu gostava mais do Caes do Sodré.

Duarte—Ora se eu tal soubesse, mandava arranjar um quarto da minha casa que é mesmo no fim da rua do Alecrim.

Amalia—A sua casa!

Braz-Ferreira — Pois tu tens uma casa em Lisboa?

Duarte—E que me não custou cara. Assignei por trezentos contos na Companhia-monstro, vendi, ganhei dez por cento sem desembolsar cinco réis .. bagatella! trinta contos de réis: não sabia o que lhe havia de fazer, comprei aquella casa.

Braz-Ferreira—Com a brécal é fortuna.

Duarte—Uma casa linda, nova: sahida por tres ruas — e tenho quasi tudo alugado:—tudo, inda assim! menos o segundo andar que é o melhor, e para onde podiam ir se eu soubesse. Mas emfim sempre era um segundo andar.

Braz-Ferreira—Que me importa! Os segundos andares em Lisboa é o mais habitavel das casas. Vou para lá morar eu para a tal casa.

Duarte—Que pena que eu tenho! Se tal adivinhasse, não a tinha vendido hontem.

Braz-Ferreira—Pois já a vendeste?

Duarte—E' verdade, trinta e tres contos; e inda ganhei... uma bagatella é certo; mas sempre é melhor que perder. E havia seus concertos, suas despezas que fazer.

Braz-Ferreira—Concertos n'uma casa nova?

Duarte—Eu lhe digo: é que as aguas-furtadas tinham sido feitas de empreitada, e bem sabe... Emfim, vendi e não fiz mal. Trinta e tres contos é mais certo, e não paga impostos e tal...

Braz-Ferreira—E o comprador é pessoa segura?

Duarte—Oh! segurissima. Um homem de uma fortuna immensa, um negociante retirado, Thomaz José Marques... hade conhecer...

Braz-Ferreira—Não conheço: admira-me.

Duarte—Tem estado quasi sempre no Brasil e em Inglaterra, veiu estabelecer-se aqui agora. Compra tudo qaanto apparece em bens de raiz. Esta manhá ficou elle de me trazer aqui o dinheiro. Não me dá cuidado nenhum.

Joaquina (*á parte*)—Nem a mim.

Amalia (*baixo a Joaquina*)—Ai Joaquina, que esta parece-me que é...

Joaquina (*baixo a Amalia*)—Tambem a mim.

SCENA IV

DITOS, UM CREADO DA HOSPEDARIA

Creado (*trazendo uma carta*)—Para o senhor Braz Ferreira, do Porto.

Braz Ferreira—Sou eu: dá cá. (*Abre*) Ah! é para o tal pagamento. (*O criado sae*) Vejamos as minhas contas: quanto tenho eu em dinheiro?... Dá-me licença, Duarte; tenho uns papeis que arranjar. Conversa com minha filha. (*Tira a sua carteira e vae sentar-se á esquerda*).

Amalia (*baixo a Duarte*)—Não se emenda, está visto.

Duarte—De a adorar? não, decerto.

Amalia—Não é d'isso, é do seu maldito vicio, que nos deita a perder: meu pae jurou que desfazia o nosso casamento se d'aqui até á noite o apanhasse n'uma mentira.

Duarte—Oh! meu Deus, o que fiz eu.

Amalia—Pois que é, Duarte? Tudo quanto tem estado a dizer?...

Duarte—E' verdade no fundo; accredite: agora os detalhes... os pormenores... eu não sei como isto é... não é com má tenção... mas a maior parte das vezes, as coisas contadas taes quaes como ellas são... ficam d'uma semsaboria tal...

Amalia (*com ironia*)—Que não póde resistir ao desejo de as enfeitar, e de mostrar a riqueza da sua imaginação.

Duarte—Não torno mais. Juro-lhe que nunca mais.

Amalia—Calle-se, que póde ouvir meu pae.

Duarte—Não me importa, não tenho medo; estou emendado e para sempre. Amalia prometto, heide ser o modello dos maridos, leal, sincero, verdadeiro, sempre...

Amalia—Sempre! Se meu pae ouvisse essa palavra, desfazia logo o nosso casamento.

Duarte—Amalia, isso tambem é demais!...

Braz Ferreira (*chegando com um papel*)—Não tenho dinheiro que chegue. E eu sem me lembrar!

Duarte, hasde-me fazer um favor.

Duarte—Qual? estou prompto.

Braz Ferreira—Uma lettra de tres contos de réis para descontar.

Duarte—Em bem má occasião, co'a fortuna! não tenho um pinto.

Braz Ferreira—Não tens!... e aquelle dinheiro?

Duarte—Qual dinheiro?

Braz Ferreira—O da tua casa.

Duarte—Da minha casa?... Ah sim, é verdade. E' que actualmente...

Braz Ferreira—Já dispozeste d'elle?

Duarte—Não, não, isto é, decerto modo já; mas propriamente...

Amalia (*baixo a Duarte*)—Vê o que é mentir.

Duarte—Em summa, porque lhe não heide dizer francamente o que é, meu tio?... Eu tinha minhas dividas...

Amalia—Outra, Duarte?

Duarte—Não, esta não; é verdade purissima. Um rapaz não póde viver sem isso. Ora succedeu, por uma coincidencia exquisita, que o comprador da minha casa, o tal senhor José Marques...

Braz Ferreira—Inda agora disseste Thomaz...

Duarte—Thomaz José Marques, um fino agiota da gemma.

Braz Ferreira—Tinhas-me dito um negociante.

Duarte—Negociante, porque negoceia em papeis e descontos por atacado, e faz uzura em grôso. Emfim, o meu honradissimo homem, que já é commendador e sáe conselheiro um dia d'estes, era o que me tinha emprestado o dinheiro. De sorte que na compra da casa, feitas bem as contas...

Braz Ferreira—E tu devias ao comprador?

Duarte—Uns dez a doze contos de réis.

Braz Ferreira—Então vendeste por trinta e tres: tem de te dar ainda de tornas vinte e um contos.

Duarte (*atrapalhado*)—Vinte contos de réis... E' o que lhe eu dizia... (*Aparte*) Como heide eu sair d'esta?

Braz Ferreira (*olhando para elle*)—Dar-se-ha caso que tu me pregasses uma das tuas... que tal comprador não exista?

SCENA V

DITOS, JOSÉ FELIX *disfarçado em negociante velho*, JOAQUINA

Joaquina—O sr. Thomaz José Marques.

Duarte (*pasmado*)—O senhor!...

Braz Ferreira (*idem*)—Como?

José Felix (*a Duarte*)—Peço-lhe desculpa meu caro senhor Duarte, de o perseguir assim pelas casas alheias; mas a obrigação, como lá dizem está primeiro que a devoção. E aqui, parece-me que todos parentes os senhores, não quer dizer nada... O senhor seu pae, creio eu?... E estas senhoras, suas manas? Tenho a honra de as cumprimentar. Custa-me vir importuná-l-o... mas são duas palavras e já me retiro.

Duarte (*áparte*)—Que historia será esta?

Amália—Estes senhores querem tratar dos seus negocios... Meu pae dá licença, eu retiro-me.

Duarte—Para quê?... Eu por mim, não tenho segredos nenhuns...

José Felix—A falar a verdade, para uma senhora não é divertido ouvir tratar de titulos, registos, termos de posses, escripturas... ainda se fossem de casamento—vá, tem a gente paciencia, recolhe o seu espirito, e...

Braz Ferreira—Vae, minha filha, vae: nós não tardamos tambem.

SCENA VI

DITOS, *menos* AMALIA

José Felix—Então meu caro senhor! eu venho acabar com isto: fazemos ou não fazemos o negocio da sua casa?

Duarte (*admirado*)—Da minha casa?

José Felix—Da sua casa... inda assim! da que vossa senhoria vendeu e eu comprei: não se trata senão de entrar de posse... E' verdade: que cabeça a minha! Muitos recados da senhora D. Jacintha Marques, minha mulher, uma creada de vossa senhoria. Já me ia esquecendo. E' que eu

em se tratando de negocios, a respeito de tudo o mais recolho o meu espirito.

Duarte—Ah! então o senhor vem?... (*a Braz*) A mim sempre me succedem coisas! Esta é a mais extraordinaria...

Braz Ferreira—Que lhe achas tu extraordinario? Vendeste a casa...

Duarte—Está claro... pois isso é o que me admira. Mas se o tio soubesse!

José Felix—O contracto não está assignado, mas é como se o fosse. Oh! bem entendido: décima e impostos annexos, por este anno ainda lhe pertence a vossa senhoria pagál-os.

Duarte—Esta agora é melhor! não me faltava mais nada. Com que eu hei de pagar?... eu! a décima da tal dita casa que... que vendi ao senhor... senhor...

José Felix—Thomaz José Marques, um creado de vossa senhoria.—Pois, meu senhor, é como se tudo tivesse assignaturas e signaes em publico e razo. Eu sou um homem de dizer e fazer. E o dinheiro está prompto; quando quizer.

Duarte (*áparte*)—E' uma pulha de entrudo; está visto. Mas deixa, que eu já te apanho. (*Alto*) Então como o dinheiro está prompto, meu caro senhor Thomaz José Marques, o dito dito, faz favor de m'o entregar...

José Felix—Essa é boa! certamente. (*procurando nas algibeiras d'onde, por fim, tira a caixa do tabaco*) Assignado o contracto e certidão tirada do registo das hypothecas...

Braz Ferreira—Tem razão.

José Felix—Além d'isso, o senhor Duarte bem sabe, aquellas continhas velhas... não lhe venho a restar senão...

Duarte (*áparte*)—Não sei como se póde mentir com aquelle desembaraço...

José Felix—E já está em poder do tabellião o saldo...

Duarte—Pois é pena! tinha vontade de vêr as cruces ao seu dinheiro, senhor Marques... E por causa d'este senhor meu sogro, mais por outras razões particulares... se me podesse dar aqui já algum ao menos (*áparte*) tinha mais graça a mangação.

José Felix—Faço idéa: na sua posição, hade-lhe ser preciso realisar .. ainda que não seja senão para as suas fianças.

Duarte—As minhas fianças.

José Felix—Então! a recebedoria geral de Santarem.

Braz Ferreira—O que? pois elle será verdade?...

O que tu me diseste inda agora de um emprego?...

José Felix—O decreto está assignado: não ha ninguém que o não saiba... O general Lemos tem uma influencia com os ministros... Inda esta manhã estive com elle. E' um bello sujeito o general... e olhe que é seu amigo, senhor Duarte, seu amigo devéras... E então a senhora D. Mathilde, a mulher do general? não falemos n'isso. E' verdade: tenho que ralhar com vossa senhoria da sua parte. Isso não é bonito; prometteu, deve cumprir. Aquella musica, não se lembra? para aquella modinha, que lhe fez a letra—e que hade ser linda... mas não ha musica onde caiba.

Duarte (*á parte*)—Irreal! isto já é descôco de mais... é já muita caçoada junta. (*Alto*) Oh lá senhor... sabe que mais?...

José Felix—Aos pés de vossa senhoria, senhor recebedor geral!—Um logar magnifico! verdadeiramente dos rendosos e pouco trabalhosos! Com um pouquinho de geito e de *savoir-faire*—quaesquer boas relações no thesouro, um amigo seguro nas companhias-monstros... póde-se andar muito caminho em pouco tempo. Hão de gritar, é o costume—hão de gritar: o recebedor geral para aqui, o recebedor geral para acolá!... Deixál-os gritar; ri-se a gente, e vae arrangando a sua vida. A minha regra, a minha regra, que é: em ouvindo tolices recolho o meu espirito. E com isto não enfado mais. Creado e fiel captivo .. (*Vae-se*).

SCENA VII

DUARTE, BRAZ FERREIRA, JOAQUINA

Duarte—Com effeito, sempre é o maior falador!

Braz Ferreira—Tenho que te pedir perdão, meu Duarte: confesso-te que tinha desconfiado, estava em duvida...

Duarte—O que! pois meu tio?...

Braz Ferreira—Mas acabou-se com isto, acabou-se. Vamos já immediatamente a casa do general, e apresenta-me como teu sogro, quero-lhe agradecer.

Joaquina (*áparte*)—Está perdido!

Duarte (*atrapalhado*)—Hoje é... domingo... hoje está elle na Outra banda na sua quinta da Lameda. E' um sitio delicioso a Lameda, á borda do Tejo, uma vista, uns áres.. Vamos lá, uma, duas vezes na semana: sempre lhe digo, senhor Braz, que ha alli um bilhar em que eu tenho feito as bolas mais espantosas... O outro dia carambolei... eu lhe digo como a negra estava...

Braz Ferreira—Sim, sim; mas não é hoje que o general hade jogar no tal bilhar, porque ainda agora este Thomaz José Marques me disse que tinha estado com elle esta manhã. Assim, como eu não estou para ir só, vamos.

Duarte—A'manhã, cada vez que quizer; mas hoje é-me impossivel.

Braz Ferreira—Então porquê?

Duarte—Tenho uns amigos á minha espera esta manhã—um pequeno almôço de rapazes... mas contamos com o meu caro sogro.

Braz Ferreira—Eu não posso: prometti de ir almoçar com o barão da Granja.

Duarte—Ahi está! E eu que tinha mandado fazer um almôço magnifico, um verdadeiro *ambigu*. Champagne, já se sabe. Um cerceal da Madeira que bate quantos hocs e johannisbergs tem o Rhim—torta de camarões e ostras, e dois faisões que me chegaram hontem de Inglaterra pelo vapor, coisa preciosa! (*Joaquina parece tomar sentido na lista dos pratos.*)

Braz Ferreira—Ora vá--pois seja... Mas ainda não são senão dez horas; o teu almoço hade ser como o meu, para o meio dia: e d'aquí lá, temos tempo de sobejo para ir a casa do general. Assim, anda, vem... Então que é isso!

Duarte (*áparte*)—Está teimoso com a tal visita.

Joaquina (*áparte*)—O pobre rapaz não sabe com que santo se hade pegar.

Braz Ferreira—Então! que tens tu? Que pasmaceira é essa? Não podes sahir de casa por meia hora?

Duarte--Pois enfim, meu tio, já que não ha outro remedio, vou dizer-lhe... já que lhe não posso occultar o que eu tanto desejava... saiba que não posso sair de casa esta manhã nem um minuto. (*Baixo*) Tenho um desafio, e estou á espera do meu adversario.

Braz Ferreira--Oh meu Deus!

Joaquina--Bem n'o dizia eu: aqui temos outra.

Braz Ferreira--E então aquelle almoço que tu me dizias ainda agora?

Duarte--Lá está... lá está o almôço, posto lá, á espera... Um dos rapazes que ahi vem almoçar é que me hade servir de padrinho.

Braz Ferreira -- Isso! outra cabeça doida como a tua: haviam de fazel-a bonita... Não senhor, tócame a mim: eu é que heide arranjar esse negocio.

Duarte--Ora, não se metta n'isso, deixe cá a gente. Póde compromettel-o... nós somos rapazes, é outra coisa.

Braz Ferreira--Nada, nada! quero saber como isso é, como isso foi, senão adeus casamento.

Duarte (*á parte*)--Que diacho de homem! (*Alto*) E o seu almoço em casa do barão da Granja?...

Braz Ferreira -- Importa-me cá almoço nem meio almoço! que espere o almoço. Trata-se da tua vida, da tua honra... Tu, filho do meu maior amigo, e agora meu filho, que és quasi como se o fosses já! Vamos fala, conta-me lá como isso foi, quero saber tudo por meudo.

Duarte (*á parte*)--E' um homem capaz, por fim de contas o meu sogro (*Alto*) Ora pois ouça, senhor Braz, e não tome estas coisas em ponto de admiração... é um caso como ha tantos, um *mal-entendu*, uma brincadeira por fim.

Braz Ferreira -- Não está má brincadeira! pôr em perigo a sua vida, a de um amigo! Assim é que vocês o entendem...

Duarte--Primeiro que tudo, é um inglez.

Braz Ferreira--E' o mesmo... E para que hasde ir tu logo ás do cabo, logo com as mãos á cara?...

Duarte--Eu não lhe toquei.

Braz Ferreira--Ou com palavras?

Duarte--Eu não lhe falei.

Braz Ferreira--Então?...

Duarte--Eu lhe digo como a coisa se passou. Fui

hontem jantar fóra, a Bêmfica... uma casa linda á Beira da estrada... O dia estava bello, um dia de verão. Depois de jantar viemos tomar café para um terraço delicioso que fica mesmo rente com a casa... E' uma especie de kiosque... uma lindeza! faça ideia... e pouco elevado do chão. A casa fez-se este anno, ainda lhe não puzeram grades no terraço... repare bem n'esta circumstancia... note...

Braz Ferreira—Noto, noto, e faz-me estremecer. Querem vêr que succedeu alguma?

Duarte—Oíça; a dona da casa, senhora extremamente amavel... e moça ainda... uns olhos pretos!... a dona da casa pergunta-me se quero mais assucar... Eu tinha a chicara na mão, o café soberbo e a ferver... Eu entretido a olhar para a senhora e a dizer lhe algumas coisas agradaveis... o tio bem sabe... não reparei na chicara que estava muito cheia a deitar por fóra... e eu de sapatos... Sinto esalदार-se-me um pé, de repente, dou um pulo á retaguarda, empurro um sujeito que estava por traz de mim... para a borda do terraço... e com a fortuna...

Braz Ferreira e Joaquina—E Jesus!

Duarte—Perigo nenhum!... cinco ou seis palmos de altura... Mas a desgraça foi que justamente n'esse momento passava um official inglez da nau... viria de Cintra ou das Laranjeiras, mas vinha a pé... para um inglez é indifferente; e o meu sujeito cahe-lhe mesmo em cima dos hombros.

Joaquina (*rindo*)—Ah! ah! ah! Já não posso mais.

Braz Ferreira—O' Joaquina, pois ris-te?...

Joaquina (*contendo o riso*)—Oh! senhor, é que eu já não posso... não me pude conter.

Duarte—O mesmo succedeu a toda a companhia. O inglez desesperado embirra commigo, teima que eu o fiz de proposito, que lhe atirei com o homem... eu procuro acommodar a coisa; offereço-lhe a desforra, dando-lhe até um primeiro andar de partido, isto é, que o atirem a elle do segundo sobre mim... Recusa tudo... não houve remedio senão dar-lhe a minha *adresse*; elle dá-me a sua... E lord Coockimbroock ahi vem logo buscar-me com um par de pistolas.

Braz Ferreira (*abanando a cabeça*)—Confesso-te

que a tal historia sempre me parece bem extraordinaria... Mas não importa, eu não te largo, e quero ser o teu padrinho.

Duarte (*á parte*)—E' cabeçudo ou não é? (*Alto*) Mas, senhor Braz, eu faço escrupulo de lhe pregar uma maçada... E se elle não vier?... Não era a primeira que succedia. Ha por ahí sujeitinho que, á mais pequena coisa, tem logo na bocca «A sua *adresse?*» Cuidam que é para a gente lhe não escapar? Não senhor, é para se escaparem elles.

Braz Ferreira—Pois bem, se elle não vier, iremos nós ter com elle.

SCENA VIII

DITOS, JOSÉ FELIX (*de inglez*), UM CREADO

Creado—Milord Coockimbroock!

Braz Ferreira (*espantado*)—O quê?... pois devêras?...

Duarte (*admirado*)--Temos outra! Esta agora ainda é melhor.

Joaquina (*á parte*)—Bravo!... vou dizer a minha ama, e advertil-a...

SCENA IX

JOSÉ FELIX, DUARTE, BRAZ FERREIRA

José Felix—Sinhórr, eu vem tomar vóssinhórrie pôr o pequena diverrtissemento de .. to exchange, querr dizerr, trrócar dois terras de pistol entre nós ambas amiguevolmente.

Duarte (*á parte*)—A' pistola, c'os diachos!

Braz Ferreira—Pois quê, milord! o caso de hontem?...

José Felix—Essa foi muito disagrréavel! E ésto foi por guarrdarr todo o cólerra que me tem causade, que eu guarrdarr meu sombréro—em porteguiz, meu chapello—como elle esteve hontem. (*Mostra o chapau com o fundo dentro*) Vê vóssinhorrie? Oh! eu vem pedirr satisfáxion in fórrma.

Duarte (*á parte*)--Agora é que eu já não entendo. Estou a vêr se por acaso... Não fosse eu dizer a verdade?

José Felix—Oh, yess! foi um brincadeiro muito má. Eu não impedir vossinhorrie de atirrar com homem, se faz-lhe prazer, *if you please*; mas é estylo de suo capital gritar primeirra de janella: «*homem vae!*»—Eu trazia meu umbella, podia ter abrrido, como faz quando dizem: «*aguo vae*»—que é sempre um grande peto em Lisbon, este de dizer: «*aguo vae*»—Oh, yess! não é aguo, vóssinhorrie... (*Sorrindo.*)

Duarte (*áparte*)—Irre! Chegou-me a mostarda ao nariz, com o tal engraçado tolo que apostou de mangar commigo: heide saber quem elle é. (*Alto*) Pois senhor, uma vez que veiu para se bater, havemo-nos bater, e já.

Braz Ferreira—Essa é que é a moderação que tu me dizias?...

SCENA X

DITOS e AMALIA

Amalia (*accudindo*)—Oh meu Deus! que é isto?

José Felix (*baixo a Amalia*)—Separe-nos, ande... (*Alto*) Eu não bato a mim.

Duarte—Mas mim bate a ti. Agora o veremos.

Braz Ferreira—E eu mando-te que te calles. Que tal está! Ai que eu!... (*Áparte*) E eu que cuidava ao principio que era uma brincadeira!... e o jogo é a valer. (*A José Felix*) O senhor é o offendido...

Duarte—Não senhor, o offendido sou eu.

Braz Ferreira—Tu! tu que o ias matando, aleijando pelo menos!

Duarte—Não é verdade.

José Felix—E' verddade.

Braz Ferreira—E' verdade sim senhor: a culpa é sua, não ha que duvidar.

Duarte—Se meu tio o diz, não tenho remedio eu senão acreditál-o.

Braz Ferreira—Ora graças a Deus! que confessou a sua culpa, e entrou na razão emfim. Da sua parte, milord, espero que desista, que se esqueça...

José Felix—Se o senhor está muito triste, *very sorry*, se não tinha intenxion...

Braz Ferreira—Não tinha, não.

Duarte—Não tive.

Braz Ferreira—Então vamos! esqueça-se tudo; e em signal de reconciliação, milord, hade almoçar connosco.

Amalia—Inda bem! respiro.

Duarte (*á parte*)—Verdade, verdade, não tenho muito de que me queixar. Inda eu lhe sou obrigado ao tal maganão que embirrou a fazer-me este serviço. (*Alto*) Oh lá! Joaquina, Izidoro! algum de vós... E' preciso mandar arranjar depressa alguma coisa...

Braz Ferreira—Para quê?

Duarte—Pois o senhor almoça connosco...

Braz Ferreira—Almoça: e então? tu tens almoço em casa para um príncipe. Já te esqueceste?

Duarte—Ah! sim... decerto... Mas talvez um almoço de garfo... sem chá preto... sem manteiga fresca... não será de gosto de milord...

José Felix—Eu peço o seu perdão, vóssinhorrie. O meu estomago é cosmopolitana, e entende todos linguas; janta em francez, portuguez... não importa; almoça com *Turquia* se e preciso, e ceia sobre *Peru*, se vóssinhorrie dá prazer.

SCENA XI

DITOS e JOAQUINA

Joaquina—O almôço está na mesa.

Duarte (*espantado*)—O almôço!...

Joaquina—Venha cá vêr como está bonita a mesa. (*Leva-o á porta do fundo*) Garrafas de Champagne, fructas, pastelão, tudo tam bem posto... hein?

Duarte—Não ha duvida: o almôço alli está. Acabou-se, já me não deixam mentir... é escusado.—Agora posso dizer o que eu quizer. (*Alto*) Amalia! (*Dá-lhe o braço.*)

Braz Ferreira—Milord! (*Conduzindo-o para a porta do fundo*)—*Sáem todos menos Joaquina.*)

SCENA XII

Joaquina (*só*)—Pobre rapaz! ficou como pateta! Se elle não está costumado a isto... Condemnado a falar verdade vinte e quatro horas a fio... Tam-

bem olhe que nos dá um trabalho! porque mente com um desembaraço e sem a menor consideração... Já se tinha esquecido da pêta do almoço. Felizmente que nós estamos prevenidos, e graças ao bolsinho de minha ama e á visinhança do Manuel Hespanhol, em poucos minutos se fez da pêta verdade... E José Felix! Não verão o meco sentado á mesa com meus ainos como se fosse gente, o pedaço de lacaio!... Mas deixem estar que o tratante tem um ár, sabe tomar uns modos, que quem o não conhecer!... Em que elle se deita a perder decerto, é que aquillo é um comilão... O que lhe vale é fazer de inglez... não se repara.—Agora que mais falta? Vejamos. A tal visita de agradecimento ao general Lemos: essa não se pôde evitar. Só se... E' verdade; o general Lemos que venha cá... como têm vindo os outros. Vou avisar José Felix que se avie de almoçar e nos represente mais esse figurão. Não lhe hade custar muito... é seu amo.—Ai! que é isto, que quer este senhor?

SCENA XIII

JOAQUINA e o GENERAL

General—O senhor Duarte Guedes está aqui, não é assim?

Joaquina—Está sim senhor, foi agora para a mesa almoçar com o senhor Braz-Ferreira, seu sogro que está para ser.

General—Um almoço de familia, almoço de noivos... Não permitta Deus que eu tal perturbe. Esperarei.

Joaquina—Se faz favor de dizer o seu nome.

General—Não é preciso.

Joaquina—Não é para saber... é que se fosse coisa que...

General—É' coisa que eu lhe quero dizer sò a elle ou a seu sogro.

Joaquina—Como queira.

SCENA XIV

BRAZ FERREIRA, GENERAL, JOAQUINA

Braz Ferreira (*de guardanapo na mão falando para dentro*)—Eu venho, milord, eu venho: quero ratificar o nosso tratado de alliança com uma garrafa especial do meu Porto, é da fundação da Companhia, trouxe-o eu commigo.

Joaquina (*para o general*)—Aqui vem o senhor Braz Ferreira.

Braz Ferreira—O que é isso

Joaquina—Um senhor que lhe quer falar, ao senhor Braz Ferreira ou a seu genro. (*A'parte*) Vamos ensaiar José Felix no novo papel que tem de representar.

SCENA XV

GENERAL e BRAZ FERREIRA

General—Creio que é o senhor Braz Ferreira, do Porto, a quem tenho a honra de falar? Muita satisfação de vêr a vossa senhoria em Lisboa. Conheço-o ha muito de nome, e quasi que posso dizer somos amigos sem nos termos visto. O meu antigo camarada o coronel Luiz Guedes sempre me encarece por tal modo a amisade que lhe tem! Nas suas cartas quasi que me não fala de outra coisa senão de seu filho e de vossa senhoria.

Braz Ferreira—Luiz Guedes! Então vossa senhoria é?...

General—O seu mais antigo e melhor amigo, o general Lemos.

Braz Ferreira—Ah! vossa excellencia perdôe, por quem é. Mas porque se incommodou, senhor general? Eu é que devia ir aos seus pés... e hoje mesmo tencionava fazel-o—para lhe agradecer todas as bondades que tem tido com meu genro... que está para ser.

General—Bondades! eu não sei... de certo não tem nada que me agradecer... mas é sua culpa. Eu ignorava absolutamente...

Braz Ferreira—O quê, general?

General—Que Duarte estivesse em Lisboa.

Braz Ferreira—Que me diz, senhor? Ha tres mezes.

General—Ainda o não vi uma só vez. Antes de hontem recebi eu uma carta de seu pae, que me pareceu um enigma: queixa-se de que o filho não tinha ainda obtido a recebedoria de Santarem que tanta conta lhe fazia... Mas que diacho! quem quer alguma coisa, pede-a. Eu não podia adivinhar, e vinha de proposito ralhar com elle.

Braz Ferreira—Ralhar, tenho eu que ralhar com o tal menino por outras muito peiores. Mas como é isto, senhor? Pois Duarte não vae habitualmente a sua casa?

General—Não senhor.

Braz Ferreira—Não digo em Lisboa, mas á sua quinta?

General—A minha quinta? E' coisa que não tenho.

Braz Ferreira—Pois não digo quinta... não seja... mas a linda casa que tem da Outra banda com uma vista magnifica, um bilhar...

General—Sou tão desastrado que não jogo o bilhar.

Braz Ferreira—Estava visto... Faça ideia, general, que é o systema de mentiras mais complicado que nunca vi, e combinado de modo que ainda não sei... Mas deixál-o: vossa excellencia está aqui, hade-me ajudar a confundil-o... Com toda a certeza não lhe dou minha filha.

General—Por quem é! Eu que vinha com tanto gosto trazer-lhe a minha prenda de casamento...

Braz Ferreira—Não hade ser meu genro.

General—E a sua palavra?

Braz Ferreira—Retiro-a: e elle não tem direito de se queixar... Avisei-o de que, á primeira mentira em que o apanhasse, tudo estava acabado. Inda bem que o encontrei, general: vamos a vêr com que cara o maldito do rapaz. . Oh! elle ahi vem: peço-lhe que não diga o seu nome.

General (*aparte*)—E esta! Eu que vinha para obsequiar o pobre do rapaz, e a seu pae de quem sou tam amigo!

SCENA XVI

DITOS, DUARTE, AMALIA, JOAQUINA

Duarte—Ora com effeito! forte companhia fazem os taes senhores!—O senhor meu sogro levanta-se no meio do almôço, e d'ahi a um instante milord desaparece á segunda garrafa de Champagne.

Joaquina—Vieram procurá-lo.

Duarte—Não duvido... algum pobre rapaz que se achou em apêrto... Que é preciso confessar... o tal sujeito é a creatura mais serviçal... E então sem nenhum interesse!—Diga-me uma coisa, amabilissimo sogro, que fazemos nós esta manhã?

Braz Ferreira—Eu tinha vontade de sair; mas temos aqui uma visita, um amigo da familia...

Duarte—Perdôe... eu não tinha tido o gosto de vêr este senhor... E' do Porto?

Braz Ferreira—E' verdade.

Duarte—Ia jurá-lo... Nós os das provincias do norte temos um ár de franqueza, um aberto de physionomia... Se vossa senhoria se demorar em Lisboa, terei muito gosto de o acompanhar, de lhe servir de guia. . Não faça cerimonia commigo... sinceramente lh'o peço .. um amigo de meu sogro!...

General—Dou-lhe os parabens, senhor Braz Ferreira: o seu genro parece um rapaz extremamente amavel.

Braz Ferreira (*baixo ao general*)—Espere, espere, e depois falará. (*A Duarte*) E' preciso que saibas, meu caro amigo, que este senhor vem a Lisboa para negocios que tem na secretaria da guerra, e precisa muito do valimento do general Lemos.

Duarte—Melhor... Dizem que é um homem justo e imparcial; e toda a gente o estima.

Braz Ferreira—Pois sim... mas tu que tens relações de intimidade com elle, não podias pela tua influencia?

Duarte—Ah! certamente .. terei a honra de lh'o apresentar. Hade gostar d'elle, verá: um homem agradável e que, sem basofia, é meu amigo.

Braz Ferreira (*rindo*)—Hein!

General (*baixo a Braz Ferreira*)—Até aqui, acho que diz a verdade.

Duarte—E alegre!... Olhe. á mesa me não deixava elle só, como aqui me fizeram. Ainda hontem almoçámos nós juntos em sua casa.

Braz Ferreira e General—Em casa d'elle?!

Duarte—Sim, juntos, ao pé um do outro.

Braz Ferreira—Então muito mudado está elle de hontem para cá.

Duarte—Porquê?

Braz Ferreira (*apontando para o general*)—Porque elle aqui está, e tu não o conheceste.

Duarte (*surprehendido*)—O general Lemos!

Joaquina (*aparte*)—Estamos perdidos.

Amalia—Tudo, tudo está perdido.

Duarte (*tornando a si logo*)—O quêl pois este é o senhor general Lemos? Muito sinto... não tenho a honra de o conhecer.

Braz Ferreira—Não duvido... mas nem por isso deixa de ser elle em pessoa.

Duarte—Hade-me perdoar, meu tio: eu não digo o contrario; mas não foi com este senhor que eu almocei hontem... a verdade pura é esta. Como isto foi é que eu não sei; mas a não ser que haja outro general Lemos em Lisboa...

General—Em Lisboa, do appellido de Lemos nem eu conheço senão meu primo o coronel Francisco de Lemos.

Duarte—Exactamente. Pois foi em casa d'elle, de certo, que hontem me apresentaram, e provavelmente com elle é que eu almocei.

General—Não teria duvida nenhuma em o accreditar, se não fosse uma pequena difficuldade: e é que ha tres mezes que está em Inglaterra.

Duarte (*aparte*)—Co'a breca! (*Alto*) E' que voltaria ha pouco, sem se saber... porque elle hontem estava em Lisboa.

Braz Ferreira—Não estava.

Duarte—Estava tal.

Braz Ferreira—Pois bem, rapaz, esqueço-me de tudo... se me provares essa.

SCENA XVII

DITOS, UM CREADO, JOSÉ FELIX
com farda de brigadeiro, etc.

Creado—O senhor Lemos.

José Felix (*affectando desembaraço*)—Então que é isto? que é isto?

General—Que vejo! E' o meu brejeiro do meu Felix.

José Felix—Ora vivam meus senhores... Adeus meu Duarte.

Duarte—Oh meu querido protector! Confesso que d'esta vez já não contava com o seu auxilio... Ainda bem que veio... Vou apresental-o a meu sogro e a meu primo.

José Felix (*indo para elles com ar chibante reconhece de repente o general*)—Santo Deus, meu amo! . .

General (*aparte*)—E com a minha farda, o maroto!

Braz Ferreira (*espantado*)—Conhecem-se! (*Duarte, Braz Ferreira, José Felix e Amalia ficam todos immoveis de admiração.*)

General—Que painel! Enterraram-se todos até ao joelho. Ora vamos a dar-lhes a mão, que elles por si não se levantam. (*Para José Felix*) Então senhor meu primo...

Todos—Seu primol

General—Que espanto é esse? Pois queria esconder de mim a sua volta a Lisboa?

Duarte—O quê? Pois este senhor é seu primo, o coronel Francisco de Lemos que voltou de Inglaterra?

General—Sim senhor. Porquê?... não lhes faz conta?

Duarte—Certamente que faz—Mas é que isso hoje parece mesmo um acinte... não invento senão verdades.—Pois não è minha a culpa, senhor Braz; mas em consciencia, está obrigado a dar-me sua filha.

General—Não ha duvida senhor Braz Ferreira; é preciso consentir n'este casamento. Já não tem mentiras de que o accusar.

Braz Ferreira—Excepto a da recebedoria de Santarem.

General—Aqui está o decreto. E' a prenda de casamento que lhe eu trazia.

Amalia—Pois é possível!

Duarte—Apósto que é verdade.... tudo é verdade hoje. Assim, meu caro sogro, consinta, não ha remedio...

Braz Ferreira—Estou certo que me enganaram.

José Felix—E eu tambem.

General—E eu tambem... Apezar d'isso, vamos, consinta...

Braz Ferreira—Que lhe heide eu fazer? Inda que não seja senão por curiosidade e para saber esta adivinhação.

José Felix (*atirando com o chapéo*)—Viva! A palavra do senhor Braz Ferreira é lettra que não tem desconto. Eu *ritorno al mio mestiere* e ponho aos pés da minha cara Joaquina... o senhor Thomaz José Marques... milord Coockimbroock, e sôbre todos, o seu fiel José Felix, criado particular do excellentissimo general Lemos.

Duarte—O' maroto, pois eras tu!

Braz Ferreira—Faze-te de novas.

Duarte—Juro-lhe que eu não sabia nada, e que nem sequer o conheço...

Braz Ferreira—Continuâmos?... Não faltava senão esta que é a mais difficil de engulir!

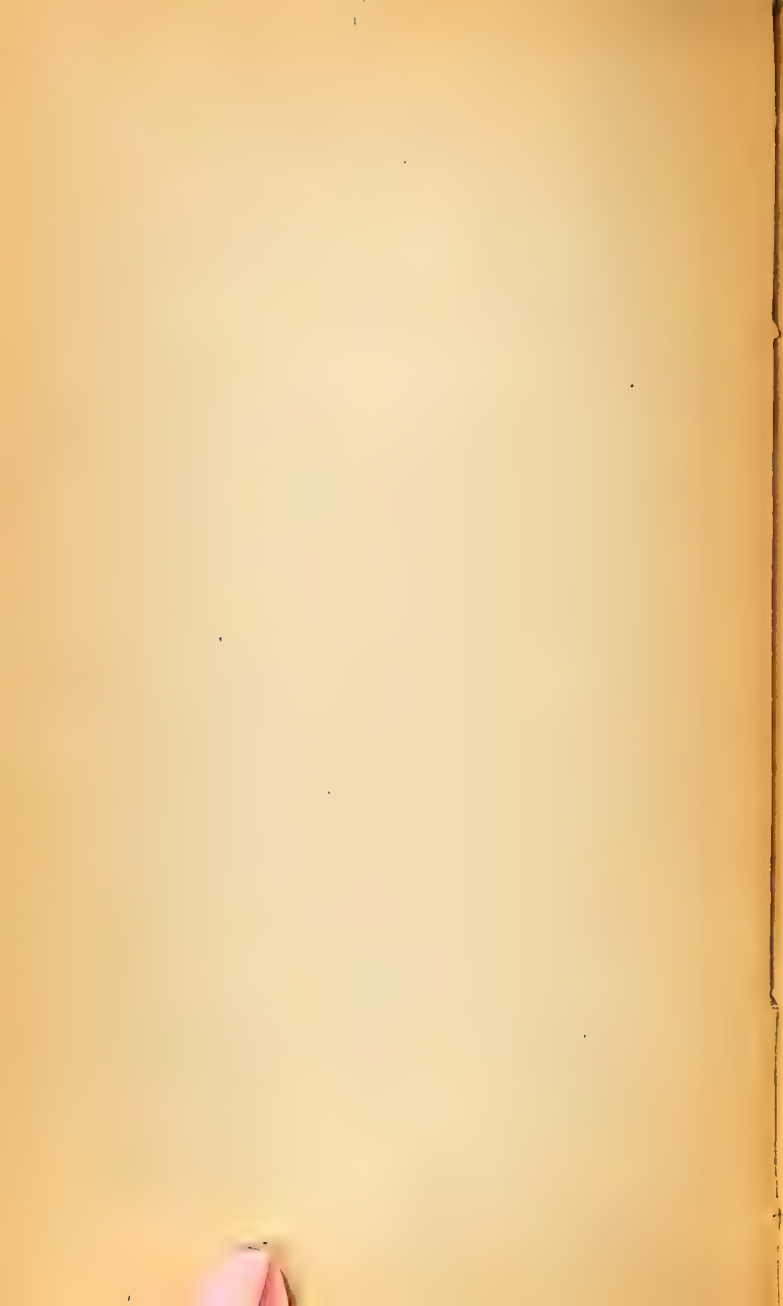
Amalia--E comtudo é verdade, meu pae. Eu lhe explicarei como isso foi.

Duarte—Protesto-lhe que hoje foi o último dia da minha vida que me deixei cahir n'este maldito vicio... E nem eu sei como foi; queria-me defender... vinham umas atraz das outras... porfim... não sei... Mas acabou-se: não tórno mais a mentir; custa muito, dá muito trabalho. Vi-me em âncias! Juro que me heide emendar... já estou emendado.—José Felix, nunca me heide esquecer da lição que me déste, e prometto pagar-t'a.

José Felix—Devéras?

Amalia (*dando-lhe uma bolsa*)—E eu pago-t'a já.

José Felix—Melhor ainda. (*Apalpando a bolsa*) Isto sim que são verdades puras... e não deixam mentir ninguém.



AS PROPHECIAS DO BANDARRA

AS PROPHECIAS DO BANDARRA

Comedia escripta no anno de MDCCCXLV

PESSOAS

THOMÉ CHRISPIM.....	Sapateiro
PANTALEÃO	Boticario
CATHARINA	Filha de Pantaleão
ANNA DA TROIXA.....	Contrabandista
SEBASTIÃO.....	Sobrinho de Pantaleão
PROCOPIO	Tabellião
LAZARO	Praticante da Botica

PRATICANTES, VELHOS, AMIGOS DE PANTALEÃO
MENINAS, AMIGAS DE CATHARINA, CRIADOS, ETC.

Logar da scena — Lisboa

ACTO PRIMEIRO

Rua na cidade velha ; á esquerda um vão de escada com toao o necessario para o estabelecimento de um remendão ; no fundo uma botica antiga com duas portas praticaveis, meias portas, etc.

SCENA I

LAZARO, e outros PRATICANTES da botica pisando em almofarições, etc., e cantando

Côro

Na nossa botica

Ha tudo, ha tudo como na botica.

Só opio é que não ;

Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Lazaro—Cheo, que ahi vem o sr. Procopio !

Praticantes — Deixal-o vir, vamos cantando: elle não percebe.

Lazaro—Pois vamos lá. (*Canta*)

Cá no receituario

Ha um electuario,

Que o não tem egual outro boticario.

Côro

Que o não tem egual outro boticario.

Lazaro (*apontando para Procopio que vem sahindo*)

O nosso xarope,

Xarope de ginja

Não ha quem o imite, não ha quem o finja.

Côro

Não ha quem o imite, não ha quem o finja.

Lazaro (*apontando para Procopio*)

E o de tartaruga?
Não ha coisa tal.

Côro

Em toda a Lisboa, do Grillo a Bemfica,
A nossa botica
Não tem outra igual.

Lazaro

Ha tudo, ha de tudo na nossa botica
Só opio é que não.

Côro

Só opio é que não;
Que todo o que havia, tomou-o o patrão.

SCENA II

PROCOPIO, LAZARO e PRATICANTES

Procopio—Já vocês começam logo de manhã cedo?
É uma philarmonica esta rua. É o outro, o vizinho
sapateiro, inda não deu o seu descante do costume?
Por modo que lhe vejo a porta fechada...

Lazaro — Havia de ser grande pirua a que elle tomou
hontem, que são estas horas e inda as Trovas do Bandarra se não ouvem.

Procopio — Ah! este é que é? .. Percebo. Então ceou lá hontem em casa?

Lazaro — Ceou por tres, e cantou... oh que pecados!

Procopio—E o patrão?

Lazaro — Sabiu, mal era dia, por amor do grande jantar que dá hoje. V. m.^{cê} é dos convidados? Hade ser.

Procopio -- Sou, mas queria falar com elle antes de....

Lazaro—Agora não póde tardar. Espere: lá se meche o nosso vizinho; agora o verá.

Procopio — Mettam-se vocês para dentro que eu quero observal-o á minha vontade. (*Entram todos para a botica, mas ficam de observação.*)

SCENA III

DITOS, THOMÉ *abre a porta e sae esfregando os olhos, espriguiçando-se e começando a preparar-se para o trabalho*

Thomé—Hum, que preguiça!... Não, que o vinhito era do Porto, e de boa edadel... e então de môfo! Puhuhuf! Sabe-me a bocca a ferros velhos. Ferros velhos! mas sempre são d'outros ferros velhos mais finos. Os que a gente traz do Manuel-Zoina ou do Pilho—e mais são armazens de consciencia! e o que elles dizem que é carregado carrega devéras, o Barra-a-barra é um barra: digo-lh'o eu, que não sou nenhum côdea com todas estas côdeas que me vêem, sei da coisa. Mas, dizia eu, são outros ferros velhos os que a gente de lá traz e que sente na bôcca ao outro dia: mais saburra na lingua... (*Masca*) e quero mesmo dizer—que já digo, sei da coisa—quero mesmo dizer, outra casta de saburra, assim grossa, entrapadã, carrascôa. E isto hoje... (*Mascando com gosto*) isto hoje qu'eu sinto na bôcca, inda sabe bem, home! Forte pinga! E como eu a chuchou, e o mais que hade vir! viva o *Encuberto* e santa paz co'a sua alma! Qual alma nem meia alma? Tam asno sou eu que creia em tal?

Procopio—O homem... elle não me tem cara de tal. O nosso Pantaleão parece-me que d'esta vez que sincoou.

Thomé—Alma!... Nem alma nem esp'rito. Só se for o esp'rito d'aquelle vinhote que ainda por aqui me anda a alma d'elle a pedir missas pelas goelas. Alma o *Encuberto*! Não n'a tem, juro eu. Não é tal alma, é corpo vivo e são... Não, que assim é que m'elle rende. Oh, senhores! vêr que eu que era um lastimado remendão, que em tres dias não tinha um par de tombas que deitar n'umas chancas suas d'um gallego, e que agora já faço botas e sapatos para a fidalguia do bairro... e não tardarei a ter uma logea minha, com officiaes e aprendizes meus!... (*Como falando com outros*) «Senhor official, aquelles remontes estão feitos? Rapaz bate aquella sola . «Marmanjo, vae levar estas botas ao tal senhor da hospedaria, mas dinheiro para a

mão... eu sei cá se elle é deputado ou o que é: que pague e veremos pelas cruces do seu dinheiro que casta de pessoa vem a ser». Sempre é a delicia da vida uma logea da gente mesma! Ella virá, ella virá. Nunca o pensei, mas agora digo que vem. Procopio, (*para dentro da botica*)—E Pantaleão sem apparecer! Eu vou-me: tenho muito que fazer. (*A parte*) O sapateiro é... é um sapateiro, um remendão e nada mais.

Thomé—Digo eu que faço obra para a fidalguia do bairro... E faço. Pois que é aqui o meu bemdito vizinho, o sr. Pantaleão? (*Aponta e olha para a botica: vendo Procopio*) Oh, lá está outro ginja... mas não me tem boa cara aquelle. Lá o rei dos ginjas é o meu boticario, o meu Pantaleão. Que aquillo é mesmo um fidalgo; modos, tratamento, accções d'um fidalgo. Como elle diz: «Thomé, para uma pinga... Thomé, quero que jantes bem hoje... Thomé, anda cá... Thomé, toma lá...» E é sempre o pinto, a de doze... e mais, e mais! Se não houvesse umas terras n'este nosso reino de Portugal, chamadas Lavradio, Chamusca e outras que taes... que estou certo que são as verdadeiras terras de Pantana onde me vae ter tudo quanto tenho e não tenho... co'a fortuna! já eu estava rico. Mas se o homem começa agora a dar-me de cear como hontem... onde houver vinho do Porto—vinho do Porto eu!... eu, Thomé Chripim, remendão de escada, a falar em vinho do Porto—sem vergonha d'esta cara besuntona—onde houver vinho do Porto, digo eu, fica-te em paz, carrascão. Que o beba o Pilho, maroto! que tem goelas de villão ruim. E o cachorro do Manuel Zoina que o tome em mêzinhas se lh'o não quizerem beber os freguezes. Ah, ah, ah, (*Rindo*) Pois então? Tambem os meus patacos me ficam na algibeira, e mais callo-me: que se callem elles se lhes ficar o vinho no tonel.

SCENA IV

THOMÉ, PROCOPIO e PANTALEÃO

Pantaleão—Guarda-o Deus ao sr. Procopio, nosso amigo velho? Então, hein, sr. Procopio? (*Apontando para Thomé*) viu-o?

Procopio—E' aquelle?

Pantaleão—Aquelle mesmo.

Procopio—Pois homem... (*Conversam mais baixo.*)

Thomé—Oh! já elle lá está. Trabalhar e cantar, que tanto rende uma coisa como... Alto lá! mais rende uma do que a outra, e custa menos. (*Escarra grosso, como quem limpa a voz. Cantando e coçando:*)

Eu faço obra de dura
E não ando pela rama;
Conheço bem a courama
Que convem á criatura.

Procopio—Ah! isto agora...

Pantaleão—Não lh'o disse eu? As proprias Trovas do Bandarra como as eu tenho n'aquelle manuscripto precioso que é unico em Portugal... no mundo, meu amigo!

Thomé (*cantando e coçando*)—

Sei medir e sei talhar,
Sem que vos assim pareça,
Tudo tenho na cabeça,
Se eu o quizer usar.

Pantaleão—Então é ou não é! As palavras, a unição com que elle as repete, aquelle ár inspirado...

Thomé (*fingindo que não vê Pantaleão á porta*)—Espera que já te metto a sovella pelas viras d'alma, pateta. Hoje parece-me que chucho nota. (*Canta batendo sola.*)

Comvosco falo estas coisas
Como com grande letrado.
As umas são perigosas;
E as outras duvidosas
Inda não hão começado.

Pantaleão (*enthusiasmado*)—Não ha duvida nenhuma, agora já não ha duvida nenhuma, é elle. Mettam-se para dentro, (*a Procopio e aos aprendizes que accodem a ouvir cantar*) mettam-se para dentro, que eu vou aqui aviar uma coisa, e depois quero ir falar com elle. E hoje, hoje heide acclarar este negocio e concluir o que tenho determinado. (*Entram todos na botica.*)

SCENA V

THOMÉ só

Thomé—Se eu sei o que isto quer dizer, estas cantarollas que me ensinou o barbeiro da minha terra, meu pae fradel! Diz que n'isto, n'estes cantigorios que eu não entendo, que está claro e promettido com'o verbo d'um anjo que hade vir o *Encuberto*... Como lh'o elles lêem n'esta lettra, é o que eu não sei. Mas que hade vir, que hade vir .. Pois venha. Por ora vae-me rendendo, é o que eu não sei. Apprendi a sapateiro com tanto trabalho, nunca me deu o officio com que matar a fome Apprendi estas babozices a brincar, têm-me dado!... E' verdade que é só depois que vim para esta rua, inda não ha dois mezes... mas... Oh eil-o ahi vem, o meu fidalgo do meu boticario...

SCENA VI

PANTALEÃO E THOMÉ

Pantaleão—Ora guarde-o Deus, sr. vizinho!

Thomé (*levantando-se e tirando o bonet*)—Muito bons dias, meu fidalgo! estou ás ordens de vossa...

Pantaleão—Cala-te, homem, cheo! não te oiça alguem. Inda não é tempo que se saiba... por ora encoberto! Tudo encoberto! Senta-te, senta-te, rapaz; bate a tua sola, coze as tuas viras... Mette a sovella nas viras... hein! .. Deixa lá, deixa lá: eu fico aqui assim em pé disfarçando.

Thomé—Pois vossa? ..

Pantaleão—Vossa uma figa: tem juízo. Tu bem sabes ter juízo... Oh se sabes! Cuidas que eu que te não conheço?

Thomé—Que me conhece o quê, sr. Pantaleão!

Pantaleão—Isso! faze-te de novas; anda. Commigo que ha cincoenta annos ando n'isto! que não me escapa nada! que ainda não houve manhã de nevoa que eu não fosse para o alto de Santa Catharina espreitar para a barra! que ainda não veio cartinha em bucho de pescada que eu não lêsse; que

as gallinhas com ovo de lettras m'o vêm mesmo pôr aqui na mão!... Commigo, hein! Sô Thomé Chrispim!—Thomé Chrispim... maroto, maganão, olha que sempre és...

Thomé (*assustado*)—Eu sou o quê, sr. Pantaleão?

Pantaleão—Não te assustes, homem, que cahiste em boas mãos, deixa estar. Mas olha que sempre és um tal menino, anda. Como diz lá a trova d'estas coisas que por ahí vão, estas embrulhadas novas de eleições e Constituições, que ninguem se entende? Dize:

Vejo tanta misturada...

Canta, homem.

Thomé (*receiando*)—Canto?

Pantaleão—Canta.

Thomé (*cantando*)

Vejo tanta misturada
Sem haver chefe que mande;
Como quereis que a coisa ande
Se a f'rida está damnada?

Pantaleão (*esfregando as mãos*) É isso, é a tal, é a tal que só o meu livro a traz. Ah Thomé, Thomé! —E damnada está, está damnada a ferida; mas nós a curaremos, hein, Thomé! Thomé, forte magano! Mas dize-me, Thomé... diga-me sr. Thomé Chrispim, diga-m'o a mim que lh'o peço. Olha que sou eu, Thomé, eu Pantaleão... (*Com gravidade*) Pantaleão de Sá.

Thomé—Sr. Pantaleão de Sá!

Pantaleão—Pantaleão só, Pantaleão só para todo o bairro, para toda a gente, para todo o mundo. Fala baixo, homem; Pantaleão de Sá para ti! só para ti... e para o outro (*tirando o chapéu e fazendo uma reverencia profunda*) e para o outro que hade vir.

Thomé—Pois, sr. Pantaleão, eu não sei o que voce-mecê quer que eu diga.

Pantaleão (*zombando*)—Emfim estás... estás!... nem eu sei o que te diga. (*Sério*) Ouve cá, homem, tu desconfias de mim?

Thomé—Oh senhor, eu!

Pantaleão—Acreditas que eu sou um fiel, um zeloso, um devoto, um verdadeiro Sebastianista?

Thomé—Pois não heide crer, senhor? Creio, sim senhor, creio firmemente.

Pantaleão—Sabes que tenho fé viva, esperança certa?

Thomé—Pois caridade!

Pantaleão—Todas tres são precisas para fazer um Sebastianista bem feito Mas a fé sobre todas. Sabes que eu tenho fé, Thomé? Thomé...

Thomé—Capaz de engulir...

Pantaleão—De engulir como?

Thomé—De engulir um camello pelo fundo de uma agulha.. (*áparte*) Parece-me que é assim que se diz.

Pantaleão (*sentido*)—Isso! isso mesmo é que é. Bonito! Finge que não sabes a parábola.

Thomé—Parábola, senhor! Eu sei cá...

Pantaleão (*reflectindo*)—Tens razão. Olha como é: não podes encobrir... é assim. Quem sabe, por mais que disfarce, conhece-se. Tens razão, não é parábola, foi uma simples figura de expressão .. e nem vinha para o caso. Tu sempre és!... Como logo deu no êrro! Ou elle não fôra quem é... Vamos, basta de brincadeira; falemos sério. Tu tens andado a experimentar-me, a vêr, a examinar... tens andado a mangar commigo.

Thomé—Eu senhor!... (*áparte*) O homem perceberia que eu que não sei nada d'isto, e que o logro?

Pantaleão—Sim tu, tu. Pois vem cá homem: tu és isso que mostras?

Thomé—Eu, senhor, que heide eu ser, senhor?

Pantaleão (*rindo e como quem se esforça para falar sério*)—Como te lembraste tu de tomar esse nome de Thomé... ah ah ah!... de Thomé... Thomé Chrispim? Ah ah ah!

Thomé—Não o tomei, senhor, já o achei tomado e dado por meu pae e minha mãe, que foram sapateiros antes de mim, e por meu padrinho, que era sapateiro como elles, e todos devotos do nosso San'Chrispim d'o pé das Quingostas no Porto, onde eu fui nado e criado, e me puzeram Thomé porque era Thomé o meu padrinho. Thomé Palmilha lhe chamavam por alcunha, que d'outro nome lhe não sube nunca; e o Chrispim foi pelo santo da nossa bandeira... quando havia bandeiras. Forte pena foi tiral-as!

Pantaleão—E foi: mas deixa estar, deixa estar, que não tarda quem vem. Em *elle* vindo... Mas a quem o digo eu!... Em *elle* vindo, bem sabes, tudo hade tornar ao direito outra vez. Mas a quem... a quem o digo eu!—Está bom, está bom: não queres? Pois não digas. E, a falar a verdade, não é muito prudente esta conversa aqui. Tu... tu! Se tu és quem és! Porque me não havias de advertir logo que isto não era logar para taes explicações? Não lh'o mereço, sr. Thomé? Mas tens razão, homem, tens razão: não é aqui logar para isto. Mudemos de assumpto. Como te soube hontem a ceia? Passaste bem a noite?

Thomé—Oh sr. Pantaleão! pois um pobre jagodes como eu...

Pantaleão—Como tu!

Thomé—Como eu, sim senhor, um pobre remendão d'escada que em chegando á pescadinha frita com seu rabo na bocca...

Pantaleão—Symbolo da eternidade!

Thomé—A's vezes é, sim senhor, é uma eternidade, de tres e quatro dias de frita... Mas o Pilho, essa justiça lhe heide eu fazer, o Pilho nunca tem petisco sédiço. Já do Manuel-Zoina não digo eu o mesmo... mas elle tem-se n'uma conta! Deixal-o ter, o Pilho é outra casta d'homem. Pois, senhor, um pobre como eu que, já uma ceia do Pilho já era regalo de principe para elle—principe sapateiro, está claro-- e que bem trezentas, das trezentas e sessenta cinco bentas noites do anno, as ceia com cruzeiros na bocca... uma ceia d'aquellas! Lombo de porco, sallada com ovos, doces não sei quantos-- que eu não entro lá muito por isso--e vinho do Porto! Eu que mal me atiro nos dias grandes pelo rastro do Lavradio!... oh senhor! então eu, havia de me fazer mal! Só se fosse por bom de mais. Mas não fez. Dormi como um lapuz, que sou. Assim pela manhã, inda agora, senti assim pela lingua um envernizado... mas bom! Sabia-me a ferro velho—dizia eu commigo—sabia, mas ferro velho bom!... Ora o sr. Pantaleão é que está a mangar com um pobre.

Pantaleão—Meu amigo, a pobreza é propria dos grandes espiritos como o teu.

Thomé—Espirito de quê, senhor ? O tal do Porto tinha, tinha-o déveras.

Pantaleão—Não te faças Thomé, não te faças André commigo, Thomé ! Digo dos espiritos como o teu. E bem sei o que digo. Dá-vos esse dom, não vos pôde dar os outros — não deve ser tudo para uns — ella bem sabe o que faz, a Providencia.

Thomé—A minha providencia tem sido vocemecê, sr. Pantaleão. Eu heide dizer a verdade ; e ingrato não sou, isso não. Se não fosse cahir-lhe em graça, estava hoje...

Pantaleão—Estavas o que havias de estar e estive sempre desde... desde que... Deixa-me vêr... D. João terceiro... mil quinhentos... mil quinhentos e... Não quer dizer nada : é uma boa conta d'annos Emfim, Thomé—já que Thomé hasde de ser—queres vir jantar commigo hoje ? É ao meio dia em ponto. Cá não se muda a hora em que se jantava no tempo... no tempo em que havia gente n'esta terra, e portuguezes em todas, e todos a tremer d'elles.—Vens jantar commigo ? — Vem, e depois falaremos. Lá sim, que se pôde falar á vontade. Minha filha é boa rapariga e de segredo. Temos outros amigos que hasde gostar de vêr. O brejeiro do primo, meu sobrinho Sebastião —mal empregado nome!—despedi-o hontem de casa ; não torna lá ; estamos á nossa vontade. Hein ? E a minha filha, a minha Catharina... olha que é boa rapariga.

Thomé—Isso é ella, oh se é !

Pantaleão—Hein ?

Thomé—Que é muito boa menina : pois então ?

Pantaleão—E das nossas, Thomé, das nossas, homem. E é... Tinha cá uma idéa. Que tal achas tu a minha Catharina ? Dize, não tenhas vergonha nem acanhamentos commigo. Agrada-te ?

Thomé—A sr.^a D. Catharina ?

Pantaleão—A sr.^a D. Catharina, sim senhor, minha filha Catharina. Não lhe agrada ?

Thomé—Não me agrada ? Elle é...

Pantaleão—Está dito, logo, logo, falaremos. Adeus, Thomé ! Tho... mé (*rindo*) Thomé Chrispim ! (*ao ouvido*) Adeus Gonçalo ! (*chega á botica faz signal a Procopio e sahem ambos pela direita.*)

SCENA VII

THOMÉ, LAZARO e outros PRATICANTES
espreitando da botica

Côro

Na nossa botica

Ha tudo, ha de tudo como na botica.

Só opio é que não ;

Que todo o que havia, tomou-o o patrão.

Thomé—Que diacho de cantiga é aquella dos basalicões ? Dar-se-ha caso ? Eh ! deixál-os. Mas eu sempre estou mettido n'uma... Gonçalo ! Chamou-me Gonçalo em segredo... que quererá dizer isto ? Eu endoideço. Quem serei eu com a fortuna ? Oh quem quer este patóla d'este velho que eu seja ? Oh home. Pois elle dar-se-ha caso que de verdade, haja o tal D. Sebastião escondido e encuberto lá na tal Ilha ou onde quer que é ? E que ainda tenha de vir ? Elles são tantos a crêr n'isto e a esperar por elle... A mim me melem se a coisa me não parece ás vezes que... eu sei cá ? Pois elle tinha que rir se estas traponas d'estas cantigas—trovas, dizia o meu amigo barbeiro do Bomjadim que m'as ensinou.—Trovas ! que diacho será trovas ?... Trovas... Trovar, que é como quem diz : fazer versos... que hade ser isso... Ah, ah, ah ! que é (*rindo*) Agora me rio eu. Sou poeta, sou poeta !... que essa é que é a historia. Boa historia ! E então porque nãoheide eu ser poeta ? e trovar com os outros ? Hein ! Sim, senhor. Não são meus os versos... as trovas ? Deixal-as não ser. Scu eu o primeiro que figuro com o alheio ? Como faz o meu visinho deputado, como fazia o padre fr. João que tão bons sermões que fazia ? que era uma contricção d'alma ver esbofetear aquelle mulheroio todo, quando elle começava :—«Pêzame!!...» E eu a rir, porque era o meu patrão—o primeiro patrão que eu servi—quem lhe fazia os Pezames e os sermões ; assim com'ó meu vizinho deputado não lhe falta quem lhe faça os—«Agora, senhor presidente»—E os outros—Apoiado, apoiado !—E eu a rir... Pudéra não ! Este mundo sempre é uma tal historia ! O caso é que, seja eu poeta ou trovista, ou o quer

que seja, tenho hoje regabofe de jantar de grande e de môfo. Viva o *Encuberto* e o meu grande *Pantaleão*! *Pantaleão* de Sá que é não é, que é boticario e é fidalgo—e não quer que se saiba—mas quer que o saiba eu! Com a fortuna, que diacho serei eu? E que tenho eu que haver com D. Sebastião ou com D. *Pantaleão*? Serei eu tambem algum *encuberto*? Mas que *encuberto* sou eu então? Dar-se-ha caso? ... Não pôde ser. Eu sei?... Se serei eu o proprio D. Sebastião em pessoa? Hein, o caso era... Mas elle faz-me tantas festas, o *Pantaleão*... Elle por modo que me falou na filha assim por um modo .. Vamos, sr. Thomé, não se faça pateta de todo. Mas o que heide eu dizer hoje ao *Pantaleão*? O homem hade querer mais trovas que é o seu pratinho... e eu, vão-se-me acabando as que eu sei... Fazel-as não posso .. Verêmos : d'algures hãode vir. Ai! meus peccados, que ahí vem a minha. . minha... Eu que lhe heide fazer? Ella é minha mulher j'agora. *Encuberto* ou não... Home, tudo isto vae de *encubertos*. Pois vá.

SCENA VIII

THOMÉ CHRISPIM e ANNA DA TROIXA

Thomé—Ora chegou, sr.^a Anna da Troixa, chegou, flor, que já me tardava.

Anna—Que alegrias, que contentamentos!! Voce-mecê cheira-me hoje a festa : que é isso?

Thomé—Anna da minha alma, Troixa da minha vida, pois não me hade cheirar, se te eu cheiro a ti, flor, (*áparte*) tolhida seja ella... Rosa, flor dos meus pensamentos !

Anna—Olha tu, tu, meu remendão não sei de quê ! ... cuidas que estás c'o teu pateta do teu boticario? Faze-lhe lá esse verso a elle, que eu quero outros contos. Venha dinheiro, venha dinheiro, senão, digo tudo.

Thomé—Tudo, mulher ! Pois ainda tu queres dizer mais, falar mais? Já tu falas !...

Anna—Ahl eu falo?...

Thomé—Não... não digo que falas. Tu és lá mulher de?... Mas eu é que não tenho dinheiro : d'onde me hade elle vir? E então isto! Ora, mulher : isto

não é a lei de Deus. Nós somos casados, é verdade, mas o ajuste foi de se não saber e de ficar isto entre nós. Tu andas lá co'as tuas troixas, eu cozo cá as minhas tombas... Eu morro de fome, tu ganhavas a vida... bem e honradamente; não sou homem que diga o contrario, mas...

Anna—Não, dize, dize! (*ameaçando-o com a mão aberta*).

Thomé—Agora digo eu! Nunca andou troixa de contrabandista mais honrada debaixo de capote, do que a da minha Anna da Troixa: basta vêr a freguezia que ella tem. Mas o certo é, minha rica Annica, que tu por lá te andas e eu por cá me estou... E que tu, enquanto a troixa dava muito e os remendos não davam nada... puh! quem se ha de dar por mulher do sapateiro remendão? Nem vêl-o. Começa o remendão a ganhar seus vintens... já somos duas almas n'um corpo, tens cúmes de mim que te pellas, e sobretudo, queres que te eu dê quanto tenho e quanto não tenho... já te queres declarar por minha mulher, já não queres que eu figure de solteiro...

Anna—Cala-te, cala-te d'ahi, que és um tonto! Eu tenho sido com'a Providencia contigo, palerma, que havias de morrer por ahi como um lazarento que és, se não fôra eu. Nanja pelo teu officio que ganhasses cinco réis, tu, que não és capaz d'isso. E' a patetice do nosso boticario que te tirou da miseria. Mas quem lhe metteu na cabeça a elle que tu que adivinhavas e que sabias d'essas tonterias de prophcias e do Bandarra e de tudo isso, senão eu, parvo? Quem lhe traz os ovos com letras que dizem D. Sebastião? As pescadas com as cartas no bucho, quem lh'as manda vender á porta? Quem lhe traz a cabeça tresvaliada toda, que nem elle já vê nem ouve nem sabe o que diz nem o que faz? Eu, tonto, eu!

Thomé—Pois tu! Oh mulher, pois tu é que és? Eu me benzo de ti, mulher.

Anna.—Benze-me agora com dois pintos, que os preciso, e deixa o mais por minha conta. E nem por sonhos que o velho saiba que nós que somos marido e mulher... senão era capaz de desconfiar... isto é: desconfiar... inda assim! quando aquelle desconfiar... Dá cá os dois pintos.

Thomé.—Essa agora!... Pois eu tenho cá?... (*Aparte*) Chupa-me tudo, meus peccados! (*Desembrulha uns farrapos que tira do fundo de uma arca, e umas aparas de coiro, e por fim de muito desembrulhar tira dois cruzados novos que lhe dá*) Um, dois... dois dentes da bocca! Eram duas noites de suciata no Pilho. .

Anna.—Inda assim... Olha lá: tu hontem á noite estavas muito asno á ceia. «Anna, dá cá, Anna, toma lá,» como se fosses alguém que viesse d'algueres, e como se eu fosse tua criada. Nem tua nem d'elles, dos Pantaleões, ouviste? Eu se vou alli áquella casa, e sirvo assim ás vezes a dar uma demão ao trabalho, é porque quero, e pela boa gente que elles são, quant'ó mais! E tu meu papellão a fazeres de lord commigo...

Thomé—Mas mulher, se tu queres, se tu é que queres, se tu é que me estás sempre a dizer, a recomendar: «não digas nada, não dês a entender... que ninguem perceba que somos casados... faze que me não conheces?»

Anna.—Pois sim, sim: assim deve ser, assim é preciso; mas tudo com termos E você... olhe lá; você sabe os olhos que me deitava para a filha da casa! A fazer-se tolo, o velho! Olhe que sou capaz de lhe tirar as ganas do comer...

Thomé—Eu! Essa agora... Pois eu!... E ella por modo que... Hem! Ella sempre é uma moça guapa.

Anna.—Tolo, tolo! Ora isto! Não verão?

Thomé.—O que eu sei senhora Anna, o que lhe posso dizer é que... Mas, cheol

Anna—Paspalhão, parvol

Thomé—La grande moça é ella.

Anna—E' é: e o primo um mocetão que te hade arrombar as costas, pateta, se tu te atreveres a levantar os olhos para ella. O sr. Sebastião, forte rapaz! E o tio mal com elle, que o despediu de casal Tenho uma pena de vêr duas almas que mesmo foram feitas uma para a outra... Ora pois, Deus os fez, Deus os hade juntar. Paciencia! Não importa: tomei-os eu debaixo da minha protecção ..

Thomé—Ah! tomaste-os tu debaixo da tua protecção?... então...

Anna—Tomei, sim senhor, e heide casal-os Que cuida?

Thomé—Cuido que... Nada, não cuido nada Adeus, Anna! minha Annica! Sabes que mais, ó Anna? Vou jantar hoje com elles.

Anna—Vaes!

Thomé—Vou.

Anna—Oh maldito, e estavas calado! Então são horas: prepara-te já. E Jesus! E o besuntão que tu estás. Vae-te arranjar... (*Desfazendo a troixa*) vae, toma lá esta camisa de fólhos.

Thomé, (*pegando na camisa*)—Esta camisa de fólhos... E és tu, Anna, por tuas proprias mãos, Anna!... Oh força do destino! Pois tu queres? .. (*Aparte*) E dizer que é ella, ella mesma, a infeliz! que me quer fazer irresistivel, que me põe os matadores todos! (*Alt*) Anna, com esta camisa, eu lavo as minhas mãos...

Anna—Não, hasde leval-as antes de a vestir, porca-lhão, e bem esfregadas! Uma camisa de senhor... era para o José Rodrigues, o caixeiro alli do .. Mas não importa: que espere, què isto é de mais pressa. Anda, vae, vae-te vestir.

Thomé—Vou, Anna, vou... (*Aparte*) Corta-se-me o coração de vêr a innocencia d'esta minha Anna... (*Alto*) Anna, Anna! em quanto é tempo, Anna, minha pobre Annica! refléte... tu sabes as consequencias que póde ter... olha que...

Anna—Vae, tolo, vae-te vestir. Ora o pateta!... Sempre és um parvo! (*Thomé vae dentro ao seu buraco, e sae com a camisa vestida, uns enormes collarinhos sahidos, etc.*)

Thomé—Aqui estou.

Anna—Anda cá: deixa-me-te pôr isso em termos, endireita essa cabeça. Assim. Lá cá o pente. Não tens um pente? Olhem que miseria! E quer isto ser gente, quer!... (*Tira o pente da cabeça, pentea-o*) Quero-te pentear estas farripas. O colete... (*Thomé vae tirando da arca os varios artigos que Anna lhe pede, todos extremamente ridiculos*) a casaca. (*Está vestido*) Ora adeus! Sempre estás menos nojento alguma coisa. Agora vou-me, que tenho que fazer. Ouviste? Logo lá em casa nem signal de me conheceres.

Thomé—Vae descançada. Mas oh mulher, então eu estou menos máo assim? Parece-te!

Anna—Estás, estás um rico feitio. Adeus!

SCENA IX

THOME só; DEPOIS CATHARINA

Thomé—Máo! Qual máo? Estou famoso (*Vae buscar um bocado de espelho quebrado e mira-se a elle*) Estou... Oh Anna, Anna, mal sabes tu... Adeus! isto é sorte e hade cumprir-se. (*Reparando nas mãos*) O diacho é estas mãos. Maldito serrol! Puhu? Se eu tivesse umas luvas... umas luvas amarellas, que é a moda... custa um pinto, pelo menos, umas luvas. . e um pinto é uma moaça de truz. (*Apparece Catharina á janella*) Oh! lá está á janella a filha do meu homem. Hein! Sempre quero que me vá vendo já n'estes atavios. (*Escarra: Catharina olha para o lado d'elle; Thomé faz-lhe uma cortezia peralvilha*) Viva minha senhora! Sempre é uma moça... se eu não fôra remendão... e casadão! Casadão e remendão, é muito peccado junto. E a tal sr.^a D. Catharina sempre me tem uns olhos... como duas garrafas de... de bastardinho. Ella por modo que olha para mim d'um modo... Oh diacho! Dar-se-ha o caso? Hein? (*Dando-se áres*) Ora eu a falar a verdade hoje não pareço... Se ella me tomará por outro?... Está-me a fazer signaes?... Isso está ella.. Anna, oh Anna!... eu bem queria, Anna, bem queria ser superior, mas não posso...

Catharina—Psiu, mestre, psiu!

Thomé—Mestre!... Oh mestre!... Mestre é coisa de... E d'ahi são gostos ás vezes.

Catharina—Psiu!

Thomé—Está claro: a rapariga quer... quer conversa. Menina!

Catharina—Olhe, mestre... se vir o primo Sebastião, diga-lhe...

Thomé, (*áparte*)—Sempre sou bem asno! é um recado para o primo Sebastião...

Catharina—Se vir o primo Sebastião, diga-lhe que hoje vem cá gente de fóra jantar, e que no fim da mesa que venha á escada e que... (*Vendo Panta-leão, fecha de repente a janella.*)

SCENA X

THOMÉ, PANTALEÃO E SEBASTIAO

Thomé, (*pasmado para a janella*) — Então que é isto?

Pantaleão, (*sem ver Sebastião*) — Bom, bom! meio caminho andado. (*Entra para a botica esfregando as mãos.*)

Sebastião. (*deixa entrar o velho para a botica e vem direito a Thomé com a bengalla levantada*)— Ah sô biltre de sô remendão atrevido! você em cochichos e colloquios com minha prima! Digame já para alli que pouca vergonha é esta, senão...

Thomé, (*com gravidade ridicula*)—Mocidade estragada e sem sentimentos, mocidade de fumaças e de periodicos! geração de hymnos constitucionaes e de ponches queimados! raça ingrata de lambisqueiros que palra e não bebe!.. qu'é das tuas virtudes, mocidade perdida? Sebastião! inaudito e prospero Sebastião, quando eu ia derramar sôbre ti o balsamo da consolação, da...

Sebastião—O balsamo da melhor taberna ou armazem de vinhos que haja em Lisboa ..

Thomé—E' o Pilho: lá isso ninguem lh'o póde negar; diga o que disser o Zoina... que se rale, que se vá ralando.. lá com'o Pilho... aquelle vinhote de Torres que elle tem!...

Sebastião—Pois sim; o melhor que elle tiver é para ti; heide-te encher essa carcassa do tal vinhote que tu dizes, até arrebentares, e aqui está dinheiro já, se me dizes com verdade que tramoiá é esta que aqui anda entre ti e meu tio e minha prima. Senão o balsamo hade ser outro. (*Mostrando-lhe a bengalla*) Vamos e nada de trovas, das com que tu enganas o velho, que isso commigo não péga. Já, e sem os teus palanfrorios, já em portuguez claro e razo, senão descozo-te aqui a alma como tu descozes uma sola velha, remendão maidito.

Thomé—Venha o balsamo

Sebastião, (*dando-lhe dinheiro*)—Aqui está.

Thomé, (*á parte*)—Bom! Dois cruzios para supprir o que me levou a borrachona da minha espôsa que-

rida; (*alto*) Bem, sr. Sebastião! V. mercê é um rapaz de prestimo. Pois deixe estar, que eu e minha... quero dizer eu e a Anna arranharemos a coisa.

Sebastião—Eu e a Anna? Qual Anna? Catharina, minha prima Catharina, é que eu quero saber...

Thomé—Qual Anna! Pois a Anna da Troixa é uma mul'her bem conhecida e como ha poucas. E que o diga eu!—Sua prima Catharina... a senhora D. Catharina: ai, é verdade, a senhora D. Catharina, que tem hoje gente a jantar—uma pessoa de respeito, um cavalheiro d'esta côrte (*Dando-se áres*) talvez o não conheça ..

Sebastião—Um cavalheiro! Bem o dizia eu... Quem é elle, remendão infernal?

Thomé—Esse mesmo tu o nomeaste. E' o proprio, menos a alcunha, que não dá por ella

Sebastião—Ah! tu estás a mangar commigo! Estás-me logrando, maroto? Toma. (*Dá-lhe*)

Thomé—Não me dê, sr. Sebastião! não me dê, que lhe vou falar a verdade. (*Atrapalhando-se*) Diz ella que no fim de jantar... que eu vou lá...

Sebastião—Tu va's! Oh atrevido! leva. (*Dá-lhe*)

Thomé—Qual vou! não sou eu que vou... Isto é, vou, mas...

Sebastião—Ah! tu vaes... Leva, maroto. (*Dá-lhe*)

Thomé—Aqui d'elrei! Sr. Pantaleão, sr. Pantaleão! Aqui d'elrei! Aqui d'elrei D. Sebastião! Aqui do Encuberto!

SCENA XI

DITOS, PANTALEÃO *accudindo*, depois LAZARO
e OS PRATICANTES

Pantaleão—Que é isto?... Ai, meu sobrinho ás pancadas em Thomé!—Thomé, Thomé segura esse bréjeiro. Oh maldito, oh excommungado, tu impondo mãos violentas no ungido do cerol da prophécia, no homem dos seculos, no escolhido para preparar as viras d'aquelle que hade vir! Amaldiçoado sejas tu! Eu te renego de sobrinho...—(*Para a botica*) Lazaro, rapazes, *accudam!* Tragam balsamos, unguentos, ether, tragam fios, ligaduras... tragam tudo, que tudo é pouco!

Côro dos Praticantes
(que trazem diversas garrafas)

Acudamos já depressa!
Venha toda a medicina,
N'estes casos apertados
E' que brilha a arte divina.

Lazaro—Que tens tu?

1.º Praticante—Os emolientes.

Lazaro—E tu lá?

2.º Praticante—Os adstringentes.

Lazaro—Os tonicos?

3.º Praticante—Eu.

Lazaro—E os apperitivos?

3.º Praticante—Este.

Lazaro—Venham cá. E os sedativos? E o balsamo,
o ether? Os excitativos?

Côro—Tudo quanto havia na nossa botica...

Já nada lá fica,
Já tudo aqui está.
Só o San'Miguel é que ficou lá.

Lazaro—E o laudano liquido?

Côro

Isso é que não ha;
Só ópio é que não:
Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Pantaleão, (tomando uma garrafa das mãos de Lazaro e dando a beber a Thomé)—Bebe, bebe, homem, que é cerveja preta.

Thomé—Cerveja! bebida d'herejes, que a bebam elles os excommungados. Abrenuncio! D'aquelle balsamo de hontem, sr. Pantaleão, aquillo sim!

Pantaleão—Chegue já um de vocês a casa, e traga uma garrafa do meu Porto velho.

Sebastião—Oh meu tio, que cegueira! este sevan-dija é a vergonha da sua casa, a deshonra das suas cans. Abra os olhos senhor.

Pantaleão—Tomára-os eu ter de basilisco para os arregalar sobre ti, malvado, que te fulminassem ahí mortol! Não sei onde estou que... (Chega-se a

Thomé, e opalpando-o) Estás ferido, homem? estás mal? Sentes-te?...

Thomé—Sinto as bordoadas que me arrumou o sr. seu sobrinho...

Pantaleão—Indigno, salteador, sacrilego! nem tu sabes o crime que commetteste, bandoleiro!

Sebastião—Sei, sim senhor: commetti o crime de castigar um insolente e de lhe ensinar a olhar para uma menina de bem.

Pantaleão—Que menina? que menina, tolo.

Sebastião—Que menina?... Eu é que sou o tolo. . A menina é minha prima, sua filha, para quem esse vil sevandija se atreve a levantar os olhos.

Pantaleão—Deixal-o levantar... que levante. Quero eu que os levante... Hade levantal-os, póde levantal-os, deve os levantar. E V. mercê abaixe, abaixe, torne a abaixál-os, e safe-se-me d'aqui antes que eu...

Sebastião—Oh senhor, será com os meus ouvidos que o eu estou ouvindo? Meu tio, meu tio repara bem, sabe bem quem é esse homem?

Pantaleão—Sei, sim senhor, sei muito bem, sim senhor. Assim o souberas tu, meu patarata. Vae, vae, vae para o botequim lêr os periodicos, vae votar no regedor da parochia, vae, que d'essas coisas entenderás tu, mas d'isto não pescas.—Meu Thomé, meu pobre Thomé! deixa estar que eu te despicarei.

Sebastião—Mas, meu tio...

Pantaleão—Não sou seu tio, já não sou seu tio, não lhe sou nada, não lhe quero ser nada.

Sebastião—Mas, senhor, minha prima...

Pantaleão—Sua prima... sua figa! Sô não sei quê, que o parta...

Sebastião—Esse homem, senhor...

Pantaleão—Este homem é um homem... a quem tu não és digno de desatar as corréas dos sapatos... um homem como já os não ha .. como nunca houve outro. E minha filha, minha filha... tem mais juizo do que tu, e sabe apreciar... Vae-te, safate, desaparece, tira-te da minha presença.

Sebastião—Vou, vou, meu tio.. e Deus queira! Mas olha tu, remendão indigno, olha bem para mim e lembra-te...

SCENA XII

PANTALEÃO, THOMÉ, LAZARO

e PRATICANTES

Pantaleão—Deixa-o ir, deixa-o ir; não tenhas medo d'elle. Eu tomarei conta em ti. Ah India, India! Ah boas náos da India para me levarem estes brejeiros e limpar a cidade! Deixa estar que... Vamos, meu Thomé, vamos d'aqui, que temos muito que falar, muito, muito!—Rapazes levem isso, tomem conta na botica, que eu hoje não saio mais de casa. Anda, Thomé.

Thomé (*á parte*)—Não ha duvida; sou um grande homem, sou coisa muito grande devéras... Mas quem diacho sou eu?

Côro

Vá toda a futrica,

Vá para a botica!

E toca a brincar,

A rir e a cantar;

Que hoje a dôze d'opio que toma o patrão,
Dá em grande funcção.

ACTO SEGUNDO

Sola em casa de Pantaleão. Portas ao fundo; e entre ellas o retrato de D. Sebastião de corpo inteiro, armas brancas, grandeza natural. Velas accesas deante. Portas lateraes.

SCENA I

ANNA *sahindo pé ante pé do fundo, (côro dentro)*

Anna—Elles já estão bons... têm-lhe bebido! Póde vir el-rei D. Sebastião quando quizer, ou quem quizer em vez d'elle, que não é Pantaleão nem nenhum dos que com elle estão que já sabe de que côr é esta linha. Olhem o que lá vae!

Côro, (*dentro*)

Hade-se chamar Gonçalo
Já que n'esta casa entrou.

Anna—E aquella teima do nosso Pantaleão, que o meu homem não é Thomé que é Gonçalo! Hade ser das taes sebastianices... mas esta não entendo eu, tomára quem m'a explicasse!

SCENA II

DITOS e SEBASTIÃO *sahindo da esquerda com um grande embrulho debaixo do braço*

Sebastião—Explico-t'a eu.

Anna—Ai, credo! que medo que me metteu, sr. Sebastião, menino! P'or onde entrou?

Sebastião—Pela porta... inda que eu saiba de sahir pela janella; que meu tio se me pesca...

Anna—Não hade pescar; tem a minha protecção. Mas a porta estava aberta?

Sebastião—Abri-a com a chave de trinco que tu me deste inda agora.

Anna—E' verdade... já nem me eu lembrava. Se esta cabeça... Então traz tudo?

Sebastião—Tudo.

Anna—Dê cá (*Tomando o embrulho*). Deixe-me ir guardar isto onde hade ser preciso. E esteja ahí quieto que eu vou chamar a menina. Mas primeiro diga-me, já que diz que sabe; porque é esta teima do seu tio de chamar ao Thomé, Gonçalo?

Sebastião—Dize-me tu outra coisa antes. O teu Thomé far-se-ha Thomé commigo, ou André ou Barnabé?... olha que eu...

Anna—Já lhe disse o que lhe havia dizer; fie-se em mim, que tudo hade ir bem.

Sebastião—Então queres saber do Gonçalo?

Anna—Oiça, oiça o que elles cantam.

Côro (dentro)

Hade-se chamar Gonçalo
Já que n'esta casa entrou:
A tripeça do propheta
Com elle resuscitou.

Sebastião—Gonçalo, Gonçalo... A dizer-te a verdade, eu não me lembra já hem d'estas tonterias que meu tio me fazia lêr quando era pequeno. Mas ail espere, é isso. A tripeça, as prophcias... E' a historia do Bandarra: querem vêr? Pois é; é que se chamava, por signal, Gonçalo Annes Bandarra, o tal sapateiro que fez as trovas, as prophcias, estas nigromancias em que meu tio tem tanta fé. Pois é isso.

Anna—Então hade ser; não é outra coisa. E como o Thomé sabe muitas das taes trovas, como lhe elles chamam, de que seu tio gosta tanto... é isso... é que lhe chama Gonçalo, como quem diz que elle é outro Bandarra.

Sebastião—Não tem que vêr.

Anna—Inda bem!

Sebastião—Inda bem porquê?

Anna—Porque é muito melhor para o nosso caso. Verá.

Sebastião—E o que têm elles estado a fazer lá dentro?

Anna—Ai menino! não faz ideia. Estão todos vestidos como um bando para as luminarias, de capas cabidas, chapéos com plumas... é um riso. O pobre do Thomé arranjaram-no como o neto dos touros de colleira teza de folhos e capinha, com laçaréos encarnados nos sapatos. Estão uns ricos feitos todos que é morrer. E as filhas do sr. Procopio, a sobrinha de fr. Bernardo, todas vestidas de galla... mais a nossa menina tambem, sua prima, por mais que ella não queria, não houve remedio: estão de plumas e flores na cabeça; parecem umas princezas. Diz que assim é que eram os noivados n'outro tempo, no tal bom tempo que les dizem que era e que hade tornar. Emfim, o elratorio prompto, as escripturas lavradas. O tabelião pôde-se dizer que é de casa, ora, o sr. Procopio! só o nome do noivo é que está em branco na escriptura, pela tal teima que o Thomé não é l'homé. Eu muito me rio, porque, o menino bem sabe, Thomé ou não Thomé tanto pôde elle casar como eu. Mas sabe quanto lhe dá de dote o sr. Panteão á nossa menina? Trinta mil cruzados. E não é lá em papeis, nem n'esses trapos de notas azues e verdes e encarnadas que por ahi andam desde que tudo é pêta n'esta terra, até o dinheiro... não senhor, é em peças, peças amareilas, amarelinhas de cegar o olho, menino! .. e bem contadas n'um saquinho de velludo encarnado, que é um amor d'um saquinho... faz gosto e alegra o coração de vê-lo.

Sebastião—Pois o dito, dito, minha Anna, tens certa a logeade capellista, em a coisa se arranjando, e leve a breca a troixa!

Anna—Entrouxado seja o démo n'ella, menino, que já estou cansada de a trazer debaixo da capa!

Mas deixa-me ir, deixa-me ir, que é tempo.

Sebastião—Pois vae.

SCENA III

SEBASTIÃO depois CATHARINA

Sebastião—Se eu me saio bem d'esta! A carta é arriscada, mas não tinha outra que jogar. Meu tio é um homem que não entende razão...

Catharina—Primo, primo, eu não tenho ânimo; desdigo me do que disse. Busquem outro modo.

Sebastião—Já não póde ser, querida prima: está tudo arranjado, e agora é impossivel tornar atraz.

Catharina—Pois eu heide fazer semelhante coisa... casar-me com um... Jesus! com um remendão d'escada?

Sebastião—Mas se a Anna nos assegura que não tem perigo, que não chega a esse ponto, que basta que a menina diga que sim a seu pae, que está prompta a obedecer-lhe, que finja que é muito Sebastianista... e que o mais tudo se arranja?

Catharina—Eu sei, eu sei!...

SCENA IV

ANNA, CATHARINA e SEBASTIÃO

Anna—Saia, saia, já, já, que elles não tardam ahi. Vá e fique-se quieto ahi na escada que eu lá o irei buscar pela porta da cosinha quando for tempo.

Sebastião—Querida prima, ânimo! Então?

Catharina—Pois eu prometto, eu farei quanto poder... mas tenho medo ..

Anna—Medo de quê? Não verão! Deixe-a commigo, menino, vá, vá, e vá descansado. (*Fal-o sahir e fecha-lhe a porta.*)

SCENA V

CATHARINA e ANNA

Catharina—Meu pae está como nunca o vi... pateta, pateta de todo, Deus me perdôe!

Anna—Inda bem! Isso é o que nós queremos.

Catharina—Inda bem!

Anna—Inda bem, sim senhora; e não lhe posso dizer

mais nada agora; logo verá, descance. Ai menina! que comedia, que comedia! Se soubesse o que por lá vae! ..

Catharina -- Já sei demais; fingi que me doía a cabeça e levantei-me da mesa para não vêr aquillo. Faz-me dó ver meu pae com aquellas tolices... meu pae, um homem serio e sizudo a cantarollar, a beber... elle que nunca bebe um calix de vinho ..

Anna — Deixe-o beber... quanto mais elle beber, melhor.. Eu cá me entendo. Espere, não ouviu bater mansinho? Hade ser o Lazaro... (*Chega á porta*). E's tu, Lazaro?

Lazaro, (*de fóra*)—Sou eu: cá vou para a cosinha e tudo fica prompto n'um quarto de hora. (*Canta*)

Só opio é que não;
Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Anna—Calla-te, maldito. (*Falando para a scena*) E' um demonio o Lazaro; sem elle não se arranjava tudo tam bem.

Côro, (*dentro*)

Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal assenta.

Anna—Parece o côro das Trinas do Mocambo. Para que lhes havia de dar aos patetas dos ginjas! Para se pôrem a cantar d'aquella idade, com as vozes a tremer. Mas oh menina, elles cuidam de certo que o Thomé que é el rei D. Sebastião?

Catharina — Não sei bem o que elles cuidam; uma vez me parece uma coisa, outra vez outra. Mas o que eu sei bem é que meu pae que está firmemente persuadido que o Thomé é uma grande personagem encuberta, e que por força me quer casar com elle.

Anna—Ai que riso! Ah, ah, ah! (*rindo*).

Catharina—Ri-te, ri-te, cá estou eu para chorar. E' que tu não sabes o que é meu pae, em se lhe mettendo uma coisa d'estas na cabeça.

Anna—Não, não sei: se eu o não soubera, e se as-

sim não fosse, bem estávamos nós! Ora o Thomé, o mono!

Catharina—Deante d'elle m'o disse, e deante dos seus amigos todos, que approvaram; e tiveram a confiança—o animal de fr. Bernardo é que mais zanga me faz—tiveram o descôco de me dar os parabens!

Anna—E o Thomé—diga, menina: o parvo do remendão o que dizia?

Catharina—Eu sei cá o que elle dizia? Pôz-se-me a lazer olhos e visagens, que eu córava de raiva e de vergonha. Até me parece—espera—até me parece que me chegou a dizer finezas... Meu pae sempre me faz passar por coisas!

Anna (*á parte*)—Tu m'o pagarás, tratante! (*alto*) Ah! elle dizia-lhe finezas!

Catharina—Creio que sim. E de uma vez—agora me lembra—parece-me que me disse assim baixo: «Fale com a Anna, a Anna da Trouxa... A trouxa que nos valha!»

Anna—Isso então é outra coisa; deixe a menina estar; tudo hade acabar em bem.

Catharina—Hade sim! Pois não? Meu primo Sebastião, que já meu pae o não podia vêr, foi-lhe hoje dar pancadas no Thomé...

Anna—E não foram mal dadas: tudo isso nos ajuda. Olhe, menina, elles veem ahi com a sua mascarada de procissão áquelle retrato. Deixe-os vir, e faça-se tola como elles.

Catharina—Já eu estou n'este traço que vês, estou quasi mascarada.

Anna—Pois isso; ponha de conta que é entrudo, que entra n'uma comedia, e faça o seu papel.

Catharina—Mas qual é o meu papel, e se o poderei eu fazer?

Anna—Enthusiasme-se, seja-me Sebastianista exaltada. A quantas loucuras elles disserem, applauda. A tudo o que lhe perguntarem, diga que sim.

Catharina—Que sim! Pois quando me perguntarem se eu quero casar com?...

Anna—Diga que sim.

Catharina—E depois?

Anna—Depois... veremos quando lá chegarmos.

Catharina—N'essa não caio eu. Casar me!

Anna—Deixe-se casar.

Catharina—Com elle?

Anna—Com o proprio D. Sebastião que lhe appareça. Deixe-se casar, o tudo é casar... o caso é casar. Depois...

Catharina—Depois?

Anna—Depois... Já lhe disse: veremos. Em uma palavra, fia-se em mim ou não se fia?

Catharina—Fio-me, minha Anna, fio, que só tu me podes valer.

Anna—Ora pois então, faça o que eu lhe digo, e deixe o mais por minha conta. Olhe, menina, elles a representar a sua comedia que cuidam que é de-véras...—E o que é esta vida toda senão uma comedia?... valha-me Deus!—deixe-os representar a sua comedia. Mal sabem elles que eu é que sou o ponto, ou o contraregra, ou como é que se diz?

Catharina—Dizes bem, contraregra: é o que está detraz dos bastidores e que manda sahir e entrar os outros.

Anna—Sem ninguem o ver de fóra?

Catharina—Sem ninguem o ver de fóra.

Anna—Pois é como é. Eu é que sou o contraregra n'esta comedia: eu é que os faço sahir, eu é que os faço entrar. Verá como lh'a eu acabo, a comedia. Prometti-lh'o á menina e a seu primo: hoje se hade desfazer esta troixa

Catharina—Elles ahí vêm.

Anna—Que venham em boa hora. Eu vou lá dentro e aqui estou já.

SCENA VI

CATHARINA, PANTALEAO, *de capa e volta com uma especie de guião branco como o da camara*, THOMÉ *ridi-culamente vestido no traje de D. Sebastião*, PROCOPIO e varios outros *gizjas de capa e volta*. FR BERNARDO *de samarra*, varias *senhoras moças vestidas de gaila*, LAZARO e OS PRACTICANTES *com tochas*, etc, tudo *perfeitamente caracterizado*; e vêm *em forma de procissão*. Inclina-se *deante do retrato de D. Sebastião e formam alas*, Pantaleão e Thomé *ficam no meio*. O côro *vem cantando*.

Côro de damas

Já o tempo desejado
É chegado.
E el rei D. Sebastião,
Que ao leão corta a garra,
Já levanta o seu pendão.

Côro todo

Viva el-rei D. Sebastião
E o seu propheta Bandarra!

Pantaleão (*com solemndade ridicula*)—Eil-o aqui, meus amigos; achei-o eu, e não me custou pouco. Estava-me reservada esta glória; e creio que posso dizer sem vangloria que esta glória que a merecia a minha lealdade, a minha fé, a minha constancia.

Todos—Muito bem, muito bem! oiçam, oiçam.

Pantaleão—Não me agradam essas palavrar peralvilhas, meus amigos. Aceito a expressão do vosso entusiasmo, da vossa approvação, mas rejeito... Rejeito também é... não quero: desaprovo a fórma. Não estamos aqui n'isso que elles chamam as côrtes! . Mas estamos, quasi se pôde dizer, na côrte do maior e melhor dos reis...

Todos—Apoiado!

Pantaleão—Não apoiem, não apoiem, que não digo mais palavra.

Todos—Fale, fale!

Pantaleão—Peior, peor, peor! Tal e qual como elles. Emfim, senhores, oiçam e callem-se que assim era d'antes, e assim hade tornar a ser se Deus quizer—e quer.—Falar, falo eu; e os outros é para ouvir.—Sim meus amigos. Já o tempo é chegado. Já não são os fatidicos buchos de pescada em que nós, como os antigos augures, iamos estudar os segredos do futuro. Já não é o cacarejar prophético da gallinha que nós espreitavamos com anciedade para ver se sahia ovo com lettra, e se a lettra dizia: «Viva o encuberto!» Já não são os amarillos calhamassos do pretinho do Japão, da madre Leocadia, as proprias trovas emfim do grande Bandarra! (*Inclina-se a Thomé*) do grande, immortal e immorredoiro Gonçalo Annes Bandarra! (*Inclina-se mais profundamente.*) Não, não é já essa escriptura mysteriosa e symbolica a que precisamos decifrar

para saber a quantas andamos, e quando será o dia, o dia feliz em que, por entre a nevoa e a cerração, hade resureir outra vez o sol de Portugal a sua glória antiga, o seu rei verdadeiro, o imperador da quinta monarchia! Não, meus amigos, já nada d'isso precisâmos. Os incredulos vão ser confundidos, e os fieis premiados. Acabaram-se as duvidas e as incertezas, hoje vamos saber tudo. *Ecce homo*, eis aqui o homem!

Côro

Baile Fernando e Constança!
E pois que tudo já vemos,
Pelo bem que lhe queremos,
Seja elle o mestre da dança!

Pantaleão—O mestre da dança hade ser... e que dança!—Este é o mestre, sim, meus amigos, o mestre! o homem dos seculos, o homem que não morreu nem podia morrer. Sim, porque o nosso rei, o nosso libertador está vivo. Não o acreditaes? Falae; agora que é preciso, podeis falar. Acreditaes firmemente que está vivo?

Todos—Firmemente

Pantaleão—Bem! Pois eu digo, e pela mesma razão, que tambem o seu propheta não podia morrer.—O propheta Elias foi arrebatado n'um carro de fogo, e não deixou n'este mundo senão o seu manto. O propheta Bandarra não sei o que deixou nem em que foi arrebatado, mas n'alguma coisa havia de ser... O caso é que o foi. Não o acreditaes?

Todos—Por certo! assim seria.

Pantaleão—E assim foi, nem podia deixar de ser. Por onde elle tem andado estes tres seculos, não sei, mas hade ser por bons e honestos sitios, que não é homem para menos. Não sei por onde andou até agora; elle o dirá se quizer, o grande homem; mas sei que voltou; que está entre nós, que está perto de nós, que está aqui. . aqui n'esta casa, inda mais—que jantou hoje comnosco!

Procopio—E' possível!

Todos—E' possível!

Pantaleão—Que restituído a uma vigorosa e gentil mocidade, hoje me vae fazer a honra d' celebrar esponsaes com minha filha Catharina. Filha ditosa, filha de bençam, vem minha filha predilecta, e sejas

tu a primeira a saudar o grande propheta, o precursor immortál da nossa felicidade, o excelso Goncalo Annes Bandarra que aqui vos apresento senhores. (*Vae buscar a filha e a traz para o pé de Thomé.*)
Thomé—Com que... eu sou?...

SCENA VII

DITOS e ANNA *que entra pelo fundo e se aproxima de Thomé*

Anna (*áparte*)—E's, és o Bandarra; e adeante!
Thomé (*áparte a Anna*)—Adeante? Sempre até o casorio?

Anna (*áparte a Thomé*)—A tudo.

Thomé (*do mesmo modo*)—Bem! agora o verás: espera (*Alto*) Sim, vassallos fieis e illustres cidadãos... (*Áparte*) Oh diacho! cidadãos não é d'aqui, é lá das eleições. (*Alto*) Vassallos, fieis, fieis... independentes... (*Áparte*) Independentes tam'bem é dos eleitores, com a bréca! (*Alto*) Sim eu sou... (*áparte*) Porque não heide eu sel-o) (*Alto*) Sou o Bandarra! O proprio Bandarra em pessoa, que era sapateiro como eu, remendão como eu... e cuja tripeça não tinha senão tres pés como a minha. Podéra! Se elle era eu, e se eu sou elle! Muito tempo o neguei, nem eu sei porquê... Ah! sei. E ainda digo mais—cidadãos... quero dizer, fieis vassallos, ainda digo mais para ser franco e sincero comvosco, que este é o logar da franqueza, o templo da sinceridade...

Pantaleão—O templo da sinceridade... Sublime, sublime!

Anna (*baixo a Catharina*)—Vem ahi asneira muito grossa. menina.

Catharina (*baixo a Anna*)—Se elles desconfiam!...

Anna (*do mesmo modo*)—Não tem perigo: estes sim!

Thomé—Este, digo, é o logar da franqueza, senhor presidente... quero dizer, senhor Pantaleão, Pantaleão de Sá, que presidís a esta illustre assembleia...

Pantaleão—Eu, meu senhor, eul

Thomé—Presidís que mando eu.

Pantaleão—Ah! Se mandaes é outro caso: presidi-rei e falarei...

Thomé—Fareis favor, primeiro que tudo, de me mandar buscar um copo d'aquelle vinhote cerceal da madeira, que ainda ficou lá na mesa uma garrafa quasi cheia. E' um vinho secco e são, proprio para estas seccuras de garganta, que se me pregaram desde que estive n'aquella maldita ilha encoberta.

Pantaleão—Maldita!

Thomé—Quero dizer, abençoada! E abençoado seja tudo o que d'ella vem e está para vir, que a mim nunca de lá me veio senão bem e fortunas e... Mande buscar o vinho, senhor Pantaleão, que se me sécca de todo a garganta, e a prosa tambem. (*Pantaleão sai e volta logo com uma salva com a garrafa e copo, dizendo primeiro*)

Pantaleão—Vou, vou já meu senhor (*á parte*) Forte homem é o propheta, e muito bebe!

Thomé—Bem! vá... aliás, ide, e tornando ao meu caso, ou ao meu ponto, que eu não faço obra senão pontuada ou pespontada e tambem de vira; e lá diz a trova, a minha trova lá digo eu:

Metto a sovella nas viras.

Tornando ao meu ponto, digo que neguei por muito tempo quem eu era, e neguei-o com boa razão... é que eu mesmo o não sabia.

Procopio—Não sabia!

Thomé—Não o sabia, não. E foi preciso... (*Toma o copo da mão de Pantaleão e bebe*)—Ah Pilho, Pilho, d'este nunca tu viste, nem o Zoina! Foi preciso que o meu amigo Pantaleão, este grande homem. (*Pantaleão faz reverencias profundissimas*) este vassallo fiel, qual outro Epaminondas...

Pantaleão—Eu Epaminondas, senhor! oh!...

Thomé—E's Epaminondas, Pantaleão, és; sou eu que o digo, e fica dito: és mais que Epaminondas, és um verdadeiro (*Á parte*) pedaço d'asno é pouco! (*Alto*) és um verdadeiro Rhadamanto.

Pantaleão—Rhadamanto! o grande juiz da antiguidade!

Thomé—Juiz (*Á parte*) Ah! elle era juiz, o tal Rhadamanto! deixál-o ser. (*Alto*) Juiz! E que maior que melhor juiz do que tu, que logo ajuizaste que,

eu era o grande Bandarra, e que te não deixaste embaçar por quatro tombas que me viste deitar, por quatro asneiras que me ouviste dizer, e logo disséste: Aquelle é o Bandarra?

Pantaleão—! e alguma coisa me havia de servir o meu profundo estudo que ha sessenta annos, tenho feito das vossas obras immortaes! oh sancto propheta.

Thomé—Propheta sou, dizes bem: e a ti te prophetiso, ó Pantaleão, e á tua filha Pantasilea. .

Pantaleão—Minha filha elevada á cathegoria de Pantasilea! Isto é honra de mais; eu não merecia... Agradece, filha.

Thomé—A ti e a ella prophetiso eu que na hora em que chegar el-rei meu amo, haveis de ficar ambos... patetas.

Pantaleão—Se eu já o estou, só de vos vêr a vós, ó grande homem, que fará?...

Anna—Oh senhor Bandarra, senhor Bandarra, e a mim que me prophetisa v. ex.ª?

Pantaleão—Tu déste-lhe excellencia, Anna?

Anna—Então que lhe havia de dar. Senhoria hoje em dia tem os gatos.

Thomé—Dá o que quizeres, mulher, que nós tomamos o que nos dá gosto. E principalmente dá-me vinho (*Anna dá-lhe vinho que elle bebe*) Ah Pilho, Pilho, (*Baixo*) que d'este... vou bem, mulher?

Anna (*baixo*)—Vaes: mas avia-te, que já vae sendo massada. E são horas: tudo está prompto.

Thomé—Pois sou, meus senhores, sou eu o Bandarra. E as minhs trovas, as minhas prophcias, sou eu que as venho cumprir e fazer cumprir. Attenção!

Pantaleão—Attenção!

Todos—Attenção!

Thomé—

Oh quem tivêra podêr

Para dizer

Os sonhos que um homem sonha!

Mas hei medo que me ponha

Gran'vergonha

De m'os não quererem crer.

Isto quer dizer que se não espantem de nada do que virem e ouvirem.

Pantaleão—E' claro, clarissimo. E eu que nunca tinha entendido aquella!

Thomé—Callae-vos Pantaleão.

Pantaleão—Estou mudo.

Thomé—

Este será o primeiro
Que porá o seu pendão
Na cabeça do dragão:
Derrubál-o-ha por inteiro.

Isto quer dizer que el-rei D. Sebastião que não tarda, que ahi vem. Mas quando vem, a que hora vem...

Lazaro—De madrugada muito cedo. Até ahi sei eu.

Pantaleão—Calla-te ignorante.

Thomé—Calla-te infimo bazalicao. Esse era o credo velho, pateota, quando vocês iam para o alto de Santa Catharina esperar por mim e por meu amo, em havendo cerração na barra; quando tu, honesto Pantaleão, enganado por traidora pescada, foste alli á Pampulha, onde te correram os gaiatos á pedrada... Mas não falemos mais n'isso: o que lá vae, lá vae. Vejam que horas são.

Procopio—São onze horas e meia.

Thomé—Onze e meia! Bem. Chega a hora. A' meia noite em ponto, hoje, aqui, n'esta casa o vereis.

Todos—Quem?

Thomé—O original d'este retrato, el-rei meu augusto amo, o sr. rei D. Sebastião.

Pantaleão—N'esta casa!

Todos—N'esta casa!

Thomé—N'esta mesma casa, d'aqui a meia hora.

Pantaleão—Que gloria, que fortuna! Eu endoudeço. É possivel? Oh senhor .. Mas como heide eu? .. Valha-me Deus! Como hade isto ser? Não ha aqui ninguem que saiba, que possa...

Thomé—Homem de pouca fé, observa e attende. Sr. Procopio vocemecê é ou foi escrivão, e hoje?

Procopio—Tabellião de notas, é o meu officio.

Thomé—Bem: está nomeado notario regio, e escrivão da puridade. É uma especie de secretario d'estado: não se admire: hade chegar a todos. Sente-se e escreva. (*Procopio fez o que lhe dizem, Thomé prosegue dictando*) Usando e abando ..

Procopio—Zando.

Thomé—Dos poderes que me são concedidos...

Procopio—Didos.

Thomé—Em nome do Encoberto...

Procopio—Berto.

Thomé—Nomeio mordomo mór a Pantaleão de Sá...

Procopio—Taleão de Sá.

Thomé—Que o tenha assim entendido!

Procopio—Dido.

Pantaleão—Senhor!

Thomé—Acceita ou não acceita?

Pantaleão—As minhas molestias, senhor... mas o serviço d'elrei e o desejo...

Thomé—Bem: é a cantilena do costume. Dê-a por dita e vamos adeante. Tome o seu lugar. Vá lavrando os outros decretos. Para estribeiro mór Braz Fagundes. É o senhor?

Pantaleão—O meu compadre? que tem seges d'aluguel.

Thomé—E vocemecê que tem? Implastos e vomitórios. É o que elles são! Em subindo já os outros lhe parecem... Pois hade ser alguma coisa mór o Fagundes, seja o que fôr, logo veremos. O padre fr. Bernardo, esmoler-mór, ninguém lh'o tira. Falta-lhe o habito; mas o habito não faz o monge, como todos sabem e vossa Reverendissima ficava fr. Bernardo inda que lhe pozessem uma albarda. Damas, todas estas senhoras; camaristas, tudo isso. A minha Anna açafata, e que deixe a troixa. Tenho concluido o despacho, e el-rei que venha quando quizer. Estaes satisfeito, Pantaleão?

Pantaleão—Tanta bondade, senhor! Mas permittame sómente que lhe observe. Alguns d'esses empregos... ha pessoas com direitos adquiridos a elles...

Thomé—Não quero saber de direitos nem de tortos. Estou a organizar o paiz.

Pantaleão—Ah! se isso é organizar o paiz!

Thomé—Pois organizar o paiz o que é, pateta, se não repartir a gente por si e pelos seus amigos?... Está bom; não me façam falar. Lembrem-se que eu que sou propheta, e não me puxem pela lingua.

Pantaleão—E o consorcio, senhor? Minha filha a quem estava promettida a honra...

Thomé—Não me esqueço; não cuide: mas ahi é que bate o ponto, ahi é o... Sr.^a D. Catharina?...

Catharina—Thomé!

Pantaleão—Qual Thomé, rapariga? Estás louca. Gonçalo, sr. Gonçalo...

Côro

Hade-se chamar Gonçalo

Já que n'esta casa entrou.

Thomé (*á parte*)—Entrar, entrei eu Gonçalo, agora como heide sair?... Adeus! animo, e adeante, D. Catharina?

Catharina—Que determina, sr. Gonçalo?

Thomé—Gonçalo!... E porque me não chamas Gonçalinho, o teu Gonçalinho, objecto dos meus cuidados, pespontada biqueira do meu coração, obra da medida da minha alma?

Catharina—Ai que coisas que diz! E tudo cheira a serol.

Pantaleão—Catharina!

Thomé—Mas que serol! O serol da prophesia, como diz seu pae, menina! Serol que unge e consagra, e que me dá a gloria de unir esta mão besuntona (*Dá-lhe a mão*) á delicada mão da minha... (*Baixo a Catharina*) Calle-se e aguente que é preciso. Anna não lhe disse?

Catharina (*baixo a Thomé*)-- Disse, disse: mas vae sendo tam comprido isto!

Thomé (*baixo a Catharina*)—Agora, agora: não se impaciente. (*Alto*) Deixa-me, ó Catharina, apertar na minha a tua mão, e...

Catharina—Tire para lá, não quero.

Pantaleão—Catharina, rapariga, que fazes? Apertae, apertae, ó illustre Gonçalo: vossa é a mão de Catharina. Dá a mão, mulher, dá...

Thomé—Esta mão que beijo (*Aperta e beija a mão de Catharina*). (*Dão tres pancodas solemnemente detraz do retrato de D. Sebastião.*)

Todos—Jesus!

Pantaleão—Foi o retrato d'el-rei.

Todos—Misericordia!

Thomé—O retrato! Se fosse o retrato... (*A' parte*)

E' o outro que se zanga; tenha paciência. (*Alto*)
Esta mão, ó Pantaleão, não póde ser minha.

Pantaleão—Que oiço!

Thomé—Is'o mesmo. E ouvistes aquellas solemnes e tremendas pancadas? Não foi retrato... foi... não posso encobri-lo mais... foi o original.

Pantaleão—O original!

Thomé—Sim, callae-vos e attendei. Sim, o original. Aquellas tremendas pancadas querem dizer...

Pantaleão—Querem dizer?

Thomé—Querem dizer que el-rei não está contente commigo, e que incorrerei no seu real desagrado se já, já não executo as ordens que recebi ao partir da ilha encoberta. Dizei-me, Pantaleão, ou antes que direis vós se o genro que vos está destinado, em vez de ser o propheta, fosse... em vez de ser a sombra fosse?...

Pantaleão—Que dizes, homem? Eu tremo, eu quasi que... Eu caio n'esse chão por morto.

Thomé—Pantaleão, attenção! Attenção, todos. Procopios e Procopias, Annas da troixa e Annas sem troixa.

Todos quantos aqui estaes
E que patetas ficaes
De ver e ouvir os signaes
D'estes casos immortaes,
Pasmae, pasmae,
E por terra vos prostrae.

Os ginjas ajoelham[se] todos

E tu, ó Catharina
(*A'parte*) Vamos! dê-me a mão, menina.
Tu só, pelo teu pé, que teu nome é,
Tu vem, chega-te e vê.

Real senhor, apparecei. (*Desapparece o retrato e apparece um homem tal e qual como elle, mas com a viçeira descida*) Eil-o ahí, o encuberto já descoberto.—Real senhor, esta é a esposa que desde tantos seculos vos estava destinada nas minhas prophecias. Eu as fiz e eu ascumpro. Se todos os prophetas fizessem outro tanto, não haveria quem duvidasse d'elles.—Acceitae-a da minha mão, esta esposa, senhor, por quem tendes desprezado filhas

de reis e de imperadores, sobrinhas de papas, netas de suitões e a propria viuva do Preste João das Indias.—Que me dizes a isto Pantaleão? (*A parte a Anna*) Péga a coisa, mulher?

Anna (*baixo a Thomé*)—Vae optimo. Péga, péga. Anda para deante.

Thomé—Pantaleão, eis aqui o premio de teus longos serviços. (*Põe a mão de Catharina na do homem armado e diz baixo para elles*) Animo! a coisa está feita. Agora não larguem (*Alto*) Procopio, lavrae as escripturas, eu assigno de cruz.

Pantaleão—Será possivel! São os meus olhos que vêem, os meus ouvidos que ouvem?—Real senhor, será certo que vossa magestade?...

Thomé—Silencio Pantaleão. Ninguem, senão eu, pôde dirigir a palavra ao Encuberto: é contra a etiqueta.

Pantaleão—Ah! se é contra a etiqueta...

Thomé—Fr. Bernardo, sr. esmoler mór, vamos ás benções ao oratorio. Pantaleão, ide buscar o dote.

Pantaleão—Pois el-rei quer?...

Thomé—Nada, não quer! Tam rico vem elle com trezentos annos, ou quantos é que é, de estar metido na tal ilhazinha!

Pantaleão—Trinta mil cruzados, é o mais que eu posso...

Thomé—Venha para as urgencias do estado.

Pantaleão—Real senhor!

Thomé—Não lhe fale, já lhe disse, nem elle o ouve nem lhe responde enquanto não fôr manhã bem clara... quero dizer, bem cerrada... ao meio dia em ponto.

Pantaleão—Pois não me disse inda agora que á meia noite é que era?

Thomé—Pantaleão, não me seja incredulo, meianoite para chegar, meio dia para falar. Verá como elle fala ámanhã.

Pantaleão—Bem, bem! Já me callo eu.

Thomé—E vá buscar o dote.

Pantaleão—Vou.

Thomé—Tome cada um o seu logar e saia a cõrte. Sem cerimonia, meus senhores. Está dispensada a etiqueta. Toquem as charamellas. Isto vae em ar de procissão, visto que vamos para a capella. Tu-

do adeante, eu e el-rei e a esposa no coice. Vamos!
(*Vão sahindo todos pouco a pouco*).

Thomé (*cania*)—

Já o tempo desejado
E' chegado;
E el-rei D. Sebastião,
Que ao leão corta a garra,
Já levanta o seu pendão.

Côro

Viva el-rei D. Sebastião
E o seu propheta Bandarra!

Thomé (*baixo a Catharina*)—Conhece-o?

Catharina (*do mesmo modo*)—Conheço.

Thomé (*do mesmo modo*)—E' Sebastião ou não é?

Catharina (*do mesmo modo*)—Oh se é. Esta prophe-
cia sahiu bem certa.

Thomé—Ora casem, vão-se deitar, e ámanhã expli-
carão as prophcias ao velho. (*Para o publico can-
tando*)

E vós todos que me ouvis
E assistís
A esta grande funcção,
Fazei todos algazarra
E applaudí a acclamação.

Côro

D'el-rei D. Sebastião
E o seu propheta Bandarra.



O NOIVADO NO DAFUNDO



O Noivado no Dáfundo, ou Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso, foi publicado pela primeira vez em 1857 pela empresa *Theatro moderno*; fôra o sr. Francisco Palha de Faria Lacerda que, competentemente auctorizado, lhe offerecêra o manuscrito.

A sua carta que acompanhára o offerecimento, sendo a historia do *Proverbio*, pedimos-lhe licença para aqui a transcrevermos.¹

O ED. C. G.

¹ «O *Proverbio* que, com auctorização competente lhe envio para ser publicado, é o auxilio mais valioso que posso prestar á empresa do *Theatro moderno*.

«Se ella não vingar á sombra do nome illustre do Visconde de Almeida Garrett, não seriam de certo os meus fracos serviços, e muito menos os meus obscuros e humildes escriptos, que haviam de ir animal-a.

«A estas poucas scenas, esboçadas em tres ou quatro horas para serem ensaiadas e representadas n'uma sala, e em familia. não dava importancia alguma o seu auctor; porém os assignantes da sua collecção, meu amigo, é que lh'a hão de dar, porque—ainda que o Visconde de Almeida Garrett conver-

sava ao mesmo tempo que estava delineando e escrevendo essas paginas — nem por isso lhes falta a graça e elegancia d'aquella penna immortal.

«Para mim, sei eu que este *Proverbio* tem immenso valor ;—é a recordação de um tempo alegre — passado em companhia de pessoas que eram muito queridas á minha alma, e algumas das quaes já não existem ; — é a memoria viva da amizade com que me honrou o grande poeta, a quem paguei, e heide pagar sempre, com muito respeito, e muito entusiasmo pelo seu peregrino talento.

«E para me ficar completo este monumento de saudade, publique-se tambem a carta que veio acompanhando o *Noivado no Dáfundo*. O original de tão preciosa reliquia conserval-o-hei toda a minha vida com o entranhavel amor que merece um thesouro de tão grande preço.»

F. PALHA.

EPISTOLA ROMANTICA

Caxias, 9 de setembro de 1847.

Oh tu que as praias do Dáfundo habitas
E abertos olhos na ventura fitas—
Como a aguia fita o sol—eu te saúdo
De um saudar invejoso e quasi rudo.
Porque... porque... O que é saudar? É um brado,
Uma voz ôca e van, um som coado
Por labios de homem... E o homem? Um segredo,
Um mysterio de duvida e medo,
Uma coisa que fez a natureza
Como a luz faz a sombra — sem despeza
De calor — e até...

Joven das praias,
Não me digas que divago e me dês vaias,
Que isto é puro romantico elevado,
Sublime, philosophico, exaltado,
E sobretudo novo... Maldição!
Maldição sobre quem disser que não!

Ora, pois, n'este dia que entre os dias
Da vida do universo está marcado
Para o mais triste dia de Caxias,

Eu te envio os meus Anjos ¹ que guardado
Atégora me têm na soledade,
E por quem este ermo era abençoado.

Ambos de negra côr da saudade
Trajados vão—que as roupas alvejantes
Ficaram a engommar na Eternidade.

Demais a mais, as maguas penetrantes
De um tio velho que morreu ha dias,
Lhes impedem as vestes roçagantes,
Tambem não levam azas, que em Caxias
São poucas para mim todas as penas:
«É calemburg» —mas sério: não te rias.

.....
.... N'este ponto sublime e quando iam sair as
mais lindas ccizas d'esta epistola —sáe a carroagem
e os anjos. Assim, adeus. Remetto o nosso *Proverbio*.

A. GARRETT.

O NOIVADO NO DÁFUNDO

OU

CADA TERRA COM SEU USO CADA ROCA COM SEU FUSO

Proberbio n'um acto

MDCCCXLVII

PESSOAS

ADELIA	Noiva de
AUGUSTO	
ANNA MAXIMA.....	Mãe da noiva
PANTALEÃO.	Esposo de Anna
ANTUNES	Caixeiro de Pantaleão
ESEQUIEL	Taverneiro
GENOVEVA	Criada

CÔRO DE CONVIDADOS E PARENTES DA NOIVA

A scena é no Dáfundo

SCENA. I

ESEQUIEL, GENOVEVA, CÔRO *dentro*

Uma voz (*ao longe*)

Dáfundol

Côro

Dáfundol

Esequiel—São elles, são elles. Avia-te, Genoveva.

Côro (*dentro*)

Ventura como esta não ha n'este mundo!

Dáfundol

Genoveva—Ai, senhor, a bulha que elles fazem ainda no mar! Que fará em cá entrando!--Deus nos accuda.

Esequiel--Anda, rapariga, minha Genoveva, que hoje é dia grande, pequena. (*Pondo-lhe a mão pela cara.*)

Genoveva--Tire-se para lá,--deixe-me, se quer que me avie.

Esequiel--Genoveva, rapariga, não percas a tua fortuna, não me trates com rigor;--olha que eu hoje que me sinto capaz d'uma asneira.--Genoveva, tu sabes quem eu sou?

Genoveva (*A'parte*)—E's um mono d'um velho, que eu heide fazer rabiá. (*Alto*)—Está bom, senhor, está bom:--não me desinquiéte, que eu sou uma pobre rapariga, orphan de pae e mãe que quero ganhar a minha vida honradamente O senhor é um homem que tem de seu e não lhe falta nada.

Esequiel--Falta, sim, Genoveva: dêsqe morreu quem Deus tem; falta. (*Derretido*)—Pois tu não vêes o que me falta?

Genoveva (*A'parte*)—Vejo, vejo;—é o juizo, pateta. (*Alto*) Olhe, senhor, mudemos de conversa, e di-

ga-me: que gente é esta que aqui vem hoje passar o dia, e que tomou a casa toda,—que encomendou um jantar tamanho?

Esequiel—São uns fanqueiros ricos de Lisboa, gente muito capaz e que paga bem.

Genoveva—E o que vêm elles cá fazer... que diz que é?...

Esequiel—Um noivado, rapariga.—Sabes o que é, minha Genoveva? Olha:—se tu quizessees, tambem nós um dia cê-lo...

Genoveva—Ai deixe, senhor: isso não é para mim, que sou pobre --E diga me: pois então vêm fazer aqui um noivado n'uma taverna?

Esequiel—Taverna, Genoveva!—Bem digo eu que tu não sabes o que dizes nem o que fazes --Pois a Casa de Pasto do Dáfundo é uma taverna!? Uma casa conhecida em toda a parte pelas suas caldeiradas, e os seus patos com arroz!

Genoveva--Mas emfim. seja o que for, é uma casa pública: e então esta gente não tem casa sua para casarem como os outros fazem?

Esequiel--Nada não têm! Um famoso quarto andar com varanda e janellas rasgadas.—Mas é uma moda de França que veio agora, esta de ir fazer os casamentos para as casas de pasto.

Genoveva—Então em França ninguem se casa em casa?

Esequiel--Nada.--Nem na egreja tampouco,—parece —Em sahindo de casa do regedor, ou do juiz eleito, ou de quem quer que é, toca tudo para a casa de pasto, e é comer e beber e dançar, noivos, padrinhos, parentes e convidados, até ao outro dia --Alguns sempre diz que vão depois á egreja, mas só por cerimonia.

Genoveva—E então agora vae-se cá usar isso?...

Esequiel--Pelo que vejo: inda bem! Estes que aqui vêm hoje diz que dispensaram com o prior, ao menos por enquanto: que fazem cá o noivado e que só ámanhan é que vão á freguezia para não dar muito que ralhar.

Genoveva—Pois, senhor, eu dos taes casamentos á franceza—não entendo; não queria .. Cada terra...

Esequiel—Com seu uso. Mas este é bom, e póde servir para cá muito bem.

Côro (*dentro*)

Dáfundo!

Uma voz

Dáfundo!

Ventura como esta não ha n'este mundo!

Côro

Dáfundo!

SCENA II

DITOS, ANNA MAXIMA, ADELIA, AUGUSTO
PANTALEÃO ANTUNES, *convidados e parentes*
de ambos os sexos.

Antunes (*cantando*)

Ulisses que tinha andado
Por este e pelo outro mundo,
Quando quiz fundar Lisboa,
Veiu ás praias do Dáfundo.

Côro

Veiu ás praias do Dáfundo.

Antunes

E ao cimo da Cotovia
Não foi grego facundo
Sem parar aqui primeiro
N'estas praias do Dáfundo!

Côro

Oh! que praias do Dáfundo!

Anna—Muito bem, muito bem! Isto sim que é um casamento, isto é que são modas e usos agradaveis e civilisados.—Oh sr. Pantaleão, no seu tempo sempre eram muito brutos, muito selvagens os nossos portuguezes!—Nem casar sabiam.

Pantaleão — Eu não sabia decerto o que fazia. — Lá isso é verdade.

Anna — Silencio; não diga asneiras, Pantaleão! Lembre-se a figura que hoje faz, e não me envergonhe; — considere bem o que representa n'este dia solemne.

Pantaleão — Eu represento... Pois eu represento?

Anna—De meu marido, sim senhor, e de...

Antunes (*áparte*) — E de tolo.

Anna—E de pae da noiva, senhor!

Pantaleão—Ah! sim, é verdade.--Não me lembrava.

Anna—Meu genro?

Augusto—Senhora!

Anna—Deixe-me vêr o seu ramilhete.—Bom.--Endireite essa gravata, puxe esse colete para baixo.

— Está bem, -- está melhor assim. -- Ora vamos, sr. Augusto, faça-se amavel, seja galante!—Jesus! parece que nunca esteve em Paris.

Augusto—Pois estive.

Anna--E então fazia lá esta mesma figura? Credo!

— E ia assim com essa cara triste e desconsolada ao Palais-Royal, ás Tulherias, á Bastilha?

Augusto (*Sorrindo*)—Não; á Bastilha nunca eu fui. Graças a Deus! E' coisa muito nova, não era ainda do meu tempo.

Anna-- Não é do seu tempo? Não verão o velho. Mas olhe: a falar a verdade, velho parece pelo seu modo.—Sr. Antunes, tome conta no seu amigo, e veja se o alegra. — E oiça: venha cá, sr. Antunes.

Antunes -- «Je suis à vous, madame Pantaleão.» — Deixe-me arranjar a corôa da noiva. (*Para Adelia*) Então dona Adelia! Este véo cahido com mais graça.—Bem, assim! (*Em voz baixa*) Nada de lagrimas agora. Na egreja fica bem; é bom genero; em Paris é de rigor chorar no acto; mas aqui, agora é como se estivessemos no «Cadran bleu», ou «chez Grignon»—que é mais fino--«plus cousu»: — aqui é rir, brincar e dançar.

Adelia (*Baixo a Antunes*)--Não posso.--Quando me lembro que me casam com um homem, que mal conheço, que não gosta de mim,--que é um contracto todo de dinheiro...

Antunes—Não me seja portuguezona.--Vamos!

Anna--Antunes!

Antunes—Senhora! aqui estou,—aqui estou.

Anna--Vamos a isto.—Então que fazemos? Senhor Antunes, divertimo-n'os, ou não nos divertimos! Faça-nos rir,—ande.--diga-nos das suas, que tanta graça tem o mofino do rapaz.—Ora pois, em Paris como se faz quando a gente chega? (*Em voz baixa*) Ouviu -- deixe-se estar ao pé de mim: não se

faça tolo. — Modas de Paris, modas de Paris... mas em termos. — Percebe-me? Olhe que se o apinho n'alguma, atiro com as francezias ao diacho, e hade ver uma portugueza devéras.

Antunes (*A'parte*) — Em boa estou eu mettido. A velha por uma banda, a filha pela outra... Quem me manda a mim?... Mas adeus! Animo, e subamos á altura da situação «En avant et vive Paris!» (*Alto*) Ora pois, meus senhores e senhoras, «Messieurs et dames.» — que em França, paiz classico da galanteria, começa-se pelos homens. — Mas isso não faz nada. Minhas senhoras e meus senhores, vimos aqui hoje fazer este noivado ao Dáfundo, atirando para traz das costas com os velhos usos rabujentos dos nossos Affonsinhos, e dispostos a divertir-nos e a brincar e dançar á moda de Paris. — Portanto, emquanto se não põe o jantar na mesa, vamos á primeira contradança. — Eu na minha qualidade de «garçon de noce», e pelo privilegio que me dá este ramilhete...

Anna — Antunes... sr. Antunes!

Antunes — Madame Pantaleão!

Anna (*Em voz baixa a Antunes*) — Sabe quem é o seu par para a primeira contradança?

Antunes (*A'parte*) — Na primeira logo! (*Em voz baixa a Anna Maxima*) Isso é dar muito nos olhos. — Prudencia, madame Pantaleão, — prudencia.

Anna (*Baixo a Antunes*) — Prudencia! Tambem é moda de Paris, essa? Ora não seja pateta; ouviu? — offereça-me já a mão e com graça. — Vejamos...

Antunes (*A'parte*) — O diabo leve Paris, e quantas modas de lá vêm. O mono da velha já está mais parisienne que Santa Genoveva. (*Arranja-se a contradança. — Adelia dança com Augusto. Antunes vae collocar-se defronte com Anna Maxima.*)

Anna — Vis-á-vis, de minha filha! Não quero. — Para alli. (*Muda de logar — levando Antunes consigo.*)

Antunes (*A'parte*) — Ah diacho! que a velha parece-me que tem faro. — Que faria se eu não tivesse sido tam timido, tam pouco exigente!... (*Dançam*)

Anna (*Acabando a contradança*) — Bem «la contredanse est finie.» Agora vamos passeiar á praia. E então a musica? Sahimos assim monos e semsabores? — Antunes!

Antunes — Madame!

Anna—Não se canta?

Antunes—Já, já: vamos a isso. (*Canta*)

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que noivos de tanta feição!

Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que noivos de tanta feição!

Antunes

N'estas praias do Dáfundo
Hoje veja todo o mundo
Como as modas de Paris
Entre nós tomam raiz.

Anna

E os janotas deixál-os falál-os
Que por fim, elles se callarão.

Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que noivos de tanta feição. (*Sahem.*)

SCENA III

PANTALEÃO, AUGUSTO

Pantaleão—Então, Augusto, não vae, fica ahi sorumbatico?...

Augusto—Doe-me a cabeça.

Pantaleão—Pois então conversemos um bocado, e deixál-os—Tambem a gente não casa para andar sempre atraz das mulheres.—E que me diz a estas modas de Paris? Eu, que nunca lá estive, acho lindo. Anna Maxima, que tambem nunca sahio de Lisboa... Inda assim! não lh'o diga, olhe que desespéra: fala no Palais-Royal e nas Tulherias e em tudo aquillo, como se lá andasse tres annos. Coitada! é o seu fraco. Mas Anna Maxima é que fez tudo isto, bem vê. Eu queria casar minha filha como toda a gente casa; mas a mãe nada. E eu, por lhe fazer a vontade... não é que ella me governe... isso não!—Mas emfim, visto ser moda...

Lá ella e Antunes é que arranjaram tudo. Eu nem fui ouvido, nem sei nada do que elles fizeram... Mas parece-me isto bonito.

Augusto—Pois com effeito, sr. Pantaleão, deixa o seu caixeiro mandar em casa por esse modo?

Pantaleão—Eu que lhe heide fazer, homem? Elle esteve em Paris, sabe todas essas modas, todos estes usos que eu não sei.—E d'ahi ellas tapam-me logo a bocca—que em França que é assim, que se faz assado, que eu que não sei viver, que os envergonho, que os nossos costumes e usos velhos que são para jarretas...

Augusto—Os nossos usos! Mas cada terra...

Pantaleão—Com seu uso.

Augusto—É cada roca...

Pantaleão — Com seu fuso. Mas eu creio que isso era quando as mulheres tinham roca.—Agora...

Augusto—São os homens: bem vejo.

Pantaleão—Olhe, Augusto: ouça uma coisa: e não diga nada, que minha mulher é capaz de me esganar se souber. Mas tome o meu conselho. Deixe-os andar, deixe-os fazer o noivado á franceza como elles quizerem, e depois... faça ás avéssas do que eu fiz.

Augusto—Como assim?

Pantaleão—Eu explico. Quando me casei.... casei-me á portugueza devéras, o mais portuguezmente que é possível. No dia do meu casamento houve arroz doce, e vitella assada e peru recheiado: comeu-se muito, bebeu-se lhe melhor. E depois, qual danças nem meias danças! Jogou-se o voltarete a real, eu tirei uma remissa formidavel! e foi-se tudo embora, e ficámos muito bem casados. Não é assim? Pois eu lhe digo.—D'ahi a tempos vieram umas visinhas para o segundo andar, que tinham estado em Paris não sei quanto tempo, fizeram amizade comnosco; minha mulher começou a falar *franciú* e logo começou a andar tudo n'uma bolanda. Anna Maxima enthusiasmou-se pelas modas francezas, e influuiu-se por tal modo que eu nunca mais me entendi em casa.—Emfim quando Antunes veio para a logea, que tambem tinha estado em Paris e é um moço com geito para tudo—lá isso é verdade—é que eu comeci a ter descanço, porque elle

lá se entende com ellas—com as mulheres—e eu deixo-os.

Augusto—Entendo: não diga mais. Portanto o seu conselho é que me deixe eu casar á franceza, e que viva depois á portugueza.

Pantaleão—Isso, isso; ás avéssas do que eu fiz.

Augusto—Essa era minha tenção. Bem sabe que este casamento foi arranjado entre meu pae e vo-semecê e que eu... Emfim para não contrariar a senhora D. Anna Maxima tenho deixado ir as coisas... á vontade d'ella. E o meu plano era, se visse que sua filha... Mas parece-me...

Pantaleão—Parece-lhe o quê! Não lhe parece nada. —A minha Adelia é um anjo. Aquillo não tem mais fel... A mãe... oh! se fosse a mãe... Se fosse a mãe não digo... Mas ellas ahí veem; calluda! (*Falando muito alto*) Pois como lhe eu ia dizendo, Augusto, minha mulher, madama Pantaleão, que é o modelo das senhoras casadas, e que sabe governar a sua casa como ninguem, uma senhora que dá o tom na galocha e n'essas philarmonicas todas — uma senhora emfim que até os officiaes da fragata franceza dizem que é mesmo uma parisiense...

SCENA IV

DITOS, ANNA MAXIMA, ADELIA

Anna—Saia, senhor Pantaleão! «Sortez Panta» Que nome tam vulgar que este homem tem que nem sequer se póde pronunciar em francez!—Saia, que temos de falar nós tres Vá-se não é aqui o seu logar. Vá á cosinha vêr como vae o jantar.—Ande. Pantaleão (*baixo a Augusto*)—Cautella. (*Alto*) Eu vou.

SCENA V

ANNA MAXIMA, ADELIA, AUGUSTO

Anna (*sentando-se*) — Anda cá filha:—senta-te aqui ao pé de mim e descança sobre este coração maternal. (*Adelia senta-se*) Assim não, não me çifones as minhas blondas, rapariga! Espera. Ai, o meu

vestido de tarlatana novo! E da Lavalhan que este é, que me levou um dinheiral por elle. E' muito cara a elegancia em Lisboa. E' impossivel que custe tanto dinheiro em Paris ser elegante. — Assim, agora assim, filha, encosta-te ao peito materno,—mas com geito — Olha, filha, até no sentimento é preciso ter elegancia. Bem,—assim... Faze grupo.—Contemple este quadro, senhor Augusto, contemple, e diga-me, se tem a menor particula de romantismo n'esse coração, diga-me: viu já espectáculo mais... mais... «moyen âge» do que este?

Augusto—Com effeito, minha senhora, eu...

Anna—Na exposição das Bellas-Artes havia uma mãe e uma filha que estavam assim. E' como quem vê no mesmo ramo o botão e a...

Augusto—E a rosa.

Anna—Ora graças a Deus que já da sua bôcca sahio uma palavra de geito.—Eu bem t'o dizia, filha; elle esteve em Paris, e mais dia menos dia se lhe ha de conhecer. Olhe, Augusto, eu tenho tomado a sua defeza contra todos.—Eu e Antunes somos os unicos...

Augusto—Ah! Antunes tambem?

Anna — Antunes, sim; que é seu amigo verdadeiro. Não é, Adelia?

Adelia—Não sei, mamã.—Creio que...

Augusto—A' moda de Paris?

Anna—Pois que queria o senhor que fosse? Um semsaborão, d'estes portuguezes velhos ralhentos e massistas, que não sabem viver, como os amigos do meu Pantaleão? os taes amigos que elle tinha quando eu casei... quando me casaram—pobre innocente victima que eu fui! mas adeante... uns monos que não sabiam senão jogar o gamão, comer como uns ursos, e ir passeiar ao Terreiro do Paço! Não, senhor; a minha filha, a minha Adelia que aprenda na infelicidade de sua triste mãe, e que vá gosando a sua mocidade, já que eu a não gosei... isto é, a primeira mocidade, que eu graças a Deus ainda não sou...

Augusto—Velha!

Anna—Porquê, acha?...

Augusto—Não lhe disse ainda agora que era uma rosa?

Anna—E' verdade que disse; e foi o que lhe valeu

essa palavra; que a falar a verdade eu vinha disposta a. . . Pois isto são termos sr. Augusto? N'um dia como este—o dia mais feliz da sua vida—'le plus beau jour de ma vie',—como se diz em França, quando nós vimos aqui a estas bellas praias do Dáfundo celebrar como gente civilisada a sua ventura, o sr. Augusto massado e mono põe-se a um canto, ainda não disse uma palavra á sua noiva, e deixa os outros?

Augusto—A' moda de Paris. Pois um marido. . .

Anna—Um marido é um marido, e um noivo é um noivo. Quando lá chegarmos falaremos.—Agora faça-se amavel que é a sua obrigação.

Adelia—Ai, mamã! deixe-o. Eu já agora. . .

Anna—Já agora o quê, filha?

Adelia—Nasci para ser incomprehendida. . .

Anna—'La femme incomprise'; é isso. Não me faltava mais nada. Oh! Adelia, Adelia, junta as tuas lagrimas ás minhas, filha. Oh! Tu serás «Adelina» e eu serei «Consuélo». Duas mulheres de George Sand, como diz Antunes.—Oh! sr. Augusto, sr. Augusto, que se eu tal soubesse!

Adelia—Mamã? a mamã bem sabe que elle. . . nunca gostou de mim.—Isto foi. . .

Anna—Foi uma desgraça, filha; agora é que o eu vejo.—Triste de mim! Vês tu, filha? Começas a ser interessante desde o primeiro dia, quando ordinariamente antes de quatro ou seis mezes não é costume.—Eu fui ao segundo anno.—A civilisação sempre tem andado muito.

Augusto (*A Adelia*)—E que mais quer, minha senhora? Sua mãe põe as coisas no seu verdadeiro ponto de vista. Nós começámos no primeiro dia o que os outros começam mais tarde.

Anna—Calle-se, monstro!

Adelia (*Chorando*)—Este homem ha-de-me matar, mamã.

Anna—Tens tua mãe, filha.

Augusto (*A'parte*)—É' uma scena completa, e das mais regulares. (*Alto*) Parece-lhes, minhas senhoras, que fazermos aqui esta scena tambem será á moda de Paris?

Anna—Monstro, assassino!

Adelia—Minha maman!

Anna—Calla-te, filha; disfarcemos, e mostremos

caracter. (*Aparte.*)—Eu o ensinarei, deixa passar mais alguns dias.

Augusto (*A'parte*)—Olhem o que me esperava!

SCENA VI

DITOS e ANTUNES

Antunes—Madame Pantaleão! Par ditoso, então que é isto? «Le dernier mot de la mère à son enfant chérie? Allons donc!» Ainda temos muito tempo para isso. — Vamos jantar que está na mesa.

En avant! marchons
Contre leurs jambons...

«Par exemple» o «jambon» é delicioso, o pato com arroz—perfeito, a caldeirada de rigor, fabulosa. Não temos «suprêmes», nem «filets», nem «glacés», nem «souflés», mas adeus! «A la campagne comme à la campagne! Et vive la joie!» Madame Pantaleão, o braço ao noivo. — E eu, na minha qualidade de «garçon de noce», bella noiva, aqui estou para vos conduzir. (*Sae Augusto e Anna Maxima*)

Adelia—Augusto sabe tudo, ou desconfia pelo menos. Isto vae mal. Lembre-se do que me prometeu,—do que me jurou.

Antunes—Animo, e deixar correr. — Tudo hade ir ás mil maravilhas.

Adelia—Mas se elle...

Antunes—Ande, ande, que ahi vem gente.

En avant! marchons
Contre leurs...

(*Vêm sahindo os convidados—dois a dois. Os homens dão o braço ás senhoras.*)

Antunes (*que ia sahindo, torna atraç*)—Oh lá, senhores! Vamos; «la barcarolla: Amis, la matinée est belle.» Como é que nós dizemos em portuguez? Lembrem-se dos ensaios. (*Lanta*)

Vamos, amigos; vamos á mesa!
Vamos: e toca, toca a beber!

Cuidados, e a negra tristeza
Tudo em saudes hade morrer!

E que tal é o «calembourgo J'en fais aussi, moi!»
Saudes! Hein? morrer em saudes! (*Canta*)

Tudo em saudes hade morrer.
E viva! E toca, toca a beber!
Beber! E a virar!
Que um só com juizo não hade ficar.

(*Grande algararra.—Saem todos.*)

SCENA VII

ESEQUIEL só, depois AUGUSTO

Esequiel—Disse-me que ficasse eu aqui: fiquemos.

—Que me quererá elle? Seja o que fôr: paga, e paga bem, estamos á sua ordem.

Augusto (*entrando*)—Quanto se lhe resta? Diga depressa.

Esequiel—Não sei nada; conforme o que beberem.

Antunes—Faça de conta que bebe por tres cada um, e diga quanto é, senão...

Esequiel—Espere, espere, deixe-me vêr.—Deu-me quatro moedas de signal—uma nota. Era boa a nota, não era?

Augusto—Maldito homem! Se a não quer...

Esequiel—Não senhor, eu creio que é boa; mas sempre o perguntar não faz mal.—Pois, senhor, dando-me tres mil e duzentos.—bem entendido a rapariga que serviu e os moços... é áparte.

Augusto—Ahi tem tres moedas. Está satisfeito?

Esequiel—Oh! meu senhor v. s.^a perdõe, eu...

Augusto—Chame o bolieiro, chame o bolieiro depressa,—o que eu para aqui mandei esta manhan.

Esequiel—Sim senhor. (*Aparte*) Que diabo de noivo este! Isto é que é casar á franceza; agora entendo.

(*Alto*) Bolieiro! Bolieiro! Elle ahi vem.

Augusto—Está prompta a sege?

Esequiel—A' porta já.

Augusto—Bem.—Tome lá esta carta, sr. Esequiel;

em elles dando pela minha falta e entregue-lh'a; antes não.

Esequiel — Sim senhor; vá descansado. (Augusto sae.)

SCENA VIII

ESEQUIEL e depois ANTUNES

Esequiel — Se os eu entendo, os taes noivos e a tal festança...

Vozes (dentro) — Vivam os noivos! A' saude dos noivos.

Anna (dentro) — E o noivo que é d'elle? Antunes, vá ver onde está o noivo.

Vozes (dentro) — Venha o noivo! O noivo!

Antunes (Entrando em scena) — Augusto, Augusto! Senhor Augusto! Onde está este noivo? Oh senhor patrão viu por aqui o noivo?

Esequiel — O noivo? Pois aquelle é que era o noivo

Antunes — Aquelle, qual?

Esequiel — Um que partiu agora a galope n'uma sege para Lisboa é que era o noivo!

Antunes — Partiu n'uma sege! como? Que diz, homem? Você está louco?

Esequiel — Não sou eu que o estou, não senhor. — Partiu agora mesmo, e por signal que me deixou esta carta para entregar aos senhores — não sei a qual.

Antunes — Deixe ver. (Lê) «Ill.^{mo} sr. Ricardo Antunes.» (Falando) Sou eu mesmo. Vejamos. Que diacho quer isto dizer? Dar-se-ha caso... (Lê) «Meu caro a nigo. Devo-te a maior obrigação por teres arranjado que o meu casamento se fizesse á franchezza Como a cerimonia da egreja, coisa, segundo tu dizes, de muito pouca importancia, ficou para ámanhan, tive tempo de reflectir — e estou convencido que é melhor supprimil-a de todo, pelo que me toca. — É provavel que tu arranjes isso melhor, e em todo o caso, hasde arranjá-l-o sem o teu — amigo do c. — Augusto.» Bonito! o casamento desmanchado! Um rapaz tam rico, que fazia tanto a conta! (Lendo) «É provavel que tu arranjes isso melhor.» Descubriria elle? Adelia adivinhou. — For-

te asneira foi o tal noivado á franceza. Começo a crêr que o ditado tem razão. Cada terra com...

SCENA IX

ANNA MAXIMA, ANI UNES

Anna--Então que é isto? que é do noivo?

Antunes--Aqui o tem por traslado.—Leia. (*Dá-lhe a carta.*)

Anna (*depois de ter lido*)--Que quer dizer? Antunes, Antunes, esta carta... aqui ha coisa. Ha. Ha.—Oh! meu Deus que já começo a abrir os olhos! Antunes, você faz a côrte a Adelia, Antunes.

Antunes--Eu!

Anna--Você, sim. Ingrato! D'ahi é que vinham os seus escrupulos, a sua fidelidade ao patrão Ah malvado que não sei onde estou... Ai, ai, ai! que me vou achar mal--que desmaio...

Antunes--Accudam, accudam, que deu um faniquito em madame Pantaleão.

Côro (*dentro*)

N'este dia

De alegria

As tristezas vão ao fundo,

Vão as maguas!

E nas praias do Dáfundo

Em vez de aguas

Sem sabor,

Corra o vinho, e viva amor!

Antunes--Viva a bréca que os leve! Que gritaria! —Não ouvem. E eu aqui só. Se me ella estoira nas mãos! E está desmaiada devéras. (*Dá-lhe um beliscão*) Está.—Accudam, accudam!

SCENA X

DITOS, ADELIA, PANTALEÃO, (*convidados e parentes—saindo e cantando*)

Côro

N'este dia

De alegria...

Antunes—Forte dia e forte alegria? Suspendei esses harmoniosos cantos, e contemplae este espectáculo.—Pantaleão, honesto Pantaleão, aqui tendes a vossa Pantaleoa, posto que em estado de perfeito faniquito, que d'esta vez—coisa rara mas verdadeira—não é fingido.—Adelia, vosso esposo foi-se,—evaporou-se—e só deixou de si memoria n'esta conceituosa carta que vêdes pendente do chispe materno. O noivado feito está, mas o casamento...

Pantaleão—Pois ainda não estavam casados?

Antunes—Meu caro patrão, como se não quiz metter n'isto—tinhamos nós assentado de deixar a cerimonia da egreja para ámanhã... e...

Pantaleão—Ai meus peccados?

Antunes—Ora a tal cerimonia não é grande coisa em França; mas cá—a nação está tão atrasada que parece...

Pantaleão—Parece?

Adelia—Não estavam casados, não, meu pae, inda bem. Eu casava por lhe fazer a vontade; mas a falar a verdade nós não nos podemos vêr um ao outro.

Pantaleão—Tam bom rapaz e ricol!

Adelia—Que importa? E' um secante.

Pantaleão—E que hade dizer a visinhança, os parentes, toda esta gente! Que vergonha!

Anna (*tornando a si*)—Pantaleão! Pantaleão! Andá cá, meu Pantaleão, deixa-me depor no teu seio...

Pantaleão (*áparte*)—Que quererá ella depor?

Anna—Dá-me os teus braços, Pantaleão. Assim: faze grupo, Adelia! Approxima-te filha.—Bem—sinto-me melhor. Deve ser um bello quadro!—Ouvi-me n'esta hora solemne—entre a morte a vida. Oh! Pantaleão! Eu abri os olhos... quando... os fechei!

Antunes—Coisa extraordinaria, mas succede.

Pantaleão—Tudo me succede,—a mim!

Anna—Cada terra com seu uso, e cada roca... dize.

Pantaleão—Com seu fuso. E' o que te eu dizia d'antes.

Anna—Dizias, dizias, respeitavel Pantaleão, e eu cega que te não ouvia.

Antunes—Se fosse surda...

Anna—Cale-se, valdevinos, e respeite as scenas intimas do grande drama da natureza.—Pantaleão.

meu esposo, amanhã de manhã muito cedo e muito depressa esta rapariga e esse Antunes para a egreja, e casem-n'os bem á portugueza com dois padres em vez de um, se fôr possível.

Pantaleão—Antunes o meu caixeiro!

Anna—Tenho dito: é a minha ultima vontade, Pantaleão...

Pantaleão—A tua ultima... Pois tu devéras tam mal te sentes! (*á parte*) Não é anno de fortuna para mim.

Anna—Sinto, sinto.—O corpo está são mas não póde com o espirito que morreu.—Oh!... Oh! Ah! Ah!

Antunes—Tal e qual como na rua dos Condes. Ah! Oh! Oh! Ah!

Anna—Senhor Antunes!

Antunes—Amavel Pantaleão, «*chère madame Pantaleon!*»

Anna—Tire para lá essas tolices.—Eu sou Anna Maxima, sem mais nem menos...

Antunes—E que mais hade haver além de «maxima?» Oh Maxima, longa — breve é que não póde ser sem faltar á...

Anna—Não me faça rir, Antunes, que isto é muito serio. Ouça.—Inda bem que estas tonterias que me metteu na cabeça não passaram de brincadeiras ridiculas.—Case com minha filha, e tenham ambos mais juizo do que... eu. Senão, bem sabe...

Antunes—Com juizo ou sem elle...

Anna—Cale-se: não seja tolo.—Pantaleão, abençõe estas novas nupcias, que hãode ser á portugueza devéras. Porque enfim, cada...

Antunes (*cantando*)

Cada terra com seu uso
Cada roca com seu fuso.
Estas modas de Paris
Por cá não deitam raiz.

Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que modas que vem de Paris!

O CAMÕES DO ROCIO

O CAMÕES DO ROCIO

COMEDIA EM 3 ACTOS

De collaboração com Ignacio Maria Feijóo

PESSOAS

O Desconhecido.

O Camões—Corregedor do Bairro do Rocio.

Diniz Homem—Estudante da Universidade de Coimbra debaixo do nome de Gregorio.

Sebastião D'arruda—Lavrador, Juiz da vintena do Almargem.

Lourenço Gameiro—Capitão de ordenanças.

Manuel Esteves—Procurador da Irmandade da Senhora do Amparo.

Bartholomeu.—Sapateiro.

D. Antonia do Menino Deus—Proprietaria.

Marianna—Filha de Sebastião.

Uma Criada—Que não fala.

Homens e Mulheres do campo, Officiaes de Justiça

O primeiro acto no Almargem; o segundo
e terceiro em Lisboa.

ACTO PRIMEIRO

O theatro representa a casa de um lavrador; porta no fundo, que é a entrada principal; duas portas lateraes uma grande meza no meio da casa; uma arca antiga á direita; cadeiras com assentos de coiro. No fundo, de um e outro lado da porta, cabaças, enxadas, ansinhos, etc., a meza está guarnecida com pratos de estanho, dois cangirões, garfos e colheres de ferro, tijelas pequenas de loiça grosseira, etc., bancos e outros cangirões sobre a arca.

SCENA I

SEBASTIÃO, MARIANNA, GREGORIO, CRIADOS
e CRIADAS DO CASAL

Estão todos assentados á mesa, e acabando de jantar. O vestuario de Marianna é mais proprio da cidade que do campo; o vestuario de Gregorio é pouco melhor que o dos outros criados, a quem imita nos gestos e modo de falar.

Sebastião (*A Marianna*)—Então, Marianna, já vaes gostando d'esta vida cá de fóra?

Marianna—Nunca me desagradou, e sempre suspirei por estar na companhia de meu pae.

Sebastião—Bem sei, bem sei; mas se tua madrinha não qu'ria, que lh'havia de eu fazer. Quando Deus levou tua mãe, que lá está em gloria, não eras mais alta do qu'isto, tinhas uns tres annos, e minha comadre, a senhora D. Antonia do Menino Deus, (boa alma!) quiz por força levar-te comsigo, e nunca mais consentiu que viesses cá á terra que te viu nascer; que por fim sempre é a nossa terra. —Boa vontade tinha eu, quando te vi crescida, que viesses tomar conta d'esta casa mas nunca me atrevi a falar claro a minha comadre, porque mal lhe dava alguns entenderes, punha-se logo lá nos

carrapitos da lua, e então ella que tem a venta re-torcida. Vae senão quando eu menos o esperava, manda chamar-me e dá-me de conselho que te traga em minha companhia p'ro casal.

Marianna (*A meia voz olhando para Gregorio*)—Não sei se fez bem.

(Movimento de Gregorio que disfarça comendo)

Sebastião—Assim á primeira, cuidei que'estava des-contente contigo, mas certificou-me que não, e só me dando a entender que receava que tu... que-ria lá dizer na sua que Lisboa era uma terra muito grande... e que uma rapariga da tua idade...

Marianna (*A meia voz olhando para Gregorio*)—A's vezes ainda ha maiores perigos no campo.

(Movimento de Gregorio)

Sebastião—Seja lá o que fôr; o certo é que te apa-nhei em casa, e que se minha comadre te quizer agora outra vez, pôde esperar que de mim te não largo... P'ra que tenho eu uma filha e p'ra que lhe quero eu tanto?

Gregorio (*Levantando-se*) — Se noss'amo dá licen-ça, vamos fazer uma saude á nossa patroa nova.

Sebastião—Com muito gosto, mas não hade sêr com este vinho... vae buscar um cangirão do melhor.

Gregorio—Isso bem via eu; e já allí está.

(Vae buscar o cangirão acima da arca e deita vinho nas tijelas)

A' saude de nossa ama nova!

Côro

Se gostaes de flores,
Em nossas campinas,
Achareis boninas,
E tambem amores.

Gregorio

Deixando os tectos doirados,
Tereis a sombra das faias;
Em vez de ricas alfaias,
O matiz de nossos prados.

Côro

Se gostaes de flores, etc.

Gregorio

Aqui o sol é mais puro,
Tem os raios mais brilhantes;
São fieis sempre os amarites,
Não tem coração perjuro.

Côro

Se gostaes de flores, etc.

Sebastião—Vês tu, minha filha, esta alegria da nossa gente? Não ha vida como a nossa vida do campo; eu não a trocava, (e então agora que tenho cá a minha filha!) pelas grandezas do maior fidalgo da côrte do nosso rei o senhor D. João V.

Gregorio—Pela sorte d'el rei me não trocava eu se... se estivesse no seu caso.

Sebastião—Alto lá! tanto não digo eu. (*Vendo que os camponezes têm acabado de comer.*) Parece-me que ninguem tem mais vontade de comer. Demos graças a Deus. (*Levanta-se e os mais todos depois d'elle. Momento de silencio; abençoando-os*) Deus vos abençõe, meus filhos.

(Os camponezes arrumam a mesa no fun^{do}, esquerda, e pegam nos diversos utensilios de lavoira:)

Côro

Não haja demora,
Aos campos corramos;
Prazer, abundancia
N'elles encontramos.

Gregorio

No meio de seus thesoiros
O rico está descontente;
Na sua humilde choupana
Vive o pobre alegremente.

Côro

Não haja demora, etc.

(*Saem pelo fundo.*)

SCENA II

SEBASTIÃO e MARIANNA

Sebastião—Agora estamos sós, e pôdemos fallar á nossa vontade: vamos a tratar do teu casamento. Tu estás uma mulher e eu dei a minha palavra a Manuel dos Pégões, lavrador do Alemtejo, homem capaz, sim senhor; tem muita terra e muito vin-tem.—E' verdade que tua madrinha não queria que se marcasse já tempo certo p'ra isto se fazer: um dia era uma razão, outro dia outra, por que não queria separar-se de ti; mas agora que podemos fazer o que quizermos, vamos nós aqui ambos assentar quando se ha de fazer este casamento.

(Todas as indicações são da esquerda do espectador para a direita)

Marianna (*Tristemente*)—Quando meu pae quizer.

Sebastião—A modo que ficaste triste... Dar-se-ha caso que te não agrade este arranjo?

Marianna—A mim agrada-me tudo o que fôr da sua vontade.

Sebastião—Dizes isso de um modo que me fazes desacorçoar. E' verdade que não perguntei o teu gosto, e que nem sequer viste ainda o noivo; estas com tua madrinha lá em Lisboa, e ella não quer calções em casa; mas como este casamento fazia conta, ajustei-o e acabou-se. Já se sabe que ficou a condição, que lhe puz, de virem ambos para minha casa; quero que meus filhos me fechem os olhos quando eu morrer... Oh rápariga! a modo que ficas sempre tam triste, em se falando n'isto, que estou quasi arrependido de ter feito este ajuste... Fala-me claro; se tens alguma coisa a retrucar, ainda estás a tempo de te arrependeres; e mais bem me custará andar p'ra traz com a minha palavra de lavrador honrado, mas primeiro está minha filha, e o muito que lh'eu quero.

Marianna (*A'parte*)—Que hei de eu responder? Não tenho uma unica desculpa. (*Em voz alta*) Meu pae... fiada na sua bondade... só lhe peço que demore por mais algum tempo...

Sebastião—Com muito gosto; queres que demore por um mez, por tres, por seis...?

Marianna—Pois seja por seis mezes; quero-me costumar primeiro á vida de lavradora.

Sebastião—E tens muita razão; nem tal me alembra-va. Sejam seis mezes, e no entretanto vou escrever a teu noivo, a dizer-lhe que venha p'ra cá estar co'a gente; quero que tomem confiança um c'o outro... verás que mocetão tam bem estreado!

Marianna—Meu pae... peço-lhe que não escreva por ora...

SCENA III

SEBASTIÃO, MARIANNA e GREGORIO (*entrando apressadamente pelo fundo*)

Gregorio—Sôr meu amo, sôr meu amo, vi agora o capitão Lourenço Gameiro pela azinhaga do Porto abaixo, e parece-me que vem p'ra cá.

Sebastião—Oh diabo! que virá elle cá fazer? Se vem p'ra argumentar comigo, não estou de pachorra p'ro aturar.

Gregorio—Ha de vir com alguma das suas, mas tenha-se-me co'elle; não se me faça mole, mostre que é um digno juiz da vintena.

Sebastião—Oh Gregorio! valha-te a paixão de Christo! Eu quero, sim puxar pelas minhas autoridades, mas já estou de candêas ás vessas com toda essa gente, e tenho medo que me armem alguma carrapata.

Gregorio—Qual carrapata nem meia carrapata; faça o sôr Sebastião d'Arruda o que lhe digo e deixe o mais por minha conta.

(Durante esta scena Gregorio tem olhado continuamente para Marianna; esta mostra-se cada vez mais séria)

Marianna—Meu pae ha de dar licença que me retire (*Sae pela esquerda.*)

Sebastião—Como quizeres.—Mas, meu Gregorio, é bem verdade que te acho muita, muita razão, e por isso tenho tomado os teus conselhos para ir de encontro ás injustiças d'esses homens, mas elles são poderosos e podem dar alguma queixa de mim.

Gregorio—E o sôr meu amo póde dar vinte queixas d'elles. Haviam d'estes malvados beber o sangue

cá á gente do campo sem se lh'ir á mão! ora essa havia de ser bonita!

Sebastião—Tu discorres bem, mas onde diacho foste tu aprender essas coisas?

Gregorio—O sôr meu amo não sabe? não lh'o tenho dito? Em casa d'um desembargador que eu servi em Lisboa. Aprende-se muito no serviço d'aquelles senhores,

Sebastião, *(olhando para o fundo.)*—Sinto passos... elle comigo... oh Gregorio! não me desampares.

SCENA IV

LOURENÇO, SEBASTIÃO, e GREGORIO

Lourenço—Deus seja n'esta casa.

Gregorio *(A parte)*—E o diabo na tua.

Sebastião—Sou um seu creado, sôr capitão Lourenço.

Lourenço—V. m. sabe o que me traz a esta casa?

Sebastião—Se v. m. ainda m'o não disse como o hei d'eu saber!

Lourenço—Pois sôr juiz da vintena, é necessario que nos entendamos por uma vez.

Sebastião—Estou ás suas ordens.

Gregorio *(A meia voz a Sebastião.)*—Isso mesmo, muita cortezia e nada de condescendencia.

Lourenço—Ora sabe você que tenho o meu milho todo por sachar?

Sebastião—Pois já era tempo; ha mais d'oito dias qu'eu acabei a minha sachá.—Porque não mette gente?

Lourenço—Porque a não acho; todos querem ganhar jornal.

Sebastião—E tem muita razão.

Lourenço—Oh sô Sebastião d'Arruda! pois você atreve-se-me a dizer que tem muita razão! Bem digo eu que se elles não querem amannhar as minhas terras, como é pratica e costume, é por que tem as costas quentes co'a sua protecção.—N'outro tempo resmungavam, sim senhor, mas sempre iam; porém agora dizem redondamente que não querem. O anno passado não gastei eu cinco réis no amanho das minhas terras, e ainda este anno fiz

a cava e semeei o milho em paz e quietação, como os meus antepassados faziam, e como fazem ainda hoje todos os capitães de ordenanças.— Contava meu pae, que era capitão como eu, que os moradores do lugar deixavam de amanhar as suas terras para ir amanhar as d'elle. Mas o sôr juiz da vintena pôe agora outras leis! Metteu-se-lhe lá na cabeça que eu que heide gastar dinheiro na minha sacha, e gastar dinheiro em fazer a vendima?... Pois engana-se de meio a meio: heide fazer a sacha, heide fazer a ceifa, heide fazer a debulha, heide fazer a vendima sem gastar uma de cinco, quer o sôr Sebastião d'Arruda queira, quer não queira... heide-lhe pregar uma lição que o hade pôr mais macio que um veludo, heide. .

Sebastião—Alto lá, sôr Lourenço Gameiro, dê as suas razões mas não me grite; olhe que está na casa alheia e deante d'uma autoridade,

Gregorio (*A meia voz.*)—Não s'esquente.

Lourenço—Uma autoridade! ora não verão esta autoridade!—Eu lhe mostrarei em pouco tempo que você é menos que ninguém... eu lhe farei ver o que é um capitão de ordenanças offendido na sua honra!

Sebastião—Essa agora é melhor! pois é tocar-lhe lá na sua honra aconselhar aos moradores do lugar que não trabalhem de graça? Qual é a lei divina ou humana que tal manda?

Lourenço—Pois você também entende de leis?! Com quem as aprendeu? aprendeu-as com os seus carneiros?

Sebastião—Oh sô Lourenço Gameiro, ou Lourenço do diabo, não m'esquente mais a cabeça, olhe que tenho aqui um fueiro... (*Pega n'um fueiro delgado.*)

Lourenço (*Levando a mão á espada sem desembainhar.*)—Oh sôr Sebastião d'Arruda, você ameaça!... Não sei aonde estou que o não racho de meio a meio! (*Fugindo sempre.*)

Gregorio (*Rindo-se, e vindo ao meio d'elles.*)—Haja prudencia!

SCENA V

GREGORIO, SEBASTIÃO, MANUEL E TEVES
e LOURENÇO

Esteves—Tenha lá mão!... Então que é isto?

Lourenço—Foi aqui o sôr Sebastião d'Arruda...

Sebastião—Foi lá o sôr Lourenço Gameiro...

Esteves—Ora soceguem.—Pouco mais ou menos já sei o motivo d'esta desordem; e tenho cá de mim p'ra mim que não foi o sôr capitão o culpado.

Sebastião—Pois está muito enganado o sôr Manuel Esteves; foi o sôr capitão que veio arcar comigo de proposito e caso pensado.

Lourenço—E' porque o sôr juiz da vintena tem feito levantar contra mim todos os moradores do Almargem.

Esteves—Isso lá não admira, que eu tambem estou muito quêxoso do mesmo.

Sebastião—Então de que se quêxa o sôr Manuel Esteves?

Esteves—Pois inda você o prégunta? depois de me ter prohibido a festa da Senhora do Amparo, de que eu sou o précurador?...

Sebastião—Quem é que lhe prohibe a festa? O que eu não quero é que o arruido do arraial entre pela noite dentro.—Tenho dito; a festa hade acabar com o dia, em escurecendo hade-se deitar a foguetada, e um quarto d'hora despois não consinto mais ninguem no arraial, para evitar as desordens e os desafôros que tem havido estes annos atraz. Assim o mandei, e assim hade ser.

Esteves—Visto isso que ahi diz, não reconhece a auctoridade do senhor patriarcha, que deu licença para esta festividade?

Lourenço—Que tal está o herege!

Sebastião—Ora vocês não me dêxarão com um milheiro de demonios!

Gregorio (*Vendo Esteves puxar por um papel*)—Que será aquillo?

Esteves—Veja isto; examine bem; olhe que não é ahi a licença d'um qualquer, é do sôr cardeal patriarcha, que tem quasi tanto poder como o papa.

Gregorio (*A meia voz a Sebastião*)—Não esmoreça!

Sebastião—Antão você, sôr Manuel Esteves quer-me metter a mim os dedos pelos olhos! O sôr patriarcha deu a sua licença p'rá festa, mas não p'rás patifarias que se fazem de noite no arraial.

Lourenço—Este homem é um impiol!

Esteves—E' o que diz o nosso Padre cura; até se oppõe ás decisões da Santa Madre Igreja, e não dêxa pagar as premicias. O padre está banzando; o foliar da Paschoa, este anno, não lhe rendeu mais do que seis mil e quatro centos, quando inda o anno passado lhe rendeu p'ra riba de trinta mil réis.—Alembrou-se o sôr Sebastião d'Arruda, de dizer por ahí que dê cada um aquillo que quizer ou pudér.

Sebastião—Tenho dito isso, é verdade, por que assim o entendo em minha consciencia. A Igreja não póde mandar que eu dê o que o padre cura quizer, por que então podia elle, quando cá veiu este anno, pedir-me os bois com qu'eu andava lavrando, o que seria uma asneira muito grande, e eu estou bem certo que a Igreja não manda asneiras.

Lourenço—Jesus! Santo Nome de Jesus! que blasphemia! (*Benze-se.*)

Esteves—Por isso você hade ir parar á inquisição.

Sebastião (*Rindo-se*)—Isso lá não me mette medo.

Esteves—Ah! você ri-se; pois mal sabe o qu'está p'ra lh'acontecer.

Gregorio (*A'parte*)—Oh diachol!

Sebastião—Que diz lá o sôr Manuel Esteves?

Esteves—Digo-lhe que a festa hade durar até pola manhã, e que você não hade assistir a ella.—Ah! tinha-se-lhe encaixado lá n'esses miolos qu'isto haverá de ficar assim... pois está muito mal enganado: a minha irmandade tem grandes protectores que hão de vingar a Mãe Santissima e os seus devotos.

Gregorio (*A'parte*)—Os homens já lhe armaram alguma.

Lourenço—Hade comer pés e mãos n'uma cadêa.

Esteves—Hade ser queimado vivo como um herege.

Lourenço—E' um malvado!

Esteves—E' um impiol!

Sebastião (*Deitando a mão ao fueiro*) Bem podem ambos despejar-me a casa, quando não... (*Arre-*

mette com elles; fogem para o fundo; Lourenço leva a mão á espada, mas não desembainha, Gregorio ri ás gargalhadas.)

Esteves — Ah! você levanta um fueiro para o précurador d'uma santa irmandade!

Lourenço — Faz o desacato de ameaçar um capitão d'ordenanças!... Deixe estar que nós o ensinaremos.

Esteves (*Fugindo pela porta do fundo*) — E' um herege!

Lourenço (*O mesmo*) — E' um judeu! (*Saem ambos pelo fundo.*)

SCENA VI

SEBASTIÃO e GREGORIO

Sebastião (*Deitando fóra o fueiro*) — Graças ao fueiro que se foram embora; mas de certo fico mettido em trabalhos.

Gregorio — Ora deixe-se d'isso.

Sebastião — Que me deixe d'isso! Cuidas tu que os não entendo; os homens queriam capote; vieram de proposito árcar commigo p'ra m'entalarem, e vão agora por hi armar-me algum capitulo.

Gregorio (*A'parte*) — Já elle estará armado. (*Em voz alta*) Sôr meu amo, não tenha medo; eu cá estou.

Sebastião — Olha que te digo qu'estou arranjado com o teu valimento e com os teus conselhos! Mais me valêra a mim continuar a fazer como d'antes; ver e calar. E' bem verdade que me custava ver as violencias que elles faziam, mas não abria bico. Vieste servir n'este casal, e entraste-me a dar conselhos que puxasse pelas minhas autoridades; assim o fiz, porque já tinha disposição para a coisa; e agora ahí tens o fructo.

Gregorio — Ora sôr meu amo, não tome o caso tanto a peito... não se afflija, e deixe tudo isso por minha conta.

Sebastião — Estou bem servido com a tua protecção, não tem duvida. (*Pega no chapéu que está sobre a arca, e sae pelo fundo.*)

SCENA VII

Gregorio (só)—E diz elle muito bem; que protecção lhe heide dar?... Estamos ambos entalados, e elle muito mais do que pensa; persuade se que os homens vão agora fazer-lhe a cama e ella já está feita. Os taes sujeitos ligaram-se com o cura, e gabam-se de ter dado do pobre homem uma conta que poderá muito bem leval-o ás galés... Está desgraçado, e eu tambem... Os actos d'este anno bolavérunt; desde as férias do Natal que não appareço na universidade... e já estamos em maio! Nem minha familia, nem meus professores sabem de mim... E tomava o grau de bacharel se acabasse este anno com boa fortuna!... tomei o grau de saloic; fica uma coisa pela outra... Mas que tenho eu alcançado no fim de tantos trabalhos? Nada, pela palavra nada... Ah! já me esquecia; apanhei uma estocada de uma mão de ferro... Foi boa historia essa!—Nem sei mesmo como Marianna tem consentido que eu esteja ha um mez n'esta casa! debaixo d'estes trajos!—Já agora é uma teima... Mas o peor é ter eu envolvido o pobre lavrador n'uma meada de que já o não posso livrar... Para ganhar ascendente sobre o seu espirito, dei-lhe os funestos conselhos que hoje o deitam a perder!... Quanto estou arrependido da minha imprudencia!... mas o amor que tenho a sua filha... (*Olhando para a esquerda*) Está alli... se eu podesse falar-lhe? .. mas como, se ella foge sempre de se encontrar commigo?... Oh! ella ahi vem... isto é grande novidade!...

SCENA VIII

MARIANNA e GREGORIO

Gregorio—Minha senhora, tenho a honra de ..
Marianna (*Interrompendo-o*)—Não se cance com cumprimentos, e tenha a bondade de me ouvir: Tivemos a infelicidade de nos encontrar na primeira oitava do Natal passado.. (*Movimento de Gregorio*) Digo infelicidade, porque a tem sido para

mim e igualmente para o senhor Diniz, (julgo que é este o seu nome?)

Gregorio — Sim minha senhora; esse é o nome do seu amante respeitoso e apaixonado...

Marianna (*Interrompendo-o*)—Desde esse dia começou a nossa desgraça; o senhor não voltou para os seus estudos quando acabaram as ferias; comprometteu-se com a sua familia; interrompeu talvez a carreira da sua fortuna...

Gregorio—E que importa tudo isso? eu só pretendo agradar-lhe, merecel-a...

Marianna—E os desgostos que por sua causa tenho tido?

Gregorio—Ah! senhora!...

Marianna—Quando estavamos em Lisboa, o senhor Diniz era a minha sombra: para qualquer parte que eu fosse...

Gregorio—Eu nunca a segui senão á egreja.

Marianna—Porque minha madrinha não me levava a outra parte. Dia e noite não cessava de passear pela nossa rua...

Gregorio—E como sabe a senhora isso?

Marianna—Porque o via por dentro das adufas.

Gregorio—Ah!

Marianna—E minha madrinha tambem... mas ella ia disfarçando, ou talvez não percebesse; porém havia na visinhança pessoas mais espertas ou mais curiosas que tinham observado e percebido. (*Movimento de Gregorio*) Finalmente aquelle encontro que houve uma certa noite defronte das nossas janellas acabou de abrir os olhos a minha madrinha.

Gregorio—Era mais de meia noite e suppunha que já estaria recolhida.

Marianna—Despertámos com o tinir das espadas... chegámos á janella e tudo vimos. Minha madrinha mandou-me para casa de meu pae, e eu fiquei certamente desacreditada no espirito de muita gente.

Gregorio (*Afflicto*)—Que me diz?!

Marianna — Digo-lhe que estou desacreditada, porque toda a visinhança ficou persuadida que fôra despedida d'aquella casa por ter dado occasião a essa briga... e o senhor vindo a este casal de baixo d'esses trajos, quer acabar de me perder.

Gregorio — Ah Senhoral as minhas intenções são de

um homem de bem, e se me dá licença vou já falar com seu pae.

Marianna—Nada conseguiria; ha mais de um anno que estou promettida a um rico lavrador do Alemtejo... homem que eu não conheço, mas...

Gregorio (*Aterrado*)—Oh meu Deus! meu Deus!

Marianna (*Afflicta e approximando-se d'elle affectuosamente*)—Que tem, senhor? torne a si.

Gregorio—Dê-me alguma esperança; diga-me que hade oppôr-se a esse casamento que lhe querem fazer.

Marianna—E' impossivel; por muito que me custasse nunca me havia de oppor ás determinações de meu pae, e peço-lhe que hoje mesmo saia d'este casal, aliás vou declarar tudo.

Gregorio—Então não tem compaixão de mim?

Marianna (*A'parte*)—Tenho de mais. (*Alto*) Não heide desobedecer a meu pae.

(Entrada de Camões pelo fundo)

Gregorio—Mas...

Marianna (*Que sentiu gente á porta*)—Silencio!

SCENA IX

MARIANNA, o CAMÕES, GREGORIO, dois OFFICIAES DE JUSTIÇA (*no fundo*)

Gregorio (*Olhando*)—Oh! com a fortuna! é o corregedor do bairro do Rocio.

Camões—Julgo ser esta a morada do senhor Sebastião d'Arruda, juiz da vintena do Almargem? (*A'parte*)—Que rapariga tão bonita!

Marianna—Sim senhor, que pertende sua mercê.

Camões—Pretendo falar-lhe—Onde está elle?

Marianna—Está no seu trabalho, mas eu vou já chamal-o. (*A'parte*) Que será isto? (*Sae pelo fundo.*)

Camões (*Assentando-se á esquerda*)—Tu és criado d'esta casa?

Gregorio (*Affastando-se e fazendo-se rustico*)—Sou sim senhor.

Camões—Que se diz de teu amo na terra?

Gregorio—Que se diz de meu amo?... diz-se... diz-se munta coisa.

Camões--Mas o que? bem ou mal?

Gregorio (*A'parte*)--O homem quer puxar-me pela lingua. (*Em voz alta*)--Uns dizem bem, outros dizem mal.

Camões--Quaes são os que dizem bem?

Gregorio--Nós outros que o servimos, e todos os pobres do lugar.

Camões--E os outros?

Gregorio--Os outros... esses não o podem enxergar com dois olhos que tem na cara: os lavradores porque é mais rico do que elles; o capitão da ordenança porque meu amo não consente que lhe vamos amanhar as terras sem nos pagar p'ra cá o jornal; os menzarios da Senhora do Amparo porqu'elle não quer festas lá por alta noite; o cura, porque o sôr Sebastião diz aos pobres que lhe não dêem tudo qu'elle quer, e... e outros muntos dizem mal porque o ouvem dizer a estes. (*A'parte*) Vamos a vêr se posso salvar o pobre homem.

Camões (*Que o observou com o sobrolho françado*)--E's um rustico, porém estás bem ensaiado... aprendeste bem a tua lição.

Gregorio--Que diz sua mercê?

Camões--Que vás procurar teu amo, e dizer-lhe que estou á sua espera.

Gregorio--E quem direi que é sua mercê?

Camões--E' escusado.

Gregorio--Sua mercê manda mais alguma coisa?

Camões--Por ora não.

Gregorio (*A'parte*)--O homem está perdido; ficarei perto a vêr se lhe posso valer. (*Faz cortesias ao Camões e aos officiaes de justiça. Sae pelo fundo.*)

SCENA X

O CAMÕES e os dois officiaes (no fundo)

Camões--Eis-me aqui pois no Almagem para prender um lavrador. Parece-me que não valia a pena de me incomodar para uma diligencia de tam pouca monta; porém, manda el-rei, não ha remedio senão obedecer. (*Reflectindo*) Que quererá dizer estar elle com uma cara tam prasenteira quando me deu esta ordem?!... Ha mais de um mez

que o não via rir; e para isto tam folgazão!... (*Reflectindo*) Dar-se-ha caso que a sua tristeza e a sua alegria tenham que vêr com a prisão d'este homem?... Não póde ser.—O certo é que se fôr verdadeira a conta que d'elle deram a el-rei, e que eu vi, deve de ser um faccinoroso!... Vamos de vagar, que estas queixas, as mais das vezes, são obra de inveja e de maldade... serão; mas elle vae sempre gemer para a cadêa, emquanto não fôr justificado... e depois, se os accusadores são poderosos, vá lá haver-lhe os damnos.—Assim anda o mundo; os mais fortes pesam sobre os mais fracos... e ás vezes esmagam-n'os, sem lhe valer a justiça.. Justiça! anda tão encarquilhada a pobre de Christo como uma velhinha de cem annos... Muita coisa vejo eu que lhe devia dar remedio, muitos crimes que se poderiam evitar ou punir rigorosamente .. mas eu não nasci para reformar o mundo, nasci para me divertir com elle... E tenho cá de mim para mim que mais vale ser corregedor em Lisboa do que ouvidor em alguma capitania da costa d'Africa... pessimo clima, moças muito negras... gente mais apaixonada de cachaca que de versos e boa sucia... que ia eu lá fazer?... Vamos fechando os olhos, e vivendo regaladamente no nosso Portugal velho, que é boa terra.—Muito me arrisco eu ás vezes, confiado na boa feição d'el-rei; mas d'isso mesmo é preciso emendar-me. Tem seus dias de má catadura! Se vae a gente lá n'uma occasião d'essas, dizer-lhe alguma verdade... Principes não morrem por ellas. (*Olhando para o fundo e levantando-se*) Chega o tal marmanjo... não tem muito má cara... mas a da rapariga ainda é melhor.—O homem viria por aqui á caça? Capaz é elle d'isso... Oh diacho!... se eu soubéra! .. Pois ainda t'a prêgo se pudér, que te devo uma divida.—Vejam os que isto é.

SCENA XI

O CAMÕES, SEBASTIAO, MARIANNA,
GREGORIO (*afastado*), os dois officiaes (*no fundo*)

Sebastião--Sou um creado de sua mercê. Manda alguma coisa do seu serviço?

Camões--Sou o corregedor do bairro do Rocio, e venho intimar-lhe da parte d'el-rei que se recôlha ás cadêas da côrte.

Marianna (*Afflicta*)—Oh meu Deus!

Sebastião--Eu senhor?! qual é o meu crime?

Camões--Não sei; mas foi presente a el-rei uma queixa que deram de v. m.

Sebastião (*Afflicto, olhando para Gregorio e a meia voz*)—Ah Gregorio! Gregorio!

Gregorio (*Aterrado áparte*)—Que volta lhe heide eu dar? Estou tam embaçado que nada me lembra.

Camões--Portanto dê ordem á sua casa, e prepare-se para me acompanhar.

Sebastião--Que remedio tenho eu?

Marianna--Ah meu pael

Sebastião--Socega, rapariga; cá a minha consciencia está limpa, e isto não hade ser nada com o favor de Deus. (*Ao Camões*)—Sua mercê hade dar licença que eu vá vestir-me com mais alguma limpeza, e dêxar cá as ordens pr'ós trabalhos do casal.

Camões (*Assentando-se*)—Pois não! arrange-se a seu gosto. (*Sebastião encaminha-se para a porta da direita e Camões dirigindo-se aos dois officiaes*) Sigam esse homem.

(*Sebastião sae pela direita, seguido de Gregorio e dos officiaes.*)

SCENA XII

O CAMÕES e MARIANNA

Marianna--Ah senhor Corregedor! compadeça-se de meu pae, que está innocente; não o leve preso para Lisboa.

Camões (*Que não tem tirado os olhos de Marianna*)

levantando-se)—Oh minha rica menina! muita pena tenho de lhe não poder fazer o que me pede; é uma ordem d'el-rei e hade executar-se; mas conte com a minha protecção em tudo e por tudo.

Contae commigo; sou, sou todo vosso...
Dedos mimosos, faces de setim,
I. oiros cabellos, dentes de marfim!
A taes encantos resistir não posso.

Marianna (*Que não prestou attenção aa que elle dizia*)—Hei de acompanhar meu pae a Lisboa, hei de ir com minha madrinha deitar-me aos pés d'el-rei.

Camões—Aos pés d'el-rei! oh menina! não se lembre de semelhante coisa; só se... A menina conhece o nosso... digo, já beijou a mão a el-rei?

Marianna—Eu! aonde?... Não senhor.

Camões (*A'parte*)—Então enganei-me: não é a coisa. (*Em voz alta*) Pois minha flor, meu suspiro branco, não se metta n'isso, olhe que póde fazer o caso peor. E' muito bonita e não convêm... (*Emendando*) não convem que fale por ora a el-rei que está como uma furia contra seu pae... Lá a madrinha... (ella provavelmente é velha) essa sim, essa póde ir sem perigo.—Mas o melhor é deixar tudo por minha conta; hei de ser o juiz do processo, e já lhe disse que podia esperar de mim todo o favor. (*A'parte*) Como ella é boal

Marianna (*Chorando*)—Oh meu Deus!

Camões (*Pegando-lhe na mão que ella retira*)—Ora, minha linda menina, não chore; ha quem seja mais desgraçado que seu pae; a sua prisão poucos dias poderá durar, mas eu... preso pelos seus formosos olhos, toda a vida chorarei o meu captiveiro. (*Quer pegar-lhe outra vez na mão que ella retira*)

Marianna (*Afastando-se*)—Senhor?! que quer isto dizer?

Camões—Quer dizer que a amo, que a adoro, que...

Marianna (*Indignada*)—Senhor corregedor, deixe-me! Lembre se do seu character, do seu officio. .

Camões—O meu officio é prender gente, e a menina prendeu-me agora a mim: aonde se fazem ahi se pagam.—Mas eu peço vista, requiero alvará de fiança, para o que entregarei um memorial que te-

nha... que tenha peso e valor ao relator do feito; e espero...

Marianna—Se el-rei soubesse os ministros que tem?...

Camões—El-rei!! Ora menina, el-rei sabe o que são as fraquezas do proximo; a justiça tempera-se com... (*Sentindo rumor no fundo.*) Oh diabo! que ahi vem gente...

SCENA XIII

O CAMÕES, LOURENÇO, ESTEVES
e MARIANNA

Esteves, (*Entrando pelo fundo a Lourenço.*)—Olha meu Loirenço, lá está o ministro que vem prender o nosso patife... e a lambisgoia da filha hade estar pedindo misericordia.

Lourenço—Elle tem mangado com a tropa, mas hoje mangamos nós com elle.

Camões (*Já muito serio, a Marianna que se afastou d'elle*)—Que gente é aquella?

Marianna—São os accusadores de meu pae.

(*Os dois fazem do fundo muitas cortezias a Camões*)

Camões—Que taes elles são!

Lourenço (*Approximando-se*) — Sou um reverente creado do sôr doitor corregedor.

Esteves (*Approximando-se*)—Muito gosto tenho em conhecer sua mercê; e desejo que Deus o ajude em todas as suas obras.

Camões (*Friamente*)—Sou seu criado. Os senhores pretendem alguma coisa de mim?

Lourenço—Não senhor. Soubemos que sua mercê estava no Almargem, e vimos fazer-lhe os nossos cumprimentos.

Camões—Muito obrigado.—O senhor, pelo que vejo, é da tropa?...

Lourenço—Sou capitão d'ordenanças, á falta d'elles, para servir a sua mercê.

Camões—E foi á guerra nos seus tempos?

Lourenço—Não senhor, nunca veio a geito.

Camões—Pois é pena, porque lhe acho a catadura de um homem valente.

Lourenço—Muito agradecido a sua mercê.

Camões (*a Manuel Esteves*)—O senhor provavelmente também é pessoa de consideração cá no lugar?

Esteves—Sou o précurador da irmandade da Senhora do Amparo, e um criado do senhor corregedor.

Camões—Ah! é procurador!... tem um bom officio se souber usar d'elle.

Esteves—Faço-lhe a diligencia.

Camões—Isso creio eu... procura bem? não é assim?

Esteves—Que diz sua mercê?

Camões—E' cá uma coisa... Ora diga-me; cá pelas festas e arraiaes ha muitos oiteiros?

Esteves—Isso lá muitos; estamos cercados d'elles; não se faz um quarto de légua que não ande a gente a subir e a descer.

Camões (*Rindo-se*)—Não lhe falo n'esses oiteiros; pergunto-lhe se apparecem poetas por estes sitios? Não ha por aqui perto algum convento de freiras?

Lourenço—Freiras não senhor; mas por festas vêm por abi alguns meliantes de Lisboa, e glosam alguma coisa ás raparigas, mas os rapazes da terra não gostam muito que façam versos ás moças do lugar.

Camões—Isso que têm? não lhe façam elles outra coisa... (*Sentindo rumor e olhando para a direita.*) Bravo que tafalaria! o tal juiz da vintena vem de ponto em branco!

SCENA XIV

O CAMÕES, SEBASTIÃO, LOURENÇO,
ESTEVES, MARIANNA,

GREGORIO (*com um grande chuço conduzindo
oito criados com chuços e cajados*)
e OS DOIS OFFICIAES DE JUSTIÇA.

(Os dois officiaes entram adiante de Gregorio; vêm assustados e dirigem-se logo para a porta do fundo. Sebastião traz casaca, chapéu armado, vara debaixo da portinhola direita, e espada. Gregorio fórma a sua gente no meio da scena.)

Camões—Que quer isto dizer?

Sebastião—Eu lh'o explico: Da parte d'el-rei, dou a voz de preso a sua mercê.

Camões—Eu preso!?

Sebastião—É como lh'o digo: e hade fazer favor de me acompanhar até Lisboa.

Lourenço—Isto é o cumulo da...

(Gregorio ameaça Lourenço com o chuço.)

Sebastião—Sôr Loirenço Gameiro, sôr Loirenço Gameiro! ..

Camões—Ora v. m. sabe que isto que faz não tem pés nem cabeça, e que se hade arrepender do seu procedimento!

Sebastião—O senhor não sabe que se acha no districto cá da nossa jurisdição e que...

Camões—Sei muito bem, pois vim aqui de proposito para o prender, e já effectuei a minha diligencia.

Sebastião—Esse acto está nullo.

(Gregorio ri durante esta scena; Marianna olha para elle admirada.)

Camões—E porque?

Sebastião—Porque não me apeou primeiro, que é por onde devêra ter começado. Portanto encontrando um homem que não conheço, e que nem sei se é corregedor se não é, fazendo por aqui diligencias, eu juiz d'esta terra que me acho com todas as minhas autoridades, prendo sua mercê á ordem d'El-rei.

Camões (*Rindo*)—Ganhou, senhor juiz da vintena; pôde lavar seis tentos. Ora o certo é que debaixo de uma ruim capa se acha ás vezes ...

Sebastião—Um bom bebedor, não é assim? Pois é para que veja que nós cá para fóra tambem sabemos o nome ós bois.

Camões (*Rindo*)—Isso sabem vocês melhor que os de Lisboa.

Gregorio (*Rindo. A'parte*)—Tornou-se o feitiço contra o feiticeiro.

Marianna (*A meia voz*)—Ainda não estou em mim!

Esteves (*A'parte*)—O homem tem pacto com o diabo.

Lourenço (*A'parte*)—Eu mesmo já me não julgo aqui muito seguro.

Sebastião—Portanto, quando sua mercê determinar?

Camões—Estou ás suas ordens. (*Pega no chapéo que tinha posto sobre uma cadeira, A'parte á bocca da scena.* Que formidaveis gargalhadas não dará el rei... e então elle!

Côro

Para a côrte de Lisboa
Sem demora caminhemos,
E vamos ali mostrar
O grande juiz que temos.

Camões

Que m'importa esta prisão?
Faz-me rir, não vale nada;
Mas que grande surriada
Elles todos me darão!

Côro

Para a côrte de Lisboa etc.

Sebastião

Se conselho não tivera,
Hoje ficava mamado.

Gregorio (*A' parte*)

Elle veio buscar lá,
Mas vae mui bem tosquiado!

Lourenço (*A Esteves*)

Quem havia de pensar
Que o saloio tal faria?!

Esteves (*A Lourenço*)

Eu não sei o que te diga,
Mas parece brucharia.

Camões

Vamos pois, não ha remedio;

Sebastião

A's suas ordens estou.

Marianna

N'um momento o céo piedoso
A minha sorte mudou.

Côro

Para a côrte de Lisboa etc.

(Movimento de saída)

ACTO SEGUNDO

O theatro representa a antiga rua dos Cavalleiros. Janellas com adufas de um e outro lado. A' direita, no primeiro plano, uma porta praticavel, com um pequeno alend्रे; ao pé a loja de um sapateiro remendão; do mesmo lado, no plano mais acima, a entrada de uma travessa. A' esquerda, no segundo plano, janella de adufa praticavel; porta praticavel no terceiro plano, debaixo de outra janella de adufa.

SCENA I

BARTHOLOMEU, depois GREGORIO

(Bartholomeu está trabalhando á sua porta, debaixo do alpendre)

Bartholomeu (só)

Um velho zoupeiro,
E muito mesquinho,
Tinha por visinho
Um bom sapateiro;

Mas não descansava,
Que o mestre batia,
E cantarolava
De noite e de dia.

O tal camafeu,
P'ra que se calasse
E não martellasse,
Dinheiro lhe deu.

Eu que sempre velo
Que canto e martello,
Não acho um diabo
Que me dê um chavo!

Dizem que quem canta seus males espanta, pois não é verdade... O officio não rende... não ha uma alma damnada que queira uns sapatos da minha mão; só apparecem concertos, e de mais a mais querem que lh'os faça pela hora da morte... no entre-tanto a barriga padece.—Entretenho-me a cantar e divirto-me em espreitar a vizinhança.. mas que importa! não posso disfarçar o meu mal.—O que me vale é a criada da D. Antonia que me dá ás escondidas alguns restos que por lá lhe ficam... boa rapariga! mas tem a mania de querer casar, e eu estou muito escaldado de casamentos. — Ora que eu tenha tido dois officios, e que em ambos elles tenha sido infeliz!... Já quando era barbeiro, ninguém queria barba que eu fizesse... isto é sina!... *(Emquanto fala nunca deixa de correr os olhos por todos os lados.)* Oh! lá sae o maloio, criado do compadre de D. Antonia.

Gregorio *(Entrando pela porta da esquerda)* — Guarde-o Deus, sô mestre!

Bartholomeu — Deus o guarde, senhor lavrador... Que tem por cá?

Gregorio — Nada. — Não tenho que fazer lá em riba, venho cá p'ra baixo conversar um bocado.

Bartholomeu — Faz muito bem.—Ora diga-me, seu amo já se livrou d'aquelle crime que lhe puzeram?

Gregorio — Porquê! meu amo fez algum crime? Se fosse criminoso não andava solto.

Bartholomeu — Isso lá são coisas... tem protecção, e de certo não vae á cadeia.

Gregorio — Então que protector tem elle?

Bartholomeu — Você é um homem boçal, e não tosca essas coisas.

Gregorio — Lá isso é verdade; mas como ainda não vi pessoa alguma que o protegesse...

Bartholomeu — Bem digo eu, que você está por conquistar... Pois mette-se-lhe na cabeça que sem protecção, e protecção graúda, elle se havia de livrar solto de dois crimes tamanhos? A' uma, que o mandou El-rei prender pelo Corregedor do Rocio; á outra, que não foi pequena a desfeita que elle fez ao mesmo Corregedor, trazendo-o preso p'ra Lisboa, no meio d'uma chusma de phariseus.

Gregorio *(Rindo)* — Obrigado pelo elogio, que eu

tambem era dos phariseus.—Alembra-me agora que talvez seja sua protectora a sôra D. Antonia do Menino Deus.

Bartholomeu—Quem! a beatorra da velha? .. ora deixe-se d'isso. Quem o protege é a filha.

Gregorio (*Indignado*)—A filha! Marianna!? Que diz, sô mestre?

Bartholomeu—Digo-lhe isto; e eu que o digo é porque o sei. Você nunca ouviu falar lá em casa n'uma briga que houve, aqui ha dois mezes, deifronte das janellas de D. Antonia?

Gregorio—Eu não. Conte-me lá isso.

Bartholomeu (*Levantando-se*)—Ah! você não sabe... pois eu lhe vou contar toda essa historia, e é uma obra de misericordia que lhe faço, que é bom para os creados saberem o viver dos amos.—(*Olhando para as janellas de D. Antonia.*) Esta sua patrôa moça (isto sabe você) foi creada, aqui na rua dos Cavalleiros, em casa da madrinha a tal D. Antonia do Menino Deus; casa em que nunca houve que arranhar. Mas pelo Natal passado...

Gregorio (*A'parte*)—Por modo que sabe do negocio.

Bartholomeu (*abaixando mais a voz*)—Sim, se não foi pelo Natal, foi alli por pé, começaram-me a rondar por aqui dois mirones... porém rondavam mais de noite que de dia... Um nunca eu pude saber quem era... mas o outro!... oh! o outro... esse é muito meu conhecido.

Gregorio—Pois conhece algum?!

Bartholomeu—Como conheço as minhas sovellas... era eu... era um sugeito com quem tive n'outro tempo umas historias, quando eu era barbeiro.

Gregorio—Ah! o sô mestre já foi barbeiro! bem o parece pelos vastos conhecimentos que tem... da vizinhança.—Então que historia teve com o tal sugeito? e quem é elle?

Bartholomeu—Espere, homem; eu lhe digo: era eu então barbeiro, (officio para o qual nunca tive muito geito) e trabalhava na loja de Antonio Guitarra, lá p'rá rua Fresca. Era n'um sabbado á noite; entrou na loja um homem embuçado na sua capa assentou-se n'um canto—Os freguezes que estavam foram-se aviando e sahindo; entraram outros e sahiram... falou-se muito nas vidas alheias

e até mesmo em pessoas de pôlpa alta.—Por duas ou tres vezes perguntou o mestre ao tal embuçado se queria fazer a barba, e elle: moita. Deram as onze e já não havia na loja senão o tal freguez.—O mestre sahiu para ir cear, e eu fiquei só com o individuo.—Com o engodo de ganhar um desgraçado vintem, perguntei-lhe se queria barbear-se.—«Que tal é a sua navalha, mestre?» me perguntou elle Muito boa, lhe respondi eu.—«E a mão?»—Muito melhor ainda.—«Pois vamos a isso, disse elle.—Desembuça-se, e vejo um homem bem apessoado e bem parecido. Assenta-se na cadeira do meio, e eu fiquei passado quando vi uma cara mimosa, e com a barba feita da vespera. Sempre fui tomando animo, e comecei a barbeal-o; mas logo aos primeiros talhos fiz-lhe sangue na cara.—Que tal está a navalha? lhe perguntei eu.—«Muito boa,» me respondeu elle. Bom, disse eu commigo mesmo: o homem não é dorido.—Continuei com mais algum desafogo, e elle muito contente da sua vida, sem tugar nem mugir, e mais já tinha a cara que nem um santo sudario. Por fim acabei, e perguntei-lhe se estava satisfeito —«Muito.» me respondeu elle, com um ár de riso. E pondo a capa e puxando pela bolsa que estava reben-tando com ouro, tirou um cruzado que deitou em cima da mesa, e com a mesma mão com que me deu o dinheiro... oh Virgem Sagrada! desandame um murro nos dentes que me quebrou a frontaria toda. . Ora veja esta miseria!

Gregorio (*Rindo*)—Então já vejo porque se desgostou do officio de barbeiro?

Bartholomeu—E' verdade.

Gregorio—Mas quem era o do murro?

Bartholomeu—Quem era?... quem era?... isso lhe não digo eu.

Gregorio (*Agitado*)—E porquê?

Bartholomeu—Porque... porque... porque tenho medo de outro murro ou de mais alguma coisa.

Gregorio (*Agitado, áparte*)—Oh meu Deus! tenho uma desconfiança... desgraçado de mim se ella se realiza . (*Em voz alta*) Pois bem; não quer dizer o nome do homem, não importa; mas que tem essa historia com a da briga?

Bartholomeu—Espere, que já lá vamos. Como lhe

ia contando: haverá dois mezes, era mais de meia noite, um dos taes mirones, (não o meu conhecido, o outro) zangado de vêr passear aquelle vulto por defronte das janellas da rapariga, que elle tambem namorava, lembrou-se de se fazer pimpão, e n'uma das voltas em que o meu conhecido vinha para baixo, atravessa-se-me no meio da rua, e diz-lhe com alma: «Por aqui ninguem passa!» O tal desconhecido, (que é aquelle que eu conheço pelo murro, mas não digo quem e, tão tolo era eu!) o tal desconhecido, como ia dizendo, que é um grande espadachim e morre por estes encontros, mette mão á espada e o outro tambem.—Agora o verás: esgrimiram mais de um quarto de hora... mas o meu conhecido, que é forte de pulso, deu uma estocada no pobre diabo e deixou-o.—O golpe, supponho eu, que não foi de morte, porque o melro foi andando pelo seu pé, porém nunca mais tornou a apparecer até agora.

Gregorio—Ora vejani o que o sô mestre sabe de coisas!—Mas quem lhe disse que os taes dois mirones (como lhe chama) andavam namorando minha patrôa?

Bartholomeu—Quem m'o disse? Ninguem. Para que tenho eu dois olhos n'esta cara? E ainda digo mais, a rapariguinha por modo que se inclinava para o que levou a estocada.

Gregorio (*Com satisfação*)—Como sabe você isso?

Bartholomeu—Via-o eu muito bem: quando passava o meu conhecido, estava a adufa inteiramente fechada; mas quando passava o outro, logo se abria um bocadinho, e em elle virando as costas, era de todo, para o vêr melhor, já se sabe.

Gregorio (*A'parte*)—E eu que nunca percebi semelhante coisa!

Bartholomeu (*Indo arranjar o seu trem*)—Mal ella voltou para Lisboa, começaram logo outra vez a rondar dois rebuçados: um d'elles é o meu conhecido, e a respeito do outro tenho cá uma desconfiança...

Gregorio—Ora diga lá essa desconfiança.

Bartholomeu (*A meia voz*)—Parece-me... parece-me que é o Camões do Rocio.

Gregorio (*Fingindo-se admirado*)—Ah!! o tal Corregedor que meu amo trouxe preso para Lisboa!

Bartholomeu—Esse mesmo.

Gregorio—Mas porque me não hade dizer o sô mestre o nome do seu conhecido, já que não teve duvida em me dizer o nome d'este. Ou é pessoa de maior consideração, ou muito medo tem você d'elle.

Bartholomeu — E' uma coisa e outra. (*Voltando á scena*) — Ora venha cá; você nunca ouviu contar casos d'El-rei?

Gregorio—Eu não. (*A'parte*) Vão crescendo as minhas suspeitas.

Bartholomeu -- Pois eu lhe conto alguns que sei. Este nosso rei o senhor D. João V é um grande jogador de espada preta, e gosta de andar passeando pela cidade, disfarçado e de noite (já se sabe). Entra n'uma loja, entra n'outra e ouve o que se diz d'elle e do seu governo para depois se regular. Também namora a sua rapariguinha e tem por ahi suas brigas, coisas de que elle gosta muito, e quasi sempre dá. Comtudo já achou uma vez um saloio que, sem saber o jogo, e dando a torto e a direito, apertou de tal modo com el rei, que este foi obrigado a apitar para lhe acudirem, quando não o saloio dava cabo d'elle.

Gregorio—Não está máo divertimento!

Bartholomeu—N'outra occasião entrou na loja de uma pobre mulher que vendia lenha. Os parceiros para a conversa eram a dita mulher, e tres criados de servir, que estavam alli fazendo horas. El-rei armou logo palestra com elles, e de que se havia de lembrar? de dizer mal de si. Os tres criados, que parece que eram gallegos, riram muito, e não se escandalisaram... mas a boa da mulher, que era portugueza nos ossos, offendida de ouvir injuriar o seu rei, sae-me muito surrateira para fóra do balcão com uma acha de lenha escondida... toma-lhe a porta e desanda-me no rei tres formidaveis arrochadas, segundo dizem, que eu não vi. — O certo é que a mulher nunca mais tornou a vender lenha, e tem hoje uma tença muito boa e muito mal paga, por causa da obra de Mafra.— Então que lhe parece, sô lavrador!

Gregorio—Que me hade parecer? que quem faz isso, podia muito bem quebrar com um murro os dentes a um máo barbeiro.

Bartholomeu — Hein!! A modo que você não é tão lôrpa como parece (*Olhando para o fundo, e vendo um vulto embuçado que apparece á esquerda e vem descendo pela rua abaixo, fica espantado*) Adeus! Adeus! temos conversado os farrapos. (*Mette com precipitação a tripeça e a alcofa para den ro de casa e fecha a porta*).

Gregorio — Que tem elle?! (*Olhando para o fundo*) Ah!!! Agora é preciso representar bem de saloio, quando não estou perdido.

SCENA II

O DESCONHECIDO, e GREGORIO

(*O desconhecido traz chapéo desabado e vem embuçado*)

O Desconhecido (*A Gregorio, que está na extrema direita*)—Anda cá!

Gregorio—Quem? eu!...

O Desconhecido--Approxima-te.

Gregorio (*Sem tirar o chapéo*)--Antão que me quer?

O Desconhecido--Quero que me faças um recado.

Gregorio—Um recado?!

O Desconhecido--Hasde levar uma carta a tua ama, mas com muito segredo.

Gregorio--Essa é boa; é p'rá senhora D. Antonia... dê cá isso.

O Desconhecido--D. Antonia! não, lôrpa; é para entregar á senhora Marianna.

Gregorio—E de quem é a carta.

O Desconhecido--Isso não é da tua conta?

Gregorio--Pois antão não lhe pego.

O Desconhecido (*Com imperio*)--Mando eu!... (*caindo em si*) Anda, anda que te heide dar para umas botas. (*Apresenta-lhe a carta*.)

Gregorio--Como dá alguma coisa... vá feito. (*Acceita a carta*)

O Desconhecido--Toma bem sentido; olha que hasde entregar a carta em particular.

Gregorio--Sem que ninguem veja, sim senhor.

O Desconhecido--Isso mesmo; e se trouxeres resposta terás o que quizeres. Em fechando a noite estarei á tua espera no cimo da rua. Adeus!

Gregorio--Adeus lá! e sempre obrigado.

(O Desconhecido embuça-se e vac pela rua acima. Desapparece pelo ultimo plano á esquerda.)

SCENA III

Gregorio (*Só. Olhando para a carta que tem na mão*)
 --Ah carta! carta!... Quem me dera saber o que ella contém... mas abril-a era arriscar-me a muito... Guardal-a-hei fechada, pois talvez possa servir para alguma coisa. (*Guarda a carta*) Eis-me aqui pois feito mensageiro de um e outro... O tal Camões não póde tardar... hade vir buscar a resposta, e já está preparada.--Esse é que hade pagar por ambos; hade levar uma lição que o escarmen-te para sempre de andar a correr aventuras d'amores. Protesto que hade ser bem castigado... Mas o outro?... o homem da carta?... esse... (*Reflectindo*) Verêmos... Eu sou tão feliz, e elle gosta tanto de gracejar... mas o que eu não sei é se gosta que se graceje com elle... (*Reflectindo*) Vá á sorte! preso por mil, preso por mil e quinhentos: tambem levará a sua lição. Dar, não me dá elle porque já sei o seu golpe da mestre, que o diga este hombro que ainda não está curado de todo... O caso sempre é muito melindroso!... Ora com effeito, metti-me n'uma tal embrulhada, que se sair bem d'ella, levo as palmas a todos os estudantes passados, presentes e futuros. — (*Olhando para o fundo*) Oh! ahi vem o Camões; como elle hade ficar contente com a resposta que lhe vou dar! (*Tira o chapéo e faz-lhe muitas corteziás*)

SCENA IV

CAMÕES e GREGORIO

Gregorio (*Subindo a scena e levantando a voz*)--Sou um seu creado sôr doitor Corregedor!

Camões--Nada de cumprimentos; vamos ao que importa: que resposta me trazes do recado que mandei a tua ama? Respondeu por escripto?

Gregorio--Não senhor: de palavra. O sôr doitor Corregedor não lhe escreveu, tambem ella não.

Camões--Então que manda dizer?

Gregorio (*Levantando a voz*)--Manda dizer...!

Camões--Oh diabo! fala mais baixo que nos podem ouvir.

Gregorio (*Abaixando muito a voz*)--Manda dizer ó sôr doitor Corregedor que lhe não pode falar das janellas de sua madrinha.

Camões (*A'parte*)--Tenho entendido; é por causa d'elle. (*Em voz alta*) E é a resposta que trazes? Olha que te digo que és forte embaixador.

Gregorio--Se o sôr doitor corregedor toma o recado na escada!...

Camões--Pois avia-te!

Gregorio (*Levantando a voz*)--Diz ella...!

Camões--Fala mais baixo!

Gregorio (*Abaixando muito a voz*)--Diz ella que vae esta noite com a madrinha a casa de D. Francisca d'Albuquerque que mora no Postigo de Santo André, e que em sendo dez horas falará a sua mercê a uma das janellas rentes da rua.

Camões--Oh que bella ideia!... (*Reflectindo*) Mas as taes janellas têm grades?

Gregorio--Isso lá não sei eu.

Camões--Está bem; sahiste melhor do que eu pensava. Tens teu geito para o officio, e se puxares por ti hasde fazer fortuna em Lisboa. Ora toma lá .. (*Vae a puxar pela bolsa, sente-se o sapateiro mexer na porta.*)

Gregorio--Oh sôr Corregedor! pelo amor de Deus, não me dê dinheiro na rua; sinto o sapateiro mexer na porta, e meu amo póde estar por dentro das adufas.

Camões--Pois então passa lá por casa quando quizeres.

Gregorio--Munto obrigado sôr doitor Corregedor. (*Fazendo muitas cortezias e sempre de chapéo na mão afasta-se para o fundo.*)

Camões (*So*)--Isto vae bem; a filha hade pagar pelo maroto do pae.--Não me importa a desfeita; o que me faz desesperar é o gosto que tiveram os meus inimigos, e a caçoada que tenho soffrido dos amigos, principalmente d'El-rei que não póde olhar para mim que não dê uma gargalhada... E quando elle me pergunta muito sério se quero ir fóra da terra a uma diligencia?--E cuidar eu que o tal

marmanjo não havia de ir á cadêa, e havia de alcançar d'El rei o poder-se livrar solto!... isto é o que eu não posso levar á paciencia!... Mas não importa, como a rapariga não é arisca, eu me pagarei por minhas mãos, e o saloio não se hade ficar rindo de mim. Mas elle?... elle que tambem arrasta a aza á minha Marianna!... se o vem a saber temos historias .. porém alguma coisa lembrará para metter o caso á bulha, e heide escapar como de outros mônos que lhe tenho pregado. Ainda hoje lhe preguei eu um, e não sei como tomará o negocio. (*Reparando no sapateiro que durante o soliloquio abriu mansamente a porta, e está arranjando o seu trem*) Oh! está alli um remendão... não me conheça elle! (*Sae pelo fundo, direita.*)

SCENA V

GREGORIO e BARTHOLOMEU

Bartholomeu (*A parte, antes de Gregorio ter des-cido a scena*)—Vamos a vêr se lhe metto medo, para elle repartir commigo o porte das cartas. (*A Gregorio*) Quando eu disse que você não era tão lôrpa como parecia, não me enganava eu.—Com que então você, com esse ár de innocencia, faz jogo para ambos os lados?

Gregorio—Que diz lá o sôr mestre?

Bartholomeu—Digo que você, para saloio, não é dos mais pêcos... leva a sua cartinha...

Gregorio—Qual cartinha!?

Bartholomeu—A que lhe entregou aquelle sugeito; cuida que o não vi? Tenho ali uns buraquinhos n'aquella porta, e nada me escapa.

Gregorio (*A parte.*)—Oh que maroto!

Bartholomeu—E tambem percebi o seu negocio com o Camões do Rocio; você é tão fino que lhe não quiz acceitar o dinheiro na rua...

Gregorio—Ora o sôr mestre sabe que assim como ficou sem dentes, pode muito bem ficar sem olhos?... se o souber o sugeito do murro...

Bartholomeu—Oh senhor Gregorio, pelo amor de Deus!... olhe que estou gracejando, e isto não pas-

sa d'aqui. (*Aparte.*) O diabo do saloio já o conhecerá? (*Em voz alta.*) Não desconfie commigo.

Gregorio—Eu não; mas veja o que faz; ao depois não se queixe.

Bartholomeu—Não tenha medo, senhor Gregorio; d'aqui não sae nem uma palavra... Mas você sempre paga uma pinça.

Gregorio—Isso lá sim... e mais alguma coisa.

Bartholomeu—Oh rapaz! toma lá um abraço. (*Abraça Gregorio.*)

Gregorio—Está bom; não me aperte tanto que me amolga as costellas.

SCENA VI

D. ANTONIA, GREGORIO, BARTHOLOMEU, UMA CRIADA (*que segue D. Antonia,*) DEPOIS SEBASTIAO (*sahindo de casa á esquerda, e fica em numero 2*;) MARIANNA (*á janella.*)

(D. Antonia vem vestida como as beatas d'aquelle tempo, traz manto, assim como a criada, que fica atraz d'ella; mas depois vae passando para a direita para se aproximar do sapateiro.)

D. Antonia (*Com máo modo, a Gregorio.*)—Então que fazes tu por fóra?

Gregorio—Estava ajustando uns tacões aqui c'o mestre.

Bartholomeu—E verdade. (*Vae assentar-se.*)

D. Antonia (*Idem.*) E se teus amos precisarem de ti lá em cima?

Gregorio—Elles deram-me licença.

D. Antonia—Ah! isso então é outra coisa.—Porém já que tinhas uma hora vaga era melhor que a aproveitasses em ir ao sagrado Lausperenne; olha que a gente n'este mundo vive dois dias e no outro...

Gregorio—Eu já tinha essa tenção, mas...

D. Antonia—Pois não a percas. Sabes onde está?

Gregorio—Está... nos Martyres (*Aparte*) Ouvi-lh'o dizer esta manhã.

D. Antonia—Pois vae, meu filho, e bem podes estar com muita devoção; não faças como tantos que mais valia que lá não fossem.

Gregorio—Sim senhora.

(Abre-se a primeira adufa e apparece Marianna á janella.)

Sebastião (*Sahindo de casa.*)—Já voltou, senhora comadre?

(Durante esta scena Gregorio e Marianna fazem signaes de intelligencia, que não escapam ao sapateiro, que tambem está de intelligencia com a criada.)

D. Antonia—Cheguei agora, senhor compadre... Mas muito me admira sahir v. m. para fóra, e deixar só em casa uma menina donzella?!

Sebastião—Oh sôra comadre, pois eu cá havia de suppôr... nós lá p'ra fóra não somos tam desconfiados.

D. Antonia—Lá fóra é uma coisa e na cidade é outra. O senhor compadre não sabe o que por cá vae, que está sempre mettido no seu casal. É tanta a maganagem em Lisboa, que todos os olhos são poucos para vigiar as raparigas. Mas que hade ser se os grandes dão o exemplo! Deus tenha compaixão de nós! os costumes estão estragados... e então o luxo? isso Deus nos acuda, não trajam senão sedas bordadas... e se uma pessoa de alguns têres não anda como as mais, fazem logo escarneo d'ella. Nossa Senhora do Monte do Carmo se lembre de nós. (*Olha para traz e não vendo a criada, procura-a com os olhos, e muito arrenegada faz-lhe signal para que se afaste de Bartholomeu.*)

Sebastião—Com effeito, sôra comadre, não sabia que isso estava tam máo.

D. Antonia—O que eu digo ainda não é nada; os escandalos não têm fim; o que vale é a muita indulgencia que vem de Roma... isso então, nunca houve tanta! E reliquias, breves e bullas, que é mesmo uma consolação! Dizem que tudo isto custa muito dinheiro... deixál-o custar... (*Com ironia*) era melhor gastál-o em touros e cavalhadas como d'antes? Não senhor; dotam-se conventos, fazem-se basilicas, e temos duas Sés em Lisboa... Mal empregado dinheiro que se foi na obra livre; para que é toda aquella arcaria? Fazia-se outra Mafra com aquelle cabedal, e que rebentassem os invejosos... Nunca houve tanta festa d'egreja, e diz um cereeiro, meu conhecido, que tudo isto parece mais obra dos anjos que dos homens... E as grandes esmolos que vão para Roma? Só isso levaria ao céo a El-rei nosso senhor, por muitos peccados que elle tivesse; que eu estou persuadida

que os não tem... é muito bom senhor... o que por ahi se diz tudo é mentira, e eu tal não acredito. (*Durante esta scena, D. Antonia que t a z um grande ro z a r i o na m ã o, v a e s e m p r e p a s s a n d o a s c o n t a s e c o n v e r s a n d o*)

Sebastião—Ah sôra comadre! hade perdoar; mas já tem passado para baixo mais de tres mysterios.

D. Antonia—Ah! senhor compadre! se os passei é porque os rezei; estou costumada a falar e a rezar ao mesmo tempo.

(Gregorio e Bartholomeu riem-se. D. Antonia reparou no sapateiro que está fazendo signaes á criada)

Sebastião—Pois isso póde fazer-se?!

D. Antonia—Ail tudo vae do costume... (*Ao sapateir*) Ora diga-me, senhor visinho, porque não trabalha? Não sabe que a ociosidade é a mãe de todos os vícios, e que a preguiça é um peccado mortal...

Bartholomeu—Estava ouvindo com tanta devoção a senhora D. Antonia do Menine Deus, que me não lembrava o trabalho. (*A'parte*) Muito atrevidas são estas beatas! (*Pega na pedra, sola e martello, e com'ça a bater.*)

D. Antonia (*A Sebastião*)—Mas com tudo isso ha muita gente, (e mal de nós se assim não fôra!) que ainda présa os bons costumes... verbi gratia, a nossa casa. (*D. Antonia encommo d a d a c o m a b u l h a, o l h a v a r i a s v e z e s p a r a o s a p a t e i r o*)—Quer me creia, quer não; desde a morte de meu marido, que Deus haja em gloria, nunca mais entrou sombra d'homem d'aquella porta para dentro.

Gregorio—E então nós, sôra D. Antonia?

D. Antonia—Pois ainda tu ahi estás?

Gregorio—Agora diz que sou preciso lá em riba.

D. Antonia—Pois sóbe, não estejas ahi com as mãos debaixo dos braços.

Gregorio—Pois sim senhora. (*Sae pela esquerda.*)

Bartholomeu (*A'parte*)—E diz ella que lhe não entra sombra d'homem em casa... ah toleirona! (*Fica rindo.*)

Sebastião—A sôra comadre hade dar licença; é quasi noite, e eu quero falar ainda hoje com o procurador p'ra saber em que altura vae o meu negocio.

D. Antonia—Pois vá, senhor compadre, e Nossa Senhora do Monte do Carmo lhe dê tudo á medida

do seu desejo. (*Bartholomeu bate mais forte, D. Antoaia olha para elle com raiva.*) Ora o senhor visinho não deixará de fazer tanta bulha... não pôde pegar n'outro trabalho?

Bartholomeu—Já não vejo para cozer, e enquanto não accender a luz... (*Bate com mais força.*)

D. Antonia (*Muito arrenegada, e benzendo-se*)—Nunca as almas estão livres de tentações! Jesus esteja commigo!... Adeus, senhor compadre! vá aonde tem de ir e recolha-se cedo, parece mal um homem da sua idade recolher-se fóra d'horas. (*Sebastião sae pelo terceiro plano á direita. D. Antonia olha com rancor para Bartholomeu que continua a bater.*) O senhor visinho é capaz de tentar um santo. (*Para a criada, que quando ella se volta abaixa os olhos e a cabeça.*) Vamos lá, grandissima não sei que lhe disséra! você cuida que a não tenho percebido? (*Dá-lhe um empuxão.*)

(D. Antonia sae pela esquerda, a criada segue-a e diz adeus ao sapateiro antes de fechar a porta, Marianna recolhe-se e fecha a adufa)

SCENA VII

(Vae escurecendo)

Bartholomeu (*Só, e rindo*)—A bruxa da velha vae desesperada commigo, mas não importa... (*Começa a recolher o seu trem*) E' quasi noite... vou acender a candêa e fechar a porta.—O serão não hade ser muito comprido, que as noites são pequenas e a obra pouca. (*Vendo o Desconhecido no fundo á esquerda*) Oh! lá está um vulto parado no cimo da rua... que será aquillo?... já faz escuro e não distingo bem... (*Observando*) Mas se me não engano, é o meu homem... Toca a recolher que de dentro ainda espreito melhor. (*Entra em sua casa, mas não fecha de todo a porta e fica espreitando.*)

SCENA VIII

(Noite)

GREGORIO, BARTHOLOMEU (*entre portas*) O
DESCONHECIDO (*no fundo*)

Gregorio (*Tendo entrado pela esquerda e olhando para o fundo*)—Oh! lá está elle (*Vae ao fundo e fala em vós baixa com o Desconhecido.*)

Bartholomeu (*Com a cabeça fóra da porta*)—Lá está o saloio (se é que o é) a cochichar com o embuçado .. Quem me dera ouvir o que elles estão dizendo, mas não me atrevo a chegar-me, não me succeda o que disse o tal Gregorio, que eu fique sem olhos assim como fiquei sem dentes.

(O Desconhecido separa-se de Gregorio e desaparece pela esquerda; Gregorio desce a scena. Bartholomeu recolhe-se, mas espreita de vez em quando.)

Gregorio—Este tambem está arrumado. Tenho tudo disposto, agora mãos á obra e fortuna me valha. (*Olhando para a direita.*) Vejo um vulto... parece-me que é o pae de Marianna. (*Vae para casa e fecha a porta.*)

SCENA IX

SEBASTIÃO, BARTHOLOMEU (*entre portas,*)
depois LOURENÇO e ESTEVES.

Bartholomeu—Lá entrou para casa o saloio (se é que o é.)

Sebastião (*Atravessando a scena*)—A conversa de minha comadre fez-me demorar, e não achei o précurador em casa. (*Bate á porta da esquerda.*)

Gregorio (*Fóra*)—Quem é?

Sebastião—Podes abrir, que sou eu. (*Abre-se a porta e Sebastião entra.*)

Bartholomeu (*Apparecendo*)—O lavrador pouco se demorou; poderá ter medo de andar de noite... (*Escutando para a direita fundo.*) A modo que sinto gente. (*Esconde-se.*)

Lourenço (*Vindo do fundo direita com Esteves*)—O nosso patife está em casa do seu précurador... e

fui avisar-te para me ajudares a dar-lhe uma esfregada.

Esteves—Vê lá no que te mettes. (*Descem.*)

Lourenço—Isto não tem outra cura. Nós amanhã não temos provimento no agravo e pagamos as custas; mas o maroto não se hade ficar rindo de nós.

Bartholomeu (*A'parte*)—Isto certamente é com o lavrador; mas vem tarde porque já está recolhido.

Esteves—Pois dê-se-lhe uma maçada; tu não lhe tens mais gana do que eu... Porém se chegam a saber que somos nós ficamos perdidos.

Lourenço—Não tenhas medo; hoje em dia cá em Lisboa dá quem quer, ou quem póde.

Esteves—Está dito, eu estou prompto... mas o peor é que não trago outra arma senão esta bengala

Lourenço—É quanto basta, que nós não havemos de dar a matar; é sómente um lembrete... e de mais não tenho eu aqui a minha espada?

Bartholomeu (*A'parte*)—Que taes são os marotos!

Esteves (*Olhando para a esquerda*)—A modo que sinto abrir uma porta?...

Lourenço—Pois vamo-nos safando por esta travessa. (*Saem ambos pela direita.*)

(Bartholomeu fecha a porta em quanto elles passam, e abre-a logo que elles saem.—Gregorio, vestido convenientemente, embuçado e com chapéo derrubado, entra pela esquerda, fecha a porta e guarda a chave. Atravessa o theatro e sae pelo fundo direita.)

Bartholomeu (*Apparecendo*)—Quem será aquelle embuçado que saiu agora de casa de D. Antonia? E diz ella que não vae lá sombra d'homem... Coitada!—Tomára já que a minha deusa me fizesse signal para ir receber a pitança do costume... já tenho vontade de cear. (*Olhando para o fundo esquerda.*) Ahi vem gente... toca a recolher. (*Recolhe-se e fecha a porta como acima.*)

SCENA X

O DESCONHECIDO, CAMÕES, e BARTHOLOMEU (*escondido.*)

(Vem do fundo esquerda, ambos embuçados e com chapéus derubados. Descem em silencio até á bocca da scena. O Desconhecido olha de passagem para as janellas de D. Antonia.)

O Desconhecido (*Indicando a direita*)—A's onze horas estarás com a tua gente n'aquella travessa, e vem encontrar-te comigo n'este sitio.

Camões—E nada mais?

O Desconhecido—Mais nada... Ah! dize-me: prendeste com effeito aquelle homem?

Camões—Não senhor.

O Desconhecido (*Colerico*)—Como assim! tenho toda a certeza de que estava em casa quando o foste prender.

Camões—Ora diga-me, meu senhor; El-rei governa de telhas a baixo, ou de telhas a cima?

O Desconhecido—A pergunta é ociosa; de telhas a baixo.

Camões—Pois meu senhor, não preendi o homem porque fugiu para o telhado.

O Desconhecido (*Rindo-se*)—Ora esta!... é das tuas... Deixaste escapar o homem porque o julgas innocente?

Camões—Sim senhor; mas agora está em meu poder prendel-o quando quizer.

O Desconhecido (*Depois de ter reflectido*)—Não. Esse homem tem serviços e El-rei está melhor informado... Fizeste bem, Camões, fizeste bem; salvaste El-rei de fazer uma injustiça, e elle t'o saberá agradecer.

Bartholomeu (*A'parte*)—Lá está o desconhecido que eu conheço.

Camões—Determina mais alguma coisa?

O Desconhecido—Não. Pódes retirar-te. (*Sobe alguma coisa e olha para as janellas da esquerda*)

Camões (*A'parte, rindo*)—Cuida que Marianna está em casa, e ella lá em cima á minha espera. (*Corteja respeitosamente o Desconhecido, e sae pelo fundo direita.*)

O Desconhecido (*Passando por defronte das janellas de D. Antonia, olha para cima e tosses.*)—Mo-

mento de silencio.) Ainda é muito cedo. (Torna a tossir e a olhar para cima; espera um momento e sae pelo fundo, esquerda.)

Bartholomeu (*Em scena*)—Agora eu. (*Tosse com força, e olha para a janella:—momento de silencio.*) Não apparece... não estarão ainda os amos recolhidos.—Emquanto D. Antonia tiver esses hospedes em casa, não podemos conversar á nossa vontade... pois gosto da conversa; a rapariga tem seu tino... mas quer casar, e eu viuvo de duas não me metto com terceira que me hade mandar para o cemiterio. (*Tosse com força: abre-se a adufa, e correspondem-lhe de cima tossindo.*) Até que afinal appareceu. (*Vae collocar-se debaixo das janellas.*)

O Desconhecido (*Que n'este intervallo tornou a apparecer no fundo á esquerda.*) Que será aquillo? Vejo um vulto debaixo da janella de Marianna!... (*Desce precipitadamente no momento em que da janella deitam por um cordel um guardanapo atado pelas pontas, tendo dentro um prato com comer e um pão.—Deitando a mão á gola de Bartholomeu*) Que faz ahi debaixo d'essa janella?

Bartholomeu (*Atemorisado*)—Ah!

(*De cima deixam cahir o atado e fecham a adufa*)

O Desconhecido—Que é isto?

Bartholomeu (*Reconhecendo-o, e cahindo de joelhos*)—Ah, meu senhor! tenha compaixão de mim!... que eu... eu... eu digo a verdade toda .. sou um sapateiro que moro alli defronte... e a criada d'esta casa .. (que é uma rapariga de muita caridade) costuma dar-me alguma coisa de comer... Esta é a verdade pura... e mande-me enforcar se assim não é.

O Desconhecido (*Rindo*)—Está bom; cuidei que era outra coisa. Póde-se recolher.

Bartholomeu (*Levantando-se atemorizado e fazendo muitas cortezias*)—Muito obrigado, meu senhor, muito obrigado.

(O Desconhecido embuça-se e sobe a scena)

Bartholomeu (*Apanhando o que pode aproveitar*)—Ainda não estou em mim... Hoje não torno a sair á rua que me cheira a trovoadas... Vou fechar a minha porta e não quero espreitar mais. (*Olhando*

para o fundo direita) Eil-o ahi vem outra vez; safa!... *(Recolhe-se, mas não fecha a porta de todo.)*

SCENA XI

GREGORIO e BARTHOLOMEU *(escondido)*

Gregorio *(Descendo, e vindo do fundo direita; traz duas espadas na mão, uma com bainha outra sem ella)* O Corregedor já levou a sua lição. Não é de perigo que só lhe apanhei o braço da espada, mas foi preciso dar-lhe duas vezes para a largar.—O homem não deixa de saber o jogo, e é valente, mas coitado!... tem que andar alguns dias de braço ao peito, e hade perder a vontade de fazer festa á minha Marianna... Vamos para casa que não poderá tardar muito o outro; avisei-o para a meia-noite... *(Mette a chave na fechadura, entra e fecha a porta.)*

Bartholomeu *(Com a cabeça fóra da porta)*—Aquelle não é o Camões nem o meu Desconhecido, é já outro... parece-me que é o mesmo que de lá saiu ind'agora... Olhem se os outros dois tal soubessem... *(Escutando para a direita)* Sinto passos pela travessa... será talvez a ronda. *(Recolhe-se e fecha a porta.)*

SCENA XII

ESTEVES, LOURENÇO, BARTHOLOMEU *(escondido)*, depois O DESCONHECIDO; GREGORIO *(á janella com a adufa pouco aberta.)*

Esteves *(A Lourenço, entrando pela direita)*—O homem já não póde estar em casa do précurador; isto é muito tarde, e certamente já está recolhido.

Lourenço—Oh Manuel Esteves! não me digas tal; elle ainda não veio para casa, e logo verás se tenho razão ou não... Vamos esperar aqui por elle.

Esteves—Pois vá feito.

Gregorio *(Da janella, áparte)*—Se me não engano é o capitão Lourenço com Manuel Esteves.

Lourenço *(Olhando para o fundo esquerdo)*—Parece-me que vejo lá em cima... é elle certamente... prepara lá a bengala.

Esteves--Vamos a elle; dá-lhe p'ra valer, Lourenço Gameiro.

Bartholomeu (*Abrindo alguma coisa a porta, e á parte*)--Mal sabem os tolos com quem se mettem!

Gregorio (*A'parte*)--E então! não vinham elles fazer uma espera ao pobre velho! Felizmente ha muito tempo que está dormindo a somno solto.

Lourenço--Oh Manuel Esteves! não me esmoreças. Esteves--Conta commigo.

(O Desconhecido apparece no fundo esquerda)

Gregorio (*A'parte*)--E' noite de aventuras para o meu competidor.

(Os dois caminham para o Desconhecido, que desembainha a espada)

Lourenço (*Recuando*)--O homem traz chanfalho!... por esta não esperava eu.

Esteves (*Recuando*)--Puxa pela espada e vamos a elle!

O Desconhecido--Quem vem lá?!

Lourenço (*Levantando a bengala*)--Sôr Sebastião, se é homem largue a espada.

Gregorio (*A'parte*)--O caso é divertido!

O Desconhecido--Puxa pela tua! de que te serve essa roca á cinta?

Lourenço (*Recuando*)--Eu não brigo com espada.

O Desconhecido--Puxa por ella, quando não!...

Esteves (*A Lourenço*)--Oh diabo! que foste fazer? esse homem não é Sebastião d'Arruda.

Lourenço (*Affirmando-se*)--E dizes bem. (*Ao Desconhecido*) Queira perdoar; o caso não era com sua mercê.

O Desconhecido--Visto isso, era uma espera que estavam fazendo?...

Esteves--Não senhor; era uma brincadeira.

O Desconhecido (*Investindo com elles*)--Ah canalha vil! ..

(Os dois fogem pela travessa, o Desconhecido segue-os sem correr. Um momento depois ouve-se o apito.)

Bartholomeu (*Deitando a cabeça*)--Aquelles têm casas pagas; não é mal feito.

Gregorio (*Da janella áparte*)--A noite é brilhante!

O Desconhecido (*Entrando pela direita, e embainhando a espada*)--Corriam bem, mas sempre foram presos. (*Olhando para cima*) Parece-me que

são horas. (*Tosse.—Gregorio tosse tambem com o som muito fino; Bartholomeu fecha a sua porta mansamente*) Está ahí, senhora D. Marianna?

Grégorio (*Com voz de mulher*)—Estou, sim senhor.
O Desconhecido—Muito tempo ha, que suspirava pela felicidade de lhe falar.

Gregorio (*Como acima*)—Mas quem é sua mercê?

O Desconhecido—Não lhe mandei dizer na minha carta que era um fidalgo da côrte?

Grégorio—Mas o seu nome?

O Desconhecido—Não julgo conveniente dizel-o em voz alta, que poderão ouvir-me; mas eu lh'o direi em particular.

Gregorio (*Idem*)—Em particular não posso eu falar com sua mercê, que estou em casa de minha madrinha como n'um convento de freiras.

O Desconhecido (*A'parte*)—Convento de freiras! A quem o vem dizer! (*Em voz alta*)—Mas podemos encontrar-nos em alguma outra parte... Ora diga-me: quaes são as casas que sua madrinha frequenta na côrte?

Gregorio (*Idem*)—Nós só vamos visitar algumas vezes a senhora camareira-mór.

O Desconhecido—Nada, nada... gente do paço! nem pensar n'isso é bom. (*A'parte*) Ella diz bem; é peor do que se estivesse n'um convento; antes fosse freira de Odivellas.

Gregorio (*Idem*)—Ah senhor! .. tenha a bondade de se retirar... Parece-me que se levantou meu pae ou minha madrinha.

O Desconhecido—Pois até já, minha senhora!

Gregorio (*Idem*)—Até logo! (*Fecha a adufa.*)

(O Desconhecido sóbe a scena e desaparece pelo fundo esquerda)

Bartholomeu (*Deitando a cabeça*)—O meu conhecido conversou com a tal rapariguinha, mas desgracadamente não pude pescar uma unica palavra... falavam muito baixo... (*Sentindo abrir a porta de D. Antonia*) Oh! lá se abre a porta da beata. . (*Vendo Gregorio*) E' o mesmo homem que entrou ha pouco... que historia será esta?! (*Vendo que Gregorio vem para a direita, recolhe-se e fecha a porta de vagar.*)

N'este intervallo Gregorio embuçado, com chapéo derrubado, tem aberto a porta que torna a fechar, e vem para a direita

collocar-se na boca da travessa. Já traz a espada desembainhada na mão. O Desconhecido apparece no fundo á esquerda. Gregorio caminha para elle.)

Gregorio—Por aqui ninguem passa!

O Desconhecido—Oh! outra vez! (*Desembainhando*) Muito caro te custarão já essas palavras... levarás nova lição.

Gregorio (*Já brigando*)—Hoje espero eu tomar a minha desforra.

O Desconhecido—Agora o verás.

(Durante a briga Gregorio passa para cima)

Gregorio (*Já de cima*)—Se não sabe outro, esse já eu conheço.

O Desconhecido—Apprendeste á tua custa. (*Continúa a briga por um momento*) E este?

Gregorio (*Caindo mortalmente do meio da scena para o fundo*) Ai que me matou!...

O Desconhecido—Fatalidade!... A espada mal lhe tocou... (*Examinando a espada*) Não tem signal de sangue... (*Examinando o corpo*) Porém o desgraçado está sem movimento!... (*Afflicto*) Foi certamente no coração!... e Camões sem apparecer...

SCENA XIII

O DESCONHECIDO, CAMÕES E GREGORIO
(*estendido no fundo.*)

Camões (*Entrando pela direita*)—Aqui estou meu senhor.

O Desconhecido—Sabes o que me aconteceu? matei um homem!

Camões—Pois paciencia!

O Desconhecido (*Irado.*)—Se viesses ás horas que te determinei, talvez que isto não tivesse acontecido; teria chamado e o infeliz estaria vivo.

Camões (*Mostrando ao Desconhecido a mão direita que traz ligada*) A minha desculpa, senhor, é o estado em que me acho: estou ferido no braço e mão direita.

O Desconhecido (*Colerico.*)—Como foi isso?! atacaram a ronda?!

Camões—Não senhor; foi uma briga que tive por causa de uma certa menina a quem ia falar esta

noite, ás dez horas. Fiquei ferido, e estive até agora em mãos de cirurgião —E' o fructo que se tira d'estas aventuras nocturnas; mas o que me consola é ter tantos companheiros.

O Desconhecido (*Afflicto*)—O que te aconteceu é uma bagatella; o meu caso é mais sério... uma morte!... eu!... Esse homem tinha já brigado comigo n'este sitio, ha dois mezes e ficou ferido no hombro direito... o desgraçado tinha de morrer... oh meu Deus! e por minhas mãos! (*Fica consternado.*)

Camões—Já agora é mandar-lhe dizer missas por alma. (*Indo examinar o corpo.*) Vamos tirar d'aqui este corpo.

O Desconhecido—Que remorsos para o resto da minha vida!... que vergonha se isto se divulgar!

Gregorio (*A'parte, levantado a cabeça depois de Camões o examinar.*) — O que mais me tem custado é representar o papel de defunto!

Camões (*Depois de ter descido*)—E que dirá quando souber que é o mesmo que me feriu esta noite?

O Desconhecido—Que dizes?

Camões—A verdade; é elle mesmo... muito bem o reconheço.

O Desconhecido—E' caso bem extraordinario!

Camões—Até incomprehensivel!

O Desconhecido—Manda levantar esse corpo.

Gregorio (*A'parte*)—Querem vêr que me mandam enterrar! isso não consinto eu.

Camões (*depois de ter apitado á bocca da travessa.*) Aonde quer que seja conduzido?

O Desconhecido (*Afflicto.*)—Aonde te parecer. (*Fica na extrema esquerda consternado e encostado á espada.*) Que desgraça! que fatalidade! (*Entram seis homens pela travessa a direita.*)

Camões (*Aos homens*)—Levantem aquelle corpo, e conduzam-n'o ao hospital de Todos os Santos. (*Os seis homens estão na direita baixa.*)

Côro

Seu preceito cumprido
N'um momento será;
E d'este triste caso
Ninguém saberá.

(Dirigem-se para o fundo. Gregorio levanta-se ligeiramente e foge pela rua da esquerda. Todos ficam estupefactos. O Desconhecido e Camões olham um para o outro e desatam a rir.)

ACTO TERCEIRO

O theatro representa a sala de D. Antonia. Porta no fundo que é a entrada principal. Duas portas á direita; duas janellas á esquerda. Trastes antigos: uma mesa á esquerda no primeira plano.

SCENA I

MARIANNA e GREGORIO

Gregorio (*Rindo*)—Ah! ah! ah!

Marianna (*Sorrindo-se*)—O senhor Diniz está rindo? pois eu não tenho motivo para isso; todos esses acontecimentos não pódem deixar de ser funestos para a minha reputação.

Gregorio—Hoje mesmo espero reparar todas as minhas extravagancias; mas entretando deixe-me rir da peça que lhes preguei a ambos.

Marianna—Diga-me: ficaria o Camões perigosamente ferido?

Gregorio—Não senhora; mal lhe toquei duas vezes com a ponta da espada... mas o outro! (*Rindo*) Ah! ah! ah! esse levou uma lição muito maior.

Marianna—A quanto se tem exposto!

Gregorio—Ambos são homens de boa feição, e estou certo que afinal hão de rir ainda mais do que eu.

Marianna—Mas não me contará qual foi o resultado da sua briga com elle?

Gregorio—O resultado foi muito comico: fingi que tinha cahido morto; (a espada mal me tocou no fato.) Cuidou que me tinha ferido; affligiu-se, disse mal á sua vida... e chamou o Camões.—Ora imagine como este ficou quando reconheceu ser o mesmo que o tinha ferido pouco tempo antes. Nova admiração de parte a parte... Finalmente o

Corregedor apitou, veio a sua gente e mandou levantar o morto. (*Rindo*) Vinham para me levantar, mas levantei-me eu muito ligeiro, fugi pela rua acima e desapareci.—Julgo que foi tal o espanto que lhes causou a minha ressurreição que nem sequer me seguiram. (*Rindo*) E não quer que eu ria? Parece-me que os estou vendo a olhar um para o outro, a principio muito sérios, e depois soltarem ambos uma grande gargalhada.

Marianna—Talvez não rissem tanto como pensa; é mais provavel que ficassem furiosos, e que façam diligencia para descobrir quem os escarneceu.

Gregorio—Têm que procurar. Não imaginam de certo que n'esta mesma casa é que está o seu defunto.

Marianna—Estou bem arrependida da minha condescendencia!...

Gregorio—Ah senhora!...

Marianna—E muito arrependida. E' verdade que o amo, e mal o poderia negar... porém certifico-lhe que se não fôsse o perigo em que vi meu pae, e a necessidade que elle tinha do senhor Diniz para se livrar, não teria consentido que estivesse em nossa casa.—Ainda que a sua empresa seja coroada por um successo feliz, já não evito o desdoiro que de tudo isto me resulta.

Gregorio—Não se affliga; o marido fará esquecer todas as loucuras do amante.

Marianna—Mas, como ha de vencer a opposição de meu pae, e talvez de minha madrinha?

Gregorio—Assim como tenho vencido tudo o mais.

Marianna—Silencio! ahi vem gente.

(Gregorio disfarça limpando as mesas e cadeiras.)

SCENA II

D. ANTONIA, MARIANNA e GREGORIO (*no fundo*)

(D. Antonia vem pela primeira porta da direita.)

D. Antonia (*A Gregorio*)—Ainda esta casa não está limpa?! (*A Marianna*) Minha afilhada ainda não pegou em trabalho?!

Marianna—Ia agora principiar.

(D. Antonia assenta-se á esquerda ao pé da mesa, Marianna do outro lado da mesa e começa a trabalhar. Gregorio continúa por um momento a limpar a mobilia e sae pela ultima porta á direita.)

D. Antonia

O trabalho, minha filha,
Livra de máos pensamentos
Se os tivesse passaria
Mil desgostos, mil tormentos.

Ave Maria!

A mulher e o vidro
Sempre estão em perigo.

Atraz da vida ociosa
Chegavam logo os amores;
Só com festas sonharia,
Noivos e coisas peiores;

Santa Maria!

A mulher e o vidro
Sempre estão em perigo!

Eu que as ciladas do mundo
Té'gora tenho evitado,
Não sei mesmo o que faria
Se me lembrasse um noivado.

Ave Maria!

A mulher e o vidro
Sempre estão em perigo.

Que tem, afilhada, que está hoje tam triste?
Marianna—Eu não estou triste, minha madrinha.

D. Antonia—Não me diga isso; não negue a verdade reconhecida por tal, que é um peccado contra o Espirito Santo.—E então que lhe parece o que contou agora a visinha tecedeira? Que bonitos casos aconteceram a noite passada n'esta rua! Louvado seja Deus! o mundo está todo perdido! O que mais me desespera é acontecerem estas coisas debaixo das minhas janellas.

Marianna (*Agitada*)—E que culpa temos nós do que se passa na rua!

D. Antonia—Não sei, minha afilhada, não sei. A briga que houve n'este sitio ha dois mezes tambem deu muito que falar... A afilhada tem muito juizo, e é muito honestasinha, isso é verdade; mas quem

sabe se esses homens que andam por ahí ás estocadas uns aos outros são seus apaixonados?

Marianna — Oh madrinha! pois v. m. pensaria que...

D. Antonia — Já da outra vez eu tive essa desconfiança, e por isso mandei chamar o meu compadre para a levar. Emquanto lá esteve andou isto por aqui muito socegado... agora já tornam a apparecer embuçados... não me dirá o que quer que eu pense?

Marianna — A madrinha póde pensar o que quizer; mas parece-me que nunca dei motivo...

D. Antonia — Eu tambem ainda não disse que deu motivo; mas as coisas acontecem e as más linguas afiam-se... Ninguem se livra de falsos testemunhos, e eu mesma, n'esta idade, não estou livre d'elles. Quantas pessoas haverá por essa visinhança que me tenham abocanhado... sou uma senhora viuva, e hade haver muito quem os acredite.

Marianna — Deus permitta que meu pae ultime hoje o negocio que o detem em Lisboa, para voltarmos para o casal.

D. Antonia — Ah ingrata! você quer-me deixar?... quer abandonar sua madrinha que a creou de pequena, e a quem deve tantas obrigações!... Está muito enganada, hade ficar em Lisboa.

Marianna — Mas a madrinha já me mandou para casa de meu pae... e em que occasião!... Olhe; não me pareceu da sua prudencia...

D. Antonia (*Levantando-se colerica*) — Oh atrevida! você chama-me imprudente!...

Marianna (*Levantando-se e com humildade*) — Minha senhora!...

D. Antonia — Bem digo eu que está o mundo perdido; a gente moça já se levanta contra seus paes e seus superiores.—Cuida que a não entendo? quer ir para o Almargem para estar á larga, para fazer o seu casamento com o tal *salvage* do Alemtejo. Tão pouco juizo tem meu compadre como a minha afilhada.—A creação que lhe dei não era para ser mulher de um labrego; destinava-a para um cavalheiro, filho de um parente meu... mas seu pae entendeu lá outra coisa, e eu não quero desmanchar prazeres.

Marianna — Pois madrinha, se quer que lhe diga a

verdade, tenho a maior repugnancia ao tal casamento; e se dependesse da minha vontade...

D. Antonia—Pois de que depende senão da sua vontade e da minha?

Marianna—Ah senhora! porventura tem uma filha o direito de se oppôr ás determinações de seu pae?!

D. Antonia—Sim senhora, quando são injustas. E visto que a afilhada confessa ter essa repugnancia, tornarei ás minhas tenções antigas, e hade casar com o meu parente.

Marianna—Mas senhora, eu não conheço esse cavalheiro ..

D. Antonia—Que importa! basta que o conheça eu. E' verdade que o não vejo ha muitos annos; mas dizem que está um moço perfeito... e como a afilhada diz que...

Marianna—Ah minha senhora! eu ainda não disse nada; ainda não concordei...

D. Antonia—V. m. tem obrigação de concordar comigo em tudo, porque estou em lugar de sua mãe. (*Indicando a mesa á direita*) Dê cá aquelle tinteiro... Vou immediatamente escrever a meu primo que está em Coimbra a olhar pelo filho, que anda na Universidade... Não, que elle não é como os paes do tempo presente, que abandonam a mocidade á discreção; não senhora, esse é cá dos meus, e por isso me empenho tanto n'esta união. (*Assenta-se á mesa e passa as contas para a mão esquerda.*)

Marianna (*Depois de ter posto com muita impaciencia o papel e a escrevaninha sobre a mesa da esquerda*)—Porém a madrinha não sei o que faz... sem dar parte a meu pae...

D. Antonia (*Estimulada*)—Não sei o que faço!! A afilhada é que não sabe o que diz. (*Escreve, e sempre passando as contas.*)

Marianna (*A'parte*)—Não ha desgrça equal á minha!... dois casamentos ao mesmo tempo, e ambos contra minha vontade... que hade ser de mim?!

D. Antonia (*Ditando a si mesma*)—«Por tanto es-
«pero que meu primo venha a Lisboa para con-
«cluirmos este negocio.—Sua prima, amiga e muito
obrigada—D. Antonia do Menino de Deus.» (*Fe-*

chando a carta) Chama lá o Gregorio para ir deitar esta carta no correio. (*Acaba de a fechar.*)
Marianna (*Indo á ultima porta á direita*) Senhor Gregorio!... minha madrinha que o chama!

SCENA III

D. ANTONIA, GREGORIO e MARIANNA

Gregorio—Aqui estou.

D. Antonia—Venha cá... vá deitar esta carta no correio.

Gregorio (*Olhando para o sobrescripto fica espantado*)
 Então a senhora quer que eu leve esta carta ao correio?

D. Antonia—E muito depressa.

Gregorio—(*A'parte*)—E' uma carta para meu pae!...

D. Antonia—Então, não me ouviu bem?... Não sabe que não gosto de dar um recado duas vezes?

Gregorio Eu vou, senhora D. Antonia. (*Passando ao lado de Marianna, a meia voz*)—Declarou tudo a sua madrinha; quer a minha desgraça... pois bem! eu lhe farei a vontade! (*Sae precipitadamente pela ultima porta da direita.*)

Marianna (*A'parte*)—Que diz elle?! (*Em voz alta*) Ah madrinha!... não sei o que me diz o coração... parece-me que hei de ser muito infeliz.

D. Antonia—A sua felicidade, minha afilhada, corre por minha conta... (*Olhando para o fundo*) Parece-me que sinto meu compadre.

(*Marianna vae ao fundo recebel-o*)

SCENA IV

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, e MARIANNA

Sebastião (*Entrando pelo fundo muito alegre.*)—Ora venha de lá esse abraço, sôra comadre. (*Abraça a velha que recúa, e depois a filha.*) Bem podem dar-me os parabens; a sentença sahiu na Relação a meu favor, e os taes indivíduos hamde pagar as cusas e as percas que lhe hamde cheirar a esturro. Agora estou eu como quero,

D. Antonia—Muito estimo, senhor compadre... Mas sempre lhe dou de conselho que nunca mais se torne a metter com gente da Igreja. (*Movimento de Sebastião.*) Ora pois, saberá que tenho justo o casamento de minha afilhada com um parente meu, e...

Sebastião—Que diz, sôra comadre? Não se lembra que está promettida a um lavrador como eu, o meu amigo Manuel dos Pégões; que dei a minha palavra e que não haverá coisa alguma n'este mundo...

D. Antonia—Que me importa a mim a sua palavra!

Sebastião—Oh sôra comadre!

D. Antonia—Já disse que me não importam os ajustes que fez; entendeu-me, senhor compadre?

Sebastião (*Escandecido.*) Não me diga isso, sôra D. Antonia do Menino Deus!... pois eu havera de negar a minha palavra de lavrador honrado!?

D. Antonia—O que! casar sua filha contra vontade d'ella!

Marianna—Minha madrinha, eu disse-lhe que estava prompta a obedecer a meu pae.

Sebastião—Antão ouve, sôra comadre?

D. Antonia—Ouço muito bem, que não sou tam velha que já esteja surda... mas se minha afilhada lhe obedece é á viva força, e contra o preceito de Deus.

Sebastião—Eu tambem consultei a rapariga, e ella não se mostrou descontente.

D. Antonia—Em uma palavra, senhor Sebastião d'Aruda, não quero que Marianna case com o seu alemteirão... não hade casar senão com o meu parente.

Marianna—Minha madrinha...

Sebastião—Como quer minha comadre que eu me desculpe com o homem? Como póde isso ser?

D. Antonia—Desculpe-se lá como quizer. Eu já escrevi ao pae do noivo, e em poucos dias tudo ficará concluido.

Sebastião—E a rapariga está por isso?

Marianna—Eu, meu pae? tanto conheço um como o outro.

D. Antonia—Então ouve o que ella diz?

Sebastião—Do qu'ella diz não se entende outra coisa senão que está prompta a obedecer.

D. Antonia—Eu tambem assim o entendo.

Sebastião—Por esse dizer julga antão minha comadre que tem mais poder sobre ella do que eu mesmo?

D. Antonia—Agora acertou; a mim é que me pertence tratar do casamento de Marianna, porque estou em lugar de sua mãe; e faça favor de me não quebrar mais a cabeça; pois desde que começou a altercar commigo, ainda não pude resar um mysterio (*Sente-se rumor na rua e no fundo*) Más que bulha é esta?... parece-me que yem gente pela escada acima.

Marianna (*Chegando a uma das janellas*)—Estão muitos homens parados na rua, e outros vêm entrando.

Sebastião—Que será isto?

SCENA V

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, GREGORIO (*vindo pelo fundo*) e MARIANNA

Gregorio—Sôr meu amo, sôra D. Antonia... ahi vem a justiça.

D. Antonia e Sebastião—A justiça!

Marianna—Oh meu Deus!

Gregorio—Não s'assustem; julgo que andam em diligencia de encontrar o espadachim que fez essas desordens a noite passada.

Sebastião—Essa é boa! pois aqui é que o vêm procurar?!

SCENA VI

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, O CAMÕES
MARIANNA, GREGORIO, o Desconhecido, um
ESCRIVÃO E CINCO OFFICIAES DE JUSTIÇA

(O Desconhecido fica no fundo embuçado com a cabeça descoberta entre os officiaes de justiça.)

Camões (*Ainda no fundo, a meia voz ao Desconhecido*)—Já disse, quero perder a minha vara, se não lhe apresentar hoje o tal fradinho da mão furada.
O Desconhecido (*A meia voz*)—Veremos isso.

Camões (*Descendo, a D. Antonia*)—Sinto muito, minha senhora, dar-lhe este incommodo, mas venho da parte d'El-rei fazer uma averiguação.

D. Antonia—Então que vem cá averiguar o senhor Corregedor?

Camões—Muita coisa... mas a senhora ha de dar licença... (*Para o fundo*) Senhor escrivão, assente-se a esta mesa.

(O Escrivão, que traz um grande rolo de papel, abre-o sobre a mesa, e assenta-se da parte de cima. D. Antonia assenta-se á esquerda da mesa no lugar que occupou no principio do acto; o Camões na cadeira que occupava Marianna.)

Gregorio (*Em voz baixa, a Marianna*)—Não esteja aqui, retire se.

Marianna (*A meia voz*)—Que vem a ser isto?

Gregorio (*A meia voz*)—Logo o saberá.

(Marianna sae pela segunda porta á direita *—Gregorio fica no fundo á esquerda, e examina tudo.)

Camões (*Já assentado*)—Principiarei tomando o depoimento á senhora D. Antonia do Menino Deus.

D. Antonia—O meu depoimento! para quê?

Sebastião (*A'parte*)—Que trapalhada será esta?

Camões—A senhora terá a bondade de declarar quaes são as pessoas que frequentam a sua casa?

D. Antonia—Além de meu compadre, que é meu hospede, não entra aqui outra pessoa senão a nossa visinha tecedeira e o aguadeiro.

(O Escrivão escreve.)

Gregorio (*A'parte*)—O caso está intrincado.

Camões—Pois não vem outras pessoas a sua casa?

D. Antonia—Não senhor... a não ser alguma amiga minha que me vem visitar de tempos a tempos.

Camões—E a senhora D. Antonia não tem desconfinça que pessoa da sua familia introduza alguem de dia... ou de noite?...

D. Antonia (*Bençando-se*)—Jesus! Santo Nome de Jesus! Que está ahí dizendo, senhor Corregedor?

Camões—O que digo não deixa de ter algum fundamento. (*Para o fundo*) Mandem entrar o sapateiro.

Gregorio (*A'parte*)—Vae-se embrulhando o caso.

(Um official de justiça sae por um momento, e torna a entrar com Bartholomeu.)

* D. Antonia, o Camões, Sebastião; os mais uo fundo.

SCENA VII

OS MESMOS, E BARTHOLOMEU **

(O Desconhecido que está a meia scena, á direita, volta as costas a Bartholomeu quando elle passa. Bartholomeu corre tudo com os olhos, desce e fica em pé á esquerda do Corregedor.)

Camões—Chegue, senhor mestre!

Bartholomeu (*Descendo e fazendo cortezias a todos*)
—Estou ás ordens de sua mercê.

Camões (*A Bartholomeu*)—Consta-lhe que a casa d'esta senhora seja frequentada por algum homem estranho, principalmente de noite?

(Bartholomeu mastiga.)

D. Antonia—Ah senhor Corregedor! isto é uma grande injuria que se me faz; n'esta casa não entra sombra d'homem.

O Desconhecido (*Descendo alguma coisa*)—A sombra não decerto.

Camões (*A Bartholomeu*)—Diga o que sabe.

Bartholomeu (*Mastigando, e coçando-se*)—E' bem verdade que até hontem nunca vi entrar n'esta casa pessoa alguma que fizesse desconfiança; mas a noite passada... (*Mastiga.*)

Sebastião—A noite passada... o quê? (*A'parte*) Estou tremendo; mais valêra que a rapariga estivesse no casal.

Camões—Então, mestre! fala ou não fala? Você já fez o seu depoimento; agora queremos vêr como o ratifica!

Bartholomeu (*Coçando-se*)—Hontem á noite, antes das dez horas... vi sahir d'esta casa um vulto embuçado n'uma capa, e de chapéo derrubado .. fechou a porta da escada... e guardou a chave n'algibeira ..

Sebastião—Era eu que sahi para ir a casa do meu précurador.

D. Antonia—E' verdade, que havia de ser o compadre.

Bartholomeu (*Com a voz pausada*)—O senhor Se-

** D. Antonia, o Camões, Bartholomeu, Sebastião; os mais no undo.

bastião d'Arruda não ia de capa, nem de chapéo derrubado: sahiu ao anoitecer, e ainda eu estava trabalhando... por signal que estava batendo a sola, vejam se se lembram bem... e o sugeito que eu digo sahiu muito depois das nove horas.

Gregorio (*A'parte*)—Maldito espreitador!

Sebastião—O mestre está enganado nas horas.

D. Antonia—Valha-me a Senhora do Monte do Carmo!

Camões—Vamos ao resto!

Bartholomeu—Pouco antes da meia noite, vi o mesmo vulto abrir a porta e entrar...

Sebastião—Era eu quando vim de casa do précurador.

Bartholomeu—O senhor Sebastião sahiu ás Ave-Marias, e não se demorou meia hora... não tinha chave da porta como o outro, e foi preciso bater para que lh'a abrissem.

D. Antonia (*Bençando-se*)—Jesus! Santo Nome de Jesus! para que eu estava guardada!

Gregorio—Oh que patifel quem pudéra arrancar-lhe a lingua!

D. Antonia—Que se faça semelhante injuria a uma casa tam honrada como a minha!...

Camões—Mas que diz a isto, minha senhora?

D. Antonia—Que esse homem não têm dito senão mentiras... é um máo visinho! é um calumniador!

Camões (*A Bartholomeu*)—Retire-se (*Bartholomeu vae para o fundo fazendo muitas cortezias.*—*A D. Antonia*) Socegue, minha senhora... Uma dona de casa não pode vêr tudo o que se passa dentro d'ella; e talvez alguma pessoa da sua familia ..

D. Antonia—Em minha casa não se passa coisa que eu não saiba... E de mais, nem minha afilhada nem minha criada eram capazes...

Camões—Ora diga-me: a que horas veio hontem de casa de D. Francisca de Albuquerque?

D. Antonia—Que diz, senhor?! pois eu ponho lá os pés em semelhante casa! D. Antonia do Menino Deus não vae a casas de saráos... Foi tambem o sapa-teiro que levantou essa mentira?

Camões (*A'parte*)—E que tal é a afilhadinha, que avisou o amante para me fazer uma esperal... como ella me enganou!! (*Fica pensativo.*)

O Desconhecido (*A'parte*)—O Camões vae perdendo o fio á meada.

Sebastião—Ora o sôr Corregedor hade perdoar, mas parece que não quer outra coisa senão tirar a boa fama a esta familia. Qual é a fé que merece uma só testemunha, e de mais a mais uma testemunha d'aquella qualidade?

Camões—Pois persuade-se o senhor doutor d'aldêa que importa ás justiças d'El-rei que entre qualquer homem n'uma casa, quando os familiares d'ella lhe dão faculdade para isso? O caso é outro: ha toda a probabilidade que o homem, que tem uma entrada tam franca n'esta habitação, é o mesmo que hontem á noite teve uma briga n'essa rua, e deu duas estocadas n'uma personagem d'esta capital.

Gregorio (*A'parte*)—Estou salvo! pois cuidei que estava perdido de todo.

Camões (*Depois de um momento de reflexão, para o fundo*)—Chegue esse criado!

Gregorio (*Descendo para a direita e fazendo cortesias*)—Eu, sôr doitor Corregedor!

Camões—Sim, tu. Sabes... se de noite ou de dia entra n'esta casa algum homem extranho?

D. Antonia (*Levantando-se*)—Homem extranho! que quer isso dizer? Saiba o senhor doutor Corregedor que nem quando solteira, nem depois de viuva tenho dado que fazer ás más linguas!

Sebastião (*A'parte*)—Eu não estou em mim!

Camões (*A Gregorio*)—Então que respondes?

Gregorio—Eu cá nada sei do que me pergunta; nunca vi entrar ninguem n'esta casa ás escondidas.

Camões—Vê lá o que dizes... Olha que se não fallas verdade, vaes d'aqui mesmo para a cadêa.

Gregorio—Se ameaça lá com a cadêa, antão digo tudo o que o sôr Corregedor quizer... veja lá o que quer qu'eu diga?

Camões—O que eu quero?!... a verdade.

Gregorio—Antão já disse.

Camões (*Medindo-o com os olhos*)—Está bom, senhor. (*Gregorio retira-se para a direita.*—*A Sebastião levantando se*) Tenho alli um requerimento e uma representação que v. m. fez a El-rei sobre a accusação de que hoje ficou absolvido... Desejo saber quem lhe fez uma e outra coisa?

Gregorio (*Que ficou á direita, áparte*)--O homem vae aprofundando muito o caso.

Sebastião (*Indeciso*)--Esses papeis . . . são feitos por mim.

Camões--Escriptos pela sua mão, sim senhor; mas que v. m. os fizesse, isso não é verdade.--Pretendo saber quem lh'os ditou?

Sebastião (*Indeciso, e olhando para Gregorio*)--Já disse ao sôr Corregedor que são obra cá da minha cabeça e da minha mão.

Camões--Fale verdade; v. m. não tem o talento necessario para escrever d'aquella sorte . . . Tambem não são feitos por lettrado de profissão, porque lhe faltam as palavras do estylo e os termos da pratica. Mas quem os fez sabe soffrivelmente direito civil, e mesmo direito canonico.--Senhor juiz da vintena, não me venha deitar poeira nos olhos; quaes são os conhecimentos que v. m. tem para poder citar tantos paragraphos da Ordenação, Concilios e Santos Padres? V. m. sabe que pena tem quem mente a El-rei?

Gregorio (*A'parte*)--Eil-os commigo; mas não tem duvida. (*Chegando-se a Sebastião, a meia voz*)--Diga a verdade: que fui eu . . . não importa.

Sebastião (*Que ficou atemorizado*)--Pois sôr Corregedor, como era obra caseira, cuidei que podia dizer que era minha; mas na verdade, quem m'os fez escrever foi este meu criado. Elle é que me tem aconselhado em tudo.

O Desconhecido e Camões--Ah!!

O Desconhecido (*A'parte*)--Ambos fômos enganados . . . quem será o sujeito? (*Desce para a bocca da scena, á direita*)

Camões (*A'parte*)--Já vejo que não perco a minha vara. (*Em voz alta*) Venha para cá, senhor saloio, e diga-nos onde aprendeu direito civil, e direito canonico? V. m. é um prodigio; tem feito maravilhas!

(Gregorio aproxima-se)

Sebastião--Elle diz que aprendeu essas coisas lá em casa de um Desembargador do Paço a quem serviu.

Camões (*Aos officiaes*)--Vão dar busca a essas casas. (*O Escrivão levanta-se, e entra com quatro of-*

ficiaes pelas portas da direita.—A Gregorio) Então que me diz?

Gregorio—Meu amo já respondeu por mim.

D. Antonia—Estou pateta de tudo quanto vejo!

Camões—Pois com effeito aprendeu de ouvido todas aquellas coizas? Muito bem, muito bem!... Ora quem tal diria!—*(Ao official que ficou em scena)* Chame essa senhora moça que se retirou lá para dentro.

(O official entra na segunda porta á direita)

Gregorio *(A' meia voz)*—Senhor Corregedor, peço-lhe que faça isto de maneira que Marianna não fique desacreditada.

Camões—Até que finalmente descobri o coelho. *(Aproximando-se do Desconhecido, e a meia voz)* E' com effeito o nosso homem; e é um maroto de muito bom gosto.

O Desconhecido—Quem será elle? *(Tem subido alguma coisa á scena.)*

Camões *(A meia voz)*—Breve o saberemos. *(Rindo)* Pelo que vejo foi o que deu o conselho para eu vir preso entre oito varapáos... *(Voltando para a scena, á parte)* E estava de portas a dentro em quanto nós andavamos a rondar ao frio.

SCENA VIII

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, GREGORIO, O CAMÕES MARIANNA, O DESCONHECIDO e o OFFICIAL *(que fica no fundo)*

(Marianna vem atemorizada, e entra pela ultima porta á direita; o Desconhecido que já tem subido a scena diz-lhe quando ella passa por elle:)

O Desconhecido *(A meia voz a Marianna)*—Negue tudo. *(Torna a descer.)*

(Marianna olha para elle admirada e vem descendo a scena.)

Camões — Venha cá, minha senhora; faça favor de me dizer se conhece este homem?

Marianna *(Olhando para o Desconhecido, e depois para Camões)*—Conheço, sim senhor; é um creado do casal de meu pae.

O Desconhecido *(A' parte)*—Esta voz!... então não

era ella que conversou hontem á noite commigo da janella abaixo. (*Rindo*) Que tal está a peta!

Camões (*Depois de ter reflectido*)—E está com effeito persuadida que o senhor não é senão o que figura?

Marianna (*Depois de ter olhado para o Desconhecido*)—E então que hade elle ser?

Camões—Está bem. (*A Gregorio*) Ora, meu amigo, tenha a bondade de nos dizer quem é?

Gregorio (*Rusticamente*)—Sou o Gregorio, moço do casal aqui do sôr Sebastião d'Arruda.

O Desconhecido (*A'parte, rindo-se*)—Que tal é o sujeitoinho!

Camões (*Imitando as maneiras de Gregorio*)—Pois com effeito ainda quer continuar a figurar de sa-loio!

(Entram os quatro officiaes, com o Escrivão pela direita, trazendo uma capa, um chapeo derrubado, uma espada com bainha, outra sem ella, que põem em cima de duas cadeiras á esquerda. Camões vae examinar.)

Sebastião—Que me diz a isto, sôra comadre?

D, Antonia—Que me diz a isto, senhor compadre?

Camões (*A'parte*)—E' a minha espada. (*Descendo outra vez, e em voz alta*) * Alli está o trem com que sua mercê anda correndo as ruas, e dando a sua estocadasinha. Sempre o pilhei; pois já lhe ia perdendo as esperanças, e perdia uma apôsta de bastante valor.

Gregorio (*Com voz e gesto naturaes*)—Então foi o interesse da apôsta que obrigou o senhor Corregedor a fazer tam bem a sua diligencia?

Camões—Ah! v. m. está gracejando, senhor espada-chim; não sabe que feriu a noite passada (*Engrosando a voz comicamente*) um homem de muita consideração.

Gregorio—Eu, senhor ?!

(O Desconhecido faz signal aos officiaes, que se retiram para a direita fundo).

Camões—V. m. conhece-o muito bem: alli está a espada com que o senhor lhe ficou depois de o desarmar.

* D. Antonia, Marianna, Sebastião, Gregorio, O Desconhecido, Camões, Bartholomeu; e os mais no fundo.

Empreza da Historia de Portugal

Gregorio—Então briguei eu com elle em leal desafio e não me pódem criminar de assassino?

Camões—Tem razão, sim senhor; mas sempre o vou autoando, e d'aqui marcha para a cadêa. (*Procura com os olhos o escrivão.*)

Gregorio—Mas o senhor Corregedor é o proprio queixoso... (*Inclinando-se profundamente para o Desconhecido*) Appello para quem alli está embuçado; elle decidirá se a Ordenação permite que um homem possa ser juiz em causa propria?

El-Rei (*Largando a capa*) *—Não!

D. Antonia, Sebastião e Marianna—(*Curvando o joelho*)—El-rei!

(Camões e Gregorio tambem se inclinam, Bartholomeu egualmente.)

El-Rei (*fazendo signal para que se ergam.*)—A Gregorio)—Quem és?

Gregorio—Perdõe-me vossa magestade as minhas extravagancias... (*Indicando Marianna*) Eis alli a desculpa... Sou um estudante da Universidade, e chamo-me Diniz Homem.

D. Antonia (*A meia voz a Marianna*)—Diniz Homem! E' o noivo que eu te queria dar.

Marianna—Ah!

Camões (*A parte*)—E o mais é que está salvo, e eu com um braço aleijado.

El-rei—Com effeito, senhor Diniz Homem, tem v^o m. rido muito á custa de muita gente. (*A meia voz.*) Já sei quem me falou hontem á noite da janell^a abaixo.

Diniz (*Affectando muito respeito.*)—Peço perdão a vossa magestade.

El-rei (*A meia voz.*)—E a minha carta?

Diniz (*Apresentando-lh'a.*)—Eil-a aqui, meu senhór.

El-rei (*Recebendo-a, e a meia voz*)—Não cahiu na tentação de a abrir... Pois é o que lhe vale. (*Em voz alta.*) Ha coisas que não precisam muita explicação. (*A D. Antonia e a Sebastião.*) Diniz Homem pretende casar com D. Marianna, eu sou o padrinho... julgo que todos consentem?...

Sebastião—Vossa magestade manda.

D. Antonia—Com muito gosto, real senhor; era o noivo que eu lhe destinava. É verdade que é muito extravagante, mas já seu pae assim era; eu que o diga!

El-rei (*Rindo.*)—Pois com effeito! (*A Diniz.*) Que estudava na Universidade?

Diniz—Direito civil, meu senhor, e estava no ultimo anno; mas infelizmente não posso fazer os meus actos, porque as faltas são muitas.

El-rei (*Voltando-se para o Camões.*)—Camões, julga que se poderão dispensar os actos a um resuscitado?

Camões—Pois não, meu senhor; e elle que está prompto... Que mais havia de ir aprender a Coimbra?

El-rei—Pois bem; está vago um lugar de juiz de fóra perto de Lisboa, e...

Diniz (*Como acima.*)—Beijo as mãos a vossa magestade... mas se podesse ser para mais longe?...

El-rei (*Rindo.*)—Bem o entendo; irá para uma das provincias do norte... Será longe bastante?

Diniz—Nunca de mais, meu senhor.

Côro

(*Apontando para os actores*)

Se o pintor d'estes retratos
Com perfeição os não fez,
Tende indulgencia com elle,
Fará melhor outra vez.

D. Antonia

E ter eu dentro de casa
(Ora quem tal pensaria!)
O fogo perto da estôpa;
Tudo a arder! Santa Maria!

Sebastião (*A'parte*)

Ora se os grandes da terra
D'estes exemplos nos dão,
Que esperam estes senhores
Que faça um p'bre peão?

Bartholomeu

(*Apparecendo na extrema direita*)

Quem não espreita não sabe
Meu mestre assim o dizia,
E do que tenho espreitado
Forte livro se fazia!

Camões

Coimbra tem produzido,
Apezar dos verdeaes,
Heroes de fama preclara

(Indicando Gregorio)

Elle, e eu, e outros que taes.

Diniz

No quadro da vida humana
Não se encontra muito sizo;
A'quelle que é menos louco
Chama-se homem de juizo.

Côro

Se o pintor d'estes retratos
Com perfeição os não fez,
Tende indulgencia com elle,
Fará melhor outra vez

Copia da sentença exarada a fl. 177 do original
do drama em 3 actos «Camões do Rocio»

Tendo-se resolvido em conferencia geral do Conservatorio do primeiro do corrente, que a comedia em tres actos, *O Camões do Rocio*, merecia ser admittido ás provas publicas, aconselhando-se ao autor mais alguma vivacidade no estylo, digo, no dialogo, e alguns toques mais característicos na personagem que dá o titulo ao drama; mando que a dita peça seja entregue ao empresario do Theatro nacional normal de Lisboa para que se represente. Lisboa, Inspecção geral dos Theatros e espectaculos publicos, em quatro de Dezembro de mil oitocentos trinta e nove.—*J. B. de Almeida Garrett.*

Está conforme.—Secretaria da Inspecção geral dos Theatros e espectaculos do reino, em 9 de Maio de 1842.

Copia da sentença definitiva exarada a fl. 119
do mesmo drama

Tendo-se resolvido, na conformidade do artigo cincoenta e tres, capitulo quinze, titulo segundo dos Estatutos, em sessão plena e publica do Conservatorio Real de vinte seis de Março de mil oitocentos quarenta e dois que, entre os dramas admittidos ás provas publicas nos annos de mil oitocentos trinta e nove a mil oitocentos e quarenta e de mil oitocentos e quarenta a mil oitocentos quarenta e um, deviam obtêr o premio definitivo os seguintes: a saber:—*Os Dois Renegados*—*O Camões do Rocio*—*Os Dois Campeões*—e *O Captivo de Fez*,—immediatamente se procedeu á abertura das cedulas, ha-

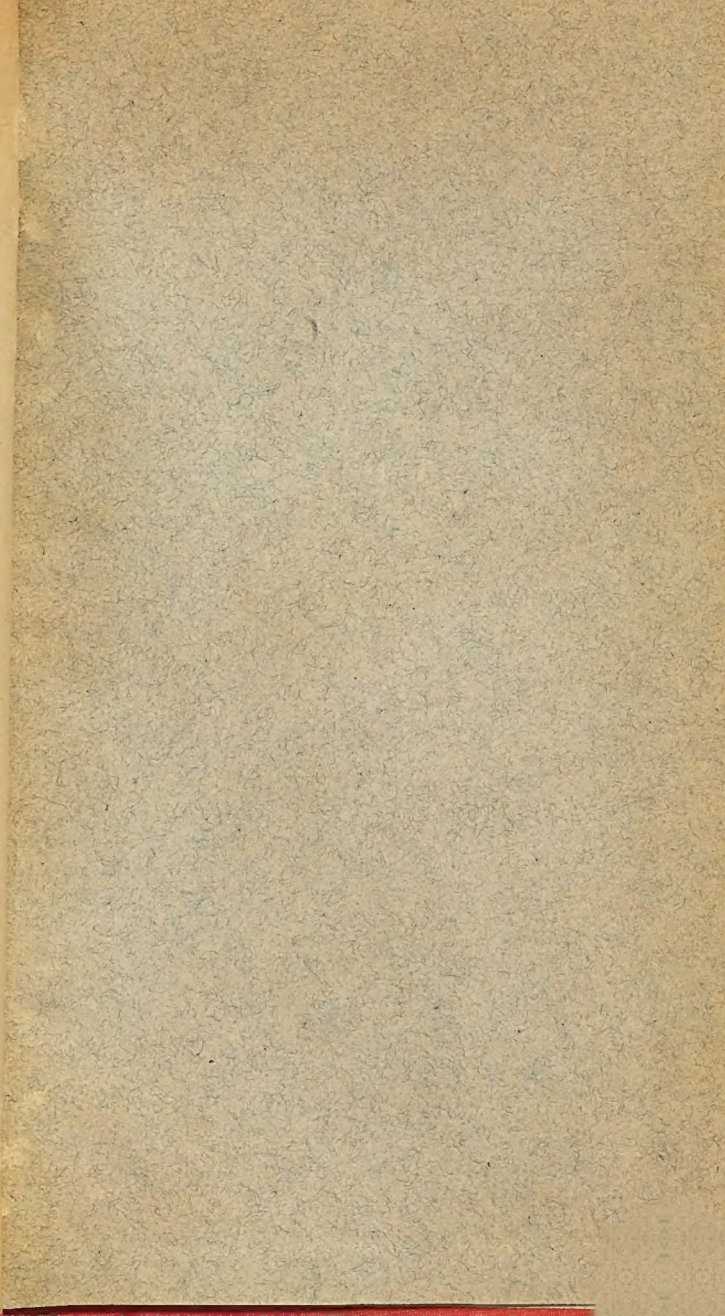
vendo-se por dispensado o que determina o artigo cincoenta e quatro dos Estatutos, em attenção á extrema demora que este processamento havia tido; e foram proclamados por autores das ditas peças: a saber: dos *Dois Renegados* o sr. José da Silva Mendes Leal Junior—do *Camões do Rocio* o sr. Ignacio Maria Feijóo—dos *Dois Campeões* o sr. D. Pedro de Costa de Souza de Macedo—e do *Captivo de Fez* o sr. Antonio Joaquim da Silva Abranches. Portanto, mando que se expeça a favor de cada um dos ditos autores, ou de seus cessionarios, ordens de pagamento pela somma complementar do premio sobre o empresario que é, ou era, do Theatro nacional normal a quem, na forma das escripturas, incumbe satisfazel-o. Conservatorio Real de Lisboa e Inspecção geral dos Theatros e espectaculos do reino em trinta de Março de mil oitocentos quarenta e dois.—O vice-presidente do Conservatorio e Inspector geral dos Theatros—*Joaquim Larcher*.

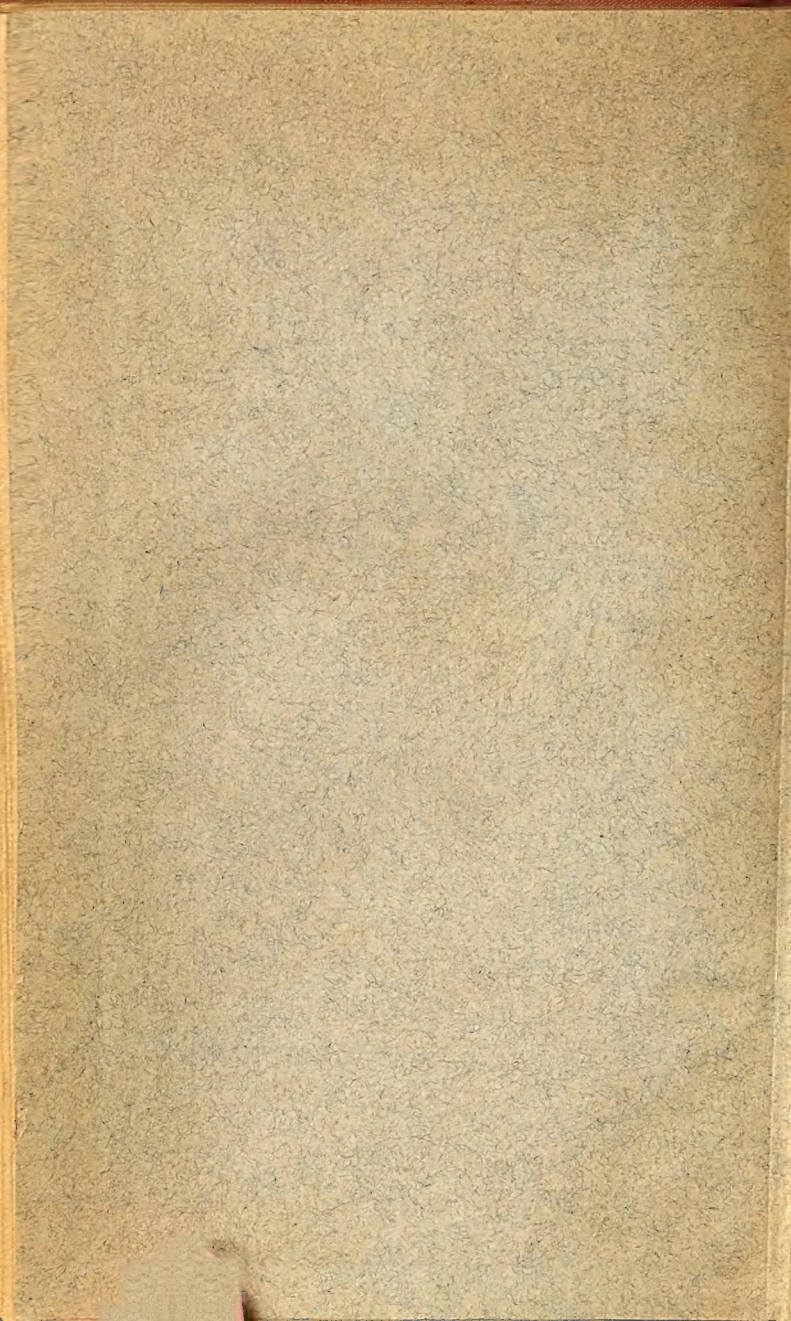
Está conforme.—Secretaria da Inspecção geral dos Theatros e espectaculos do reino em 9 de Maio de 1842.—O Secretario, *Antonio Gomes Lima*.

INDICE

	Pag.
FALAR VERDADE A MENTIR — Introducção.....	1
Acto unico	3
AS PROPHECIAS DO BANDARRA.....	31
Acto primeiro	33
Acto segundo	54
O NOIVADO NO DÁFUNDO — Introducção	76
Epistola romantica	77
Acto unico	79
O CAMÕES DO ROCIO	95
Acto primeiro....	97
Acto segundo	118
Acto terceiro	141
Cópia das sentenças exaradas no original do drama <i>O Camões do Rocio</i>	159









PANLINO-ENG.

PQ 9261.A575 1904

Obras complet

cen



3 0081 001 545 056